

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

RAFAEL TERRA DALL' AGNOL

**BIOGRAFIA E *HISTORIA MAGISTRA VITAE*:
APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS NO BRASIL OITOCENTISTA**

PORTO ALEGRE

2020

RAFAEL TERRA DALL' AGNOL

**BIOGRAFIA E *HISTORIA MAGISTRA VITAE*:
APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS NO BRASIL OITOCENTISTA**

Tese de doutorado, elaborada sob orientação do Prof. Dr. Temístocles Cezar e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História.

PORTO ALEGRE

2020

CIP - Catalogação na Publicação

Dall'Agnol, Rafael Terra
Biografia e História Magistra Vitae: aproximações e
afastamentos no Brasil oitocentista / Rafael Terra
Dall'Agnol. -- 2020.
155 f.
Orientador: Temistocles Cezar.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto
Alegre, BR-RS, 2020.

1. História do Brasil. 2. Historiografia
Brasileira. 3. Escrita da História. 4. Escrita
Biográfica. I. Cezar, Temistocles, orient. II.
Titulo.

RAFAEL TERRA DALL' AGNOL

**BIOGRAFIA E *HISTORIA MAGISTRA VITAE*:
APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS NO BRASIL OITOCENTISTA**

Tese de doutorado, elaborada sob orientação do Prof. Dr. Temístocles Cezar e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História.

Aprovado em: Porto Alegre, 19 de agosto de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Temístocles Cezar – Orientador (UFRGS)

Prof. Dr. Evandro dos Santos (UFRN)

Prof. Dr. Juliano Antonioli (LUPPA-IFCH-UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Luciana Fernandes Boeira (SMED/POA)

Prof^a. Dr^a. Renata Dal Sasso Freitas (UNIPAMPA)

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPG/História/UFRGS), por todo o apoio prestado durante o doutorado. Da mesma forma, estendo o agradecimento a todos aqueles que foram meus professores durante o curso de graduação em História na UFRGS. Tenho toda a certeza de que cada aula e leitura realizadas ao longo daqueles, já longínquos, quatro anos acrescentaram enormemente para a minha formação acadêmica.

Aos professores Evandro dos Santos e Renata Dal Sasso pelas críticas e sugestões que foram apontadas durante minha banca de qualificação. E se não consegui evitar todos os erros apontados, assumo inteira responsabilidade por isso. Aos professores e pesquisadores Juliano Francesco Antonioli e Luciana Fernandes Boeira que, assim como os anteriormente citados, aceitaram o convite para fazer parte da banca examinadora final.

Um agradecimento especial ao professor Temístocles Cezar, a quem credito não somente a orientação desta tese, mas acima de tudo meu amadurecimento intelectual. Com ele compartilho os possíveis acertos deste trabalho.

Sou grato aos amigos e colegas que fiz durante os anos de graduação, mestrado e doutorado na UFRGS. De forma especial, gostaria de agradecer a Antenor Savoldi Junior e William Amaral dos Passos Rambo, pelas risadas e aflições trocadas sobre os prazos a serem cumpridos durante os anos de pesquisa.

A todos agradeço por terem me ajudado a compreender que, embora a vida seja mutação, com aproximações e afastamentos, ela também é sinônimo de convivência. Durante a realização deste trabalho, percorri três estados diferentes, com cenários e climas os mais diversos possíveis. Fiz amigos que, de uma forma ou de outra, estarão sempre presentes em mim, comprovando o fato de que a alegria se materializa no seu compartilhamento. Em particular, simbolizando um período muito especial da minha vida, agradeço a Afrânio Furtado de Oliveira Neto e José Celso de Castro.

Aos meus familiares pelo apoio incondicional e insubstituível, sobretudo por nunca fazerem aquela famosa pergunta sobre “como vai a tese”. Da mesma forma, não há palavras para expressar minha gratidão à Daniela Bulcão Santi pelo companheirismo e apoio irrestrito. Mesmo assim, muito obrigado.

*“Não se pode interpretar a obra a partir da vida.
Mas pode-se, a partir da obra, interpretar a
vida”*

SONTAG, Susan. **Sob o signo de Saturno**

“A história é a essência de inúmeras biografias”

CARLYLE, Thomas. **On History**

*“Não existe propriamente a história, apenas
biografias”*

EMERSON, Ralph Waldo. **History**

RESUMO

Pereira da Silva (1817-1898) foi um dos historiadores mais profícuos do século XIX. No ano de 1847, ele publica *Plutarco Brasileiro*. Nessa obra, encontram-se vinte biografias de importantes personalidades que, na sua imensa maioria, viveram durante o período colonial, sobretudo de escritores e poetas. Uma leitura mais detalhada da obra em questão permite depreender que a relação estabelecida com o tempo ali é, em um primeiro momento, caracterizada pela ideia de continuidade entre passado, presente e futuro, em que o passado parece ser o princípio norteador entre os três estratos temporais. Nesse sentido, a biografia, ou em melhores termos, a escrita biográfica torna-se útil na medida em que possibilita o cumprimento de um dever para com os tempos pretéritos. Ou seja, há implícito em *Plutarco Brasileiro* um sentido moralizante, encomiástico e memorialístico. Com isso, a opção pela biografia, enquanto gênero de escrita, aproximava-se da *historia magistra vitae* na tentativa de legar à posteridade os feitos dos homens do passado para serem passíveis de imitação no presente. Por sua vez, *Um estadista do Império*, de Joaquim Nabuco (1849-1910), é publicado no ano de 1898. A obra conta a vida de José Tomás Nabuco de Araújo Filho. Contudo, para além de somente retratar a vida de seu pai, Nabuco também busca traçar um quadro de época, no caso o Segundo Reinado. Ao buscar isso, a obra ultrapassou os limites encontrados pela biografia de dever memorialístico. Esta tese busca compreender de que modo biografia e história se relacionaram no Brasil do século XIX, tendo como eixo central de análise os trabalhos dos referidos autores. Objetiva-se, por conseguinte, demonstrar que as aproximações entre biografia e história não se estabeleceram por uma única diretriz. A hipótese é que essa mudança, que não se dá de maneira linear e nem progressiva, está associada à própria disciplina histórica, pensada como singular coletivo. Na medida em que a história busca sua autonomia disciplinar e passa por reconfigurações relacionadas ao tempo histórico, a produção de biografias parece indicar uma importante mudança em sua concepção.

Palavras-chave: História do Brasil; Historiografia Brasileira; Escrita da História; Escrita Biográfica.

ABSTRACT

Pereira da Silva (1817-1898) was one of the most fruitful historians of the 19th century. In the year 1847, he published *Plutarco Brasileiro*. In this work, there are twenty biographies of important personalities who, in the vast majority, lived during the colonial period, especially of writers and poets. A more detailed reading of the work in question allows us to understand that the relationship established with time there is, at first, characterized by the idea of continuity between past, present and future, in which the past seems to be the guiding principle between the three strata temporal. In this sense, biography, or in better terms, biographical writing becomes useful to the extent that it makes it possible to fulfill a duty towards past times. In other words, there is implicit in *Plutarco Brasileiro* a moralizing, commendable and memorialistic sense. With this, the option for biography, as a genre of writing, approached the history *magistra vitae* in an attempt to bequeath to posterity the deeds of men of the past to be subject to imitation in the present. In turn, *A statesman of the Empire*, by Joaquim Nabuco (1849-1910), is published in the year 1898. The work tells the life of José Tomás Nabuco de Araújo Filho. However, in addition to only portraying his father's life, Nabuco also seeks to draw a picture of the period, in this case the Second Reign. In seeking this, the work went beyond the limits found by the biography of memorialistic duty. This thesis seeks to understand how biography and history were related in 19th century Brazil, having as a central axis of analysis the works of these authors. Therefore, the objective is to demonstrate that the approximations between biography and history were not established by a single guideline. The hypothesis is that this change, which is neither linear nor progressive, is associated with the historical discipline itself, thought of as a collective singular. As history seeks its disciplinary autonomy and undergoes reconfigurations related to historical time, the production of biographies seems to indicate an important change in its conception.

Keywords: History of Brazil; Brazilian Historiography; History Writing; Biography Writing.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - BIOGRAFIA E <i>HISTORIA MAGISTRA VITAE</i>: SOBRE A PERMANÊNCIA DO <i>TOPOS</i>	22
1.1 O papel do indivíduo na busca por uma literatura eminentemente nacional: o “pequeno x”.....	24
1.2 Entre o individual e o coletivo: a história ainda ensina?.....	40
1.3 Plutarco entre os letrados oitocentistas.....	52
CAPÍTULO 2 - DA NAÇÃO À HISTÓRIA: MODULAÇÕES DO GÊNERO BIOGRÁFICO	62
2.1 Modulações do gênero biográfico: a biografia para além do dever memorialístico.....	63
2.2 Movimento e vida de uma existência. História e trajetória singular a ser relatada: aproximações entre a escrita histórica e a biográfica.....	72
2.3 Biografia, <i>historia magistra vitae</i> e tempo histórico.....	91
CAPÍTULO 3 - A BIOGRAFIA PARA ALÉM DO INDIVÍDUO: DO PARTICULAR AO GERAL	98
3.1 Em nome do pai. Em nome do Império: Nabuco de Araújo visto por Joaquim Nabuco.....	103
3.2 Entre guerras e revoluções: sobre os usos políticos da biografia.....	111
3.3 Da cor local ao caráter local: o Estadista.....	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133
ANEXOS	143

INTRODUÇÃO

No ano de 1898, é publicada a obra *Um estadista do Império*.¹ Escrito por Joaquim Nabuco, e composto por três tomos, os livros têm por objetivo narrar a vida de seu pai, o senador José Tomás Nabuco de Araújo Filho. Contudo, para além de somente retratar a existência do político brasileiro, Nabuco, como deixa claro no prefácio de seu trabalho, buscava algo a mais: “Escrevendo a vida do último senador Nabuco de Araújo, não dou senão uma espécie de vista lateral da sua época”.² Quer dizer, “A figura central do segundo reinado é o próprio Imperador, e só quem lhe escrevesse a Vida e a ilustrasse com os documentos que ele deve ter deixado poderia pôr em foco, em seu ponto de convergência, a *Grande Era Brasileira*, a qual lhe pertence”.³

Como escreve nos seus diários, é em meio aos estampidos ouvidos nas ruas do Rio de Janeiro que o autor de *O Abolicionismo* começará a catalogação dos arquivos de seu pai. A tarefa não será fácil, pois apenas a leitura da quantidade de material disponível ocupou Joaquim Nabuco por um ano. Entre 1893 e 1894, enquanto se ouviam os duelos das artilharias do mar e da terra, a primeira etapa do seu trabalho estava feita. Posteriormente, tratou-se de reunir e dispor cronologicamente o material coligido para compor a estrutura completa da obra.⁴ É interessante observar que será em uma das primeiras graves crises da incipiente República que Nabuco retratará a *Grande Era Brasileira*.

Trinta e seis anos antes, durante o relatório do primeiro secretário do IHGB, o cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, presente na *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), observa-se ideia semelhante. Referindo-se ao trabalho de Antônio Deodoro de Pascual, no caso a biografia do oficial militar argentino Rosas, Pinheiro destaca a capacidade do escritor de registrar a vida do antigo governador de Buenos Aires. Além disso, é realçada a acertada junção, para os sócios do IHGB, entre o particular e o geral, o individual e o coletivo. Para achar os motivos que propiciaram a Rosas assumir o poder, Deodoro de Pascual teve de recorrer à história. Nos dizeres de Fernandes Pinheiro, “inquirindo as causas que preparam semelhante peripécia, pensa o nosso colega encontrá-las na preponderância do

¹ NABUCO, Joaquim. **Um estadista do Império**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997. 2 v

² Ibidem, p. 32.

³ Ibidem, loc. cit.

⁴ NABUCO, Joaquim. **Diários**. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2006.

elemento gaúcho".⁵ Aqui, diferentemente do ocorrido em *Um estadista do Império*, não se trata de tentar traçar um quadro de época, mas o conhecimento histórico é importante na inteligibilidade não somente dos acontecimentos passados, como também da própria vida do general Rosas.

Algo similar ocorre no parecer sobre a admissão dos sócios do IHGB. Referindo-se ao trabalho de Antônio Henriques Leal, intitulado *Notícia acerca da vida e obras de João Francisco Lisboa*, o relator destaca as dimensões políticas e literárias do trabalho biográfico de Henriques Leal, reproduzindo quadros históricos pretéritos, sendo capaz de "pôr-nos os objetos diante dos olhos com todas as suas cores".⁶

Esses exemplos, ainda que expostos brevemente acima, parecem ser sintomáticos de uma mudança que a escrita biográfica alcançará ao longo do Brasil oitocentista. Tal mudança denota a pretensão de um alcance mais ampliado para as biografias, a saber, o acesso privilegiado ao tempo histórico em que eles, os notáveis do passado, viveram. Não se trata apenas de outro foco de análise, isto é, privilegiar as narrativas históricas presentes nas escritas de vidas, mas de analisar a maneira como passado, presente e futuro são articulados. Isso não quer dizer que se observa uma evolução qualitativa no estatuto biográfico. As modulações subjacentes à escrita biográfica também correspondem a demandas diferenciadas às quais os letrados do século XIX tiveram de enfrentar, como pretendo desenvolver nesta tese.

Machado de Assis, ao comentar *Um estadista do Império*, escreve que Joaquim Nabuco "conta a vida de seu ilustre pai, não à maneira seca das biografias de almanaque, mas pelo estilo dos ensaios ingleses". Ao proceder dessa forma, Nabuco consegue fazer "reviver aqueles e outros tempos, contribuindo para a história do século XIX, quando algum sábio de 1950 vier contar as nossas evoluções políticas".⁷ Esse texto encontra paralelo com o de autoria de José Veríssimo, intitulado *Um historiador político. O Sr. Joaquim Nabuco*. Nesse artigo ele elogia Joaquim Nabuco por esse conseguir, a partir da biografia de seu pai, expor uma época, quase a totalidade da história do Segundo Reinado.⁸

⁵ PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, 1864, parte II, pp. 394-395. A grafia das citações foi atualizada.

⁶ **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro, tomo 29, p. 403-415, 1866.

⁷ ASSIS, Machado de. Machado de Assis comenta *Um estadista do Império*. In: NABUCO, Joaquim. **Um estadista do Império**. Rio de Janeiro:Topbooks, 1997. 2 v, p. 1286.

⁸ VERÍSSIMO, José. *Um historiador político. O Sr. Joaquim Nabuco*. In: NABUCO, Joaquim. **Um estadista do Império**. Rio de Janeiro:Topbooks, 1997. 2 v, pp. 1293-1315.

Algo bem diferente é o que ocorre com o historiador João Manuel Pereira da Silva. No ano de 1847, ele publica *Plutarco Brasileiro*.⁹ Nessa obra, encontram-se vinte biografias de importantes personalidades que, em sua imensa maioria, viveram durante o período colonial, sobretudo de escritores e poetas.¹⁰ Como assinala na introdução da obra, sua preferência pela forma biográfica se devia ao fato de que “[...] por lhe parecer que narrando a história dos homens ilustres do seu país conjuntamente com as dos grandes sucessos, que tiveram lugar durante suas vidas, mais agradava a seus leitores, e mais folgas lhe dava a sua atenção [...]”.¹¹ Talvez a reedição da obra, no ano de 1858, sob o nome de *Os varões illustres do Brazil durante os tempos coloniâes* seja um indício de que o biógrafo tenha conseguido a aprovação do público leitor.¹² No entanto, a obra de 1847 também encontrou fortes críticas em alguns periódicos na imprensa do Rio de Janeiro. A principal crítica reside na falta de ordenação cronológica na obra. Segundo um dos críticos, “acerca do plano geral da obra acho que mais regular me parecia que as biografias, que o autor escreveu, seguissem a ordem cronológica dos tempos em que viveram, e não dispersas e sem liga entre si como se acham”.¹³

Uma leitura mais detalhada da obra em questão permite depreender que a relação estabelecida com o tempo é, em um primeiro momento, caracterizada pela ideia de continuidade entre passado, presente e futuro, em que o passado parece ser o princípio norteador entre os três estratos temporais.¹⁴ Nesse sentido, a biografia, ou em melhores termos, a escrita biográfica torna-se útil na medida em que possibilita o cumprimento de um

⁹ SILVA, João Manuel Pereira da. **Plutarco Brasileiro**. Rio de Janeiro: Em Casa dos Editores Eduardo e Henrique Laemmert, 1847. 2 v

¹⁰ Os biografados por Pereira da Silva são: Jorge Coelho de Albuquerque (1539-1596); Padre José de Anchieta (1533-1597); Antonio Pereira Sousa Caldas (1762-1814); Fr. Francisco de São Carlos (1763-1829); José Basílio da Gama (1741-1795); Thomaz Antonio Gonzaga (1744-1810); Alexandre de Gusmão (1695-1753); Cláudio Manuel da Costa (1729-1789); Antonio José da Silva Coutinho (1705-1739); Gregório de Matos (1636-1695); Fr. José de Santa Rita Durão (1722-1784); Ignacio José de Alvarenga Peixoto (1742-1792); Manuel Ignacio da Silva Alvarenga (1748-1814); Salvador Correia de Sá e Benavides (1602-1688); Sebastião da Rocha Pitta (1660-1738); D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho (1742-1821); José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838); José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo (1753-1830); D. Francisco de Lemos de Faria Pereira (1735-1822) e José da Silva Lisboa (1756-1836).

¹¹ SILVA, 1847, p. vii-viii.

¹² SILVA, João Manuel Pereira da. **Os varões illustres do Brazil durante os tempos coloniâes**. Pariz: Livraria de A. Franck...; Livraria de Guillaumin..., 1858. 2 v.

¹³ SILVA, 1847, v.2, p. 236.

¹⁴ A dedicatória em homenagem a D. Pedro II, assim como a afirmação de que, com sua obra, buscava servir ao país parecem reforçar essa afirmativa feita acima. Além disso, em seus biografados, o autor sempre enaltece como, no passado, seus serviços foram valorosos para a formação da até então incipiente nação brasileira. Quando escreve sobre Thomaz Antonio Gonzaga, por exemplo, Pereira da Silva reforça a sua luta pela libertação do Brasil, deixando em segundo plano a origem portuguesa do poeta: Que importa pois que um acaso, e puro acaso, o fizesse nascer em Portugal? A sua gloria é gloria do Brasil, porque foi o Brasil terra de seu pai; porque no Brasil viveu Thomaz Antonio Gonzaga sua infância, e quase toda a sua vida; e porque pelo Brasil padeceu, e penou quando se ligou com outros Brasileiros ansiosos de libertarem sua pátria do jugo português, e de a declararem independente. SILVA, João Manuel Pereira da. **Plutarco Brasileiro**. op. cit., p. 177.

dever para com os tempos pretéritos. Ou seja, há implícito em *Plutarco Brasileiro* um sentido moralizante, encomiástico e memorialístico. Com isso, a opção pela biografia, enquanto gênero de escrita, aproximava-se da *historia magistra vitae* na tentativa de legar à posteridade os feitos dos homens do passado para serem passíveis de imitação no presente, o que caracteriza um espaço de experiência contínuo em que as três ordens de temporalidade – passado, presente e futuro – confundem-se através da exemplaridade, repetição e imitação.

Encontram-se assim no Brasil oitocentista duas modulações subjacentes à produção biográfica. Em um primeiro momento história e biografia partilhavam a difícil tarefa de narrar o tempo da nação, disso resultando o fato de as biografias estarem sujeitas às mesmas exigências estabelecidas para com o conhecimento histórico, no instante em que se objetivava consolidar a história como ciência. Posteriormente, essa modulação encontra outra, que representa a contribuição da produção de biografias como chaves de acesso e compreensão do passado. Em outras palavras, para além de contribuir para a formação de um sentimento de pertencimento nacional, a escrita biográfica permite um acesso privilegiado às épocas passadas. Na medida em que a história busca a autonomia disciplinar e passa por reconfigurações subjacentes ao tempo histórico, a produção de biografias parece indicar uma importante mudança e *Um estadista do Império* representa um exemplo disso. Além do mais, a mudança de regime político e a instabilidade dos períodos iniciais da República brasileira são contrastadas com a Monarquia. A biografia é utilizada como dispositivo de acesso a uma época que em nada se assemelhava ao que se passava naquele momento.

A partir das considerações acima, tendo como base a leitura de trabalhos biográficos escritos no Brasil oitocentista, analisar a permanência do topos da *historia magistra vitae* na prática biográfica constituiu um objetivo subjacente a todo esse trabalho. Acompanhando a busca da história pela sua autonomia disciplinar e as reconfigurações do tempo histórico, as biografias tornam-se importantes como chaves de acesso e compreensão do passado. Mesmo que, conforme será demonstrado mais detalhadamente, observa-se o surgimento de um alcance mais ampliado na escrita biográfica, a história ainda ensina, porém em outros termos. Em *Um estadista do Império*, Nabuco, escrevendo em um contexto marcado pela instabilidade dos momentos iniciais da República brasileira, mira o passado. Ao se lançar na busca da reconstituição biográfica de seu pai, o autor encontra a Monarquia, um período que em nada se assemelhava ao que ele estava vivenciando. Ao oferecer ao seu leitor, uma “espécie de vista lateral” da época em que Nabuco de Araújo era um grande estadista, o historiador permite, àqueles que se debruçavam sobre sua obra, uma comparação conduzida,

muitas vezes, pelas opiniões e juízos de seu autor, entre épocas diferentes e regimes políticos distintos. Se o passado em nada se parecia com o presente, ao se debruçar sobre o ontem, contudo, ainda prevalece a crença de que é possível compreender melhor o hoje.

Posto isso, o objetivo principal desta tese de doutorado será o de buscar compreender de que modo se relacionaram biografia e história no Brasil do século XIX, a partir das diferentes modulações subjacentes à escrita biográfica encontradas nesse período. Por meio da análise dos dois objetos de estudo principais deste trabalho, a saber, *Plutarco Brasileiro* e *Um estadista do Império*, é possível observar que as aproximações entre biografia e história não se estabeleceram por uma única diretriz e estavam sujeitas a diferentes demandas com as quais os letrados do século XIX se depararam, conforme afirmado anteriormente. A hipótese é que essa mudança, que não se dá de maneira linear e nem progressiva, está associada à própria disciplina histórica, pensada como singular coletivo.¹⁵

Pois bem, objetivando uma maior compreensão acerca da relação entre história e biografia no Brasil oitocentista, os trabalhos dos historiadores Benito Bisso Schmidt e Maria da Glória de Oliveira nos auxiliam nas questões levantadas a seguir.

Benito Schmidt, em *Biografia e regimes de historicidades*, aborda, na primeira parte de seu artigo, a trajetória do gênero biográfico a partir da noção de regimes de historicidade formulada por François Hartog.¹⁶ De acordo com o historiador brasileiro, pelo menos até o final do século XVIII e início do XIX, as escritas de vidas eram caracterizadas pela busca de oferecer modelos a serem seguidos ou evitados. Isto é, objetivava-se estimular, privilegiando a narrativa de trajetórias individuais pretéritas, uma conduta cívica no indivíduo que, sobretudo em se tratando do Brasil oitocentista, estava vinculada à formação de forte

¹⁵ Exemplo disso é o fato de encontrar, ainda que de maneira muito incipiente, uma modulação do biográfico já em *Plutarco Brasileiro*. KOSELLECK, Reinhart. *Historia Magistra Vitae – Sobre a dissolução do topos na história moderna em movimento*. In: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, pp. 41-60.

¹⁶ SCHMIDT, Benito Bisso. *Biografia e regimes de historicidade*. **Métis – História & Cultura**, v.2, n.3, p. 57-72, jan./jun. 2003.

sentimento de pertença nacional.¹⁷ Com isso, as biografias acompanham um regime de historicidade que tinha no passado seu fio condutor, pois cabia a este iluminar o futuro.¹⁸ A afirmativa de Plutarco, em *Vidas Paralelas*, é um exemplo sintomático disso quando escreve que “a história dos grandes homens é como um espelho que eu olho a fim de trabalhar para, em alguma medida, regravar a minha vida e me conformar à imagem de sua virtude”¹⁹. A história acompanha em grande parte o regime antigo de historicidade até o início do século XIX.

Compartilhando a mesma noção de tempo, se seguirmos as formulações de Hartog, biografia e história encontram-se relacionadas por meio de dois movimentos. Ambas compartilham a difícil tarefa de escrever a história da nação e, por outro lado, a produção de biografias constitui importante *corpus* documental para viabilizar o projeto de confecção da história geral do país. Como argumenta Joaquim Manoel de Macedo, primeiro secretário interino do IHGB, em 1852, “a coleção das nossas Revistas se tem tornado em um cofre precioso, onde se guardam em depósito tesouros importantíssimos”, pois “[...] abastança do nosso arquivo a alimenta convenientemente, dando lugar à publicação de interessantes memórias e preciosos manuscritos cuja leitura e consulta já é uma necessidade [...] para aqueles que premeditam escrever a história pátria...”.²⁰ A escrita biográfica, embora dotada de convenções próprias, para ser incorporada ao trabalho do historiador, submete-se aos procedimentos de crítica histórica.²¹ Não obstante, mesmo partilhando objetivos comuns, ambos os gêneros não podem ser considerados como imutáveis ou inalteráveis em que as discontinuidades históricas não estejam presentes.

Portadora de *exempla*, a biografia dos grandes homens insere-se em um projeto de ordem historiográfica, no qual o mundo se transforma mediante a ação dos grandes homens.²²

¹⁷ A escrita biográfica possui uma longa tradição no mundo ocidental. Não é o objetivo aqui demonstrar os diferentes usos das biografias dentro de uma concepção de história como *magistra vitae* do conhecimento. Mesmo que o caráter normativo e pedagógico se mantenha, existem objetivos específicos vinculados aos seus contextos de elaboração. No Brasil das primeiras décadas do século XIX, a produção de biografias insere-se na busca dos elementos constituintes do ser brasileiro.

¹⁸ HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiência do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

¹⁹ PLUTARCO apud SCHMIDT. In: Biografia e regimes de historicidade. **Métis – História & Cultura**, v.2, n.3, p. 57-72, jan./jun. 2003, p. 58.

²⁰ **RIHGB**, t.XV, 1852, p. 492.

²¹ CF. OLIVEIRA, Maria da Glória de. Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1850). **HISTÓRIA**, SÃO PAULO, v. 26, n. 1, p. 154-178, 2007.

²² CEZAR, Temístocles. Lições sobre a escrita da história: as primeiras escolhas do IHGB. A historiografia brasileira entre os antigos e os modernos. In: DAS NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira; GUIMARÃES, Lucia

Além disso, encontra-se na escrita biográfica não somente instrução, reforçando seu aspecto pedagógico e exemplar, mas também deleite. A epígrafe utilizada por Pereira da Silva, na reedição de *Plutarco Brasileiro* reforça isso: “L’histoire n’a point de partie plus agréable et plus instructive que la vie particulière des grands et vertueux personnages qui on fait figure distinguée sur le théâtre du monde”.²³ Pertencente a Victor Cousin, a frase atribui à vida dos grandes homens a parte mais instrutiva e *agradável* da história. Frase essa semelhante à afirmativa de Pereira da Silva sobre o motivo de haver adotado a fórmula biográfica no seu livro de 1847, pois mais *agradava* ao seu público leitor.²⁴ É como se existisse um magnetismo maior na leitura de trajetórias individuais em que é possível a constituição de um pacto de empatia entre vidas distintas, a daquele que lê o que outro vivenciou. Por outro lado, também se pretende captar o espírito de uma época, já que ao narrar uma existência pessoal alcança-se - ao menos busca-se - o universal.

Com isso, as biografias passam também por critérios relacionados à busca por veracidade, isto é, tem-se uma preocupação com a fidedignidade dos relatos biográficos. Da mesma forma como acontece com a história, a autenticidade necessária e a exatidão almejadas na escrita de vidas deveriam ter como base uma crítica severa. O discurso feito, em 1842, por José Fernandes Feliciano Pinheiro, Visconde de São Leopoldo, durante a quarta sessão pública de aniversário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro demonstra a sua preocupação com os aspectos anteriormente mencionados. Utilizando uma linguagem metafórica, o letrado afirma que “traçando a biografia dos compatriotas famigerados, para não confundir com o diamante o cristal rocha, e de modo lapidá-lo que brilhe, afim de nesses exemplares espelharem-se os vindouros”, assim como “esmerilhando documentos, por incuria ou malícia escondidos, para coordenar a História do Brasil, depois afinados, como os metais preciosos, no crisol da crítica severa, e de receberem o cunho da autenticidade”, objetiva-se o “aperfeiçoamento dos costumes e da civilização”.²⁵ Mesmo não correspondendo às mesmas modalidades discursivas, o “regime de veracidade” se impõe a ambas. Como afirma a historiadora Maria da Glória de Oliveira, “a aposta biográfica dos nossos letrados adequou-se

Maria Paschoal; GONÇALVES, Marcia de Almeida; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). **Estudos de historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: FGV, 2011, p. 108.

²³ COUSIN apud SILVA, 1868. SILVA, João Manuel Pereira da. **Os varões ilustres do Brazil durante os tempos colônias**. Pariz: Livraria de A. Franck..., Livraria de Guillaumin..., 1868. 2 v. Itálico meu.

²⁴ SILVA, João Manuel Pereira da. **Plutarco Brasileiro**. op. cit., s/p.

²⁵ PINHEIRO, 1842, p. 2-3.

às injunções da disciplina histórica tal como esta foi concebida e praticada no Brasil do século XIX”.²⁶

Conforme já abordado em outro momento, a biografia constitui uma forma de expressão privilegiada de análise dos debates historiográficos da época.²⁷ É o caso, por exemplo, da biografia, presente em *Plutarco Brasileiro*, sobre Basílio da Gama. Pereira da Silva afirma que a descendência do poeta mineiro viria de “pobres sertanejos” e que, após a morte de seu pai, o autor de *O Uruguai* teria sido criado por “sua desgraçada mãe, que nem meios tinha de subsistência para si, quanto mais para criar e educar um filho!”.²⁸

No entanto, no dia 1º de julho de 1847 uma carta é endereçada à sede do *Jornal do Commercio*. De autoria anônima, consta apenas a assinatura de *Um seu parente*, a carta afirma estar equivocada a parte da biografia sobre Basílio da Gama referente a sua origem. Datado de 1847 e escrito pela rainha, o documento comprobatório atesta como pais do poeta mineiro o capitão-mor Manuel da Costa Villas-Boas e D. Quiteria Ignacia da Gama. Como resposta, Pereira da Silva evoca seu trabalho de pesquisa como historiador, porém agradecendo a entrega dos manuscritos e prometendo incorporá-los. Na reedição da obra, a correção é feita e a verdadeira origem de Basílio da Gama é descrita, o que denota, além da abertura à crítica por parte do biógrafo, o caráter processual da escrita biográfica, alcançando maior amadurecimento por meio de uma reescrita constante. Com isso, muitas vezes o trabalho do biógrafo e do historiador estavam próximos, ambos objetivavam a validação, por assim dizer, de seus trabalhos buscando a autenticidade do relato feito e seu compromisso de fidedignidade para com o passado.

É interessante notar, no entanto, que no momento em que as biografias eram bem aceitas e compartilhavam, especificamente no Brasil oitocentista, tarefas e desafios em comum com a história, percebe-se uma cisão entre elas. No século XIX, observa-se um espaço cada vez maior, no campo do conhecimento histórico, dado a explicações processuais e totalizantes sobre o passado. Com isso, a dimensão individual, embora resguardada por autores que a consideram importante na procura de inteligibilidade sobre os tempos pretéritos, parece ir perdendo espaço.²⁹ Quando, no século XIX, o pensamento histórico atinge seu

²⁶ OLIVEIRA, Maria da Glória de. Biografia e *historia magistra vitae*: sobre a exemplaridade das vidas ilustres no Brasil oitocentista. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 22, n. 42, 2011, p. 82.

²⁷ DALL AGNOL, Rafael Terra. **Biografar, imaginar, escrever**: escrita biográfica e imaginação histórica em João Manuel Pereira da Silva (1817-1898). 2017. Monografia (Dissertação de Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

²⁸ SILVA, João Manuel Pereira da Silva. **Plutarco Brasileiro**. op. cit., v. 1, p. 138.

²⁹ LORIGA, Sabina. **O pequeno x**: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

apogeu há dois momentos em que a separação entre biografia e história, ainda que parcialmente, parece se efetivar, provocando um processo de dupla despersonalização.³⁰

Conforme afirma Loriga:

A fronteira que separa a história da biografia foi sempre bastante contrastada, e nós podemos encontrar, em todas as épocas, historiadores que esperaram uma separação definitiva entre elas. Mas, na realidade, o fosso entre os dois gêneros se aprofundou, sobretudo, ao longo do século XIX, quando o pensamento histórico atinge seu apogeu. Eu gostaria de sublinhar dois momentos-chave que encorajaram uma separação definitiva. O primeiro remonta ao fim do século XVIII e ao início do século XIX e está ligado, sobretudo, ao sucesso e ao impacto da história filosófica, enquanto que o segundo momento, que foi desencadeado nas últimas décadas do século XIX pelos historiadores, atinge o seio da história e coincide com o divórcio entre a história social e a história política. [...] Houve, então, uma dupla despersonalização: a do passado e a do historiador, que pode falar como especialista, como perito, nunca como autor. Felizmente, também houve várias resistências a esse processo de despersonalização.³¹

Esse distanciamento entre as duas modalidades discursivas também pode estar vinculado a uma nova percepção e entendimento sobre o tempo histórico. Esse é o mote central da pesquisa da historiadora Maria da Glória de Oliveira em sua tese de doutorado.³² Estudando a dissolução, ou um uso cada vez menor, do topos da *historia magistra vitae* e sua relação com as biografias, a autora tenta compreender o porquê da progressiva perda de importância da escrita biográfica dentro das páginas do IHGB. Como a própria historiadora observa, contudo, a biografia continua sendo importante para a elaboração de experiências do tempo e o combate ao esquecimento, porém, viu-se no mesmo ditame epistemológico perpassado pela operação historiográfica na modernidade, a saber, um novo engendramento entre passado, presente e futuro. Não que ambas tivessem de recusar a função magistral e pedagógica de suas práticas, mas possibilidades renovadas surgiram.

³⁰ Talvez seja certo exagero chamar esse momento de o século da história, mas é significativa a evolução do conhecimento histórico nesse período. Seja na profissionalização da prática histórica, seja no fato de o historiador ser o encarregado pela sociedade de enunciar o tempo laicizado, de narrar o telos, de afirmar a direção para a qual se dirige a humanidade, a história torna-se um objeto de reflexão sistemática sobre suas condições e possibilidades. DOSSE, François. História e historiadores no século XIX. In: MALERBA, Jurandir. **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, pp. 15-32.

³¹ DE SOUZA, Adriana Barreto; LOPES, Fábio Henrique. **Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema**. 2012. p. 26-37. Disponível em: <<http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/473>>. Acesso em: 8 jan. 2019.

³² OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

Sendo assim, tendo como pano de fundo os dois principais objetos condutores e motivadores desta pesquisa, situo este trabalho dentro do campo da história da historiografia brasileira. Campo esse pensado não como a realização e confecção de listagens de autores e de suas obras, depreendendo-se daí que a junção entre informações biográficas com catálogos literários explicariam as questões levantadas pelos respectivos trabalhos. Tampouco, atualmente, situam-se as pesquisas referentes à escrita da história em um lugar no qual bastava inserir os autores em determinados contextos históricos e sociais para, neles, encontrar explicação e inteligibilidade das fontes estudadas. O procedimento adotado será diferente: os autores e as obras são estudados não como um fim em si, mas sim por propiciarem pontos de reflexão, que surgem dos debates, conflitos e tensões nos quais o texto emerge.³³ Atenta para a continuidade histórica, a história da historiografia também pensa a sua descontinuidade, objetivando privilegiar diferentes formas de acesso ao passado.

Reflexão importante que permeia toda esta tese, diz respeito ao papel do *pequeno x*. A fórmula, tornada conhecida pelo historiador J. Gustav Droysen, e, retomada recentemente por Sabina Loriga, estabelece que A é formado por a + x. Por A entende-se o gênio individual, a saber, tudo o que um homem é, possui e faz. Podemos ler “a” e “x” como uma relação entre o geral e o particular, o coletivo e o singular. “a” contém tudo o que lhe vem das circunstâncias externas, de seu país, de seu povo, de sua época etc., já “x” representa sua contribuição pessoal, à obra de sua livre vontade.³⁴ No entanto, até que ponto a vida de um indivíduo pode nos esclarecer sobre fatos pretéritos?

Nas primeiras décadas do século XIX, escrever história implicava uma missão orientadora para basicamente três aspectos: Estado, Nação e Coroa.³⁵ A proposta de um projeto biográfico auxiliaria nessa tarefa. Escrever sobre os heróis do passado retirando-os do olvido em que se encontravam, aliado à formação de forte sentimento nacional, parecem ser os princípios condutores para a prática biográfica oitocentista. Na medida em que se observam tensionamentos envolvendo os aspectos acima referidos, a biografia perderá, por assim dizer, sua função primordial. Com isso, retratar a vida de um indivíduo passa a ter

³³ HARTOG, François. **O século XIX e a história**: o caso Fustel de Colanges. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. p. 13.

³⁴ LORIGA, Sabina. **O pequeno x**: da biografia à história. op. cit.

³⁵ “[...] percebe-se claramente que o pensar a história articula-se num quadro mais amplo, no qual a discussão da questão nacional ocupa uma posição de destaque”. GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. “Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional”. In: **Estudos Históricos**, n. 1, 1998, p. 5.

também outro significado, a saber, o acesso privilegiado ao tempo histórico em que eles, os notáveis do passado, viveram

A fim de percorrer este intrincado caminho entre a história e a biografia, a partir das modulações subjacentes à escrita biográfica, esta tese será dividida em três capítulos. Embora organizados de maneira cronológica, evita-se passar a noção, conforme já afirmado anteriormente, de uma evolução linear, progressiva e evolutiva na produção de biografias. Como a leitura das fontes evidencia, os debates, conflitos e divergências estarão presentes ao longo do século XIX no país.

O primeiro capítulo desta tese intitula-se *Biografia e Historia Magistra Vitae: sobre a dissolução do topos*. O ponto central aqui é demonstrar de que forma a prática biográfica aparece com um importante mecanismo na tarefa de construir a história da nação. Vinculada a uma retórica da nacionalidade, a biografia está associada a uma concepção de história que não recusa seu papel de mestra da vida. No entanto, a permanência da expressão *historia magistra vitae* em uma experiência histórica distinta da qual provém o *topos ciceroniano* vincula-se a demandas específicas com as quais os letrados oitocentistas tiveram de se deparar.

No segundo capítulo, denominado *Da nação à história: modulações do gênero biográfico*, observa-se uma tímida modulação do gênero biográfico. Encontram-se nas obras aqui estudadas e referenciadas o que se convencionou chamar de uma “ideia de história” em que o indivíduo torna-se o princípio orientador e ordenador da sua narrativa, juntamente com a “pintura” de quadros do passado, conferindo maior capacidade de persuasão em relação aos seus leitores. Serão, pois, esses movimentos e flutuações da escrita biográfica o foco de análise dessa parte da tese.

E, por fim, no terceiro capítulo deste trabalho, intitulado *A biografia para além do indivíduo: do particular ao geral*, analiso principalmente a escrita biográfica de Joaquim Nabuco. Observa-se uma mudança de ênfase. Em *Um estadista do Império* não se procura enaltecer a figura do senador Nabuco de Araújo. O principal intento do autor de *O Abolicionismo* é, a partir da escrita de uma vida, expor o quadro de uma época, contrastando-o com o regime republicano. Aqui a aproximação entre a história e a biografia caracteriza toda a obra. Joaquim Nabuco realiza um movimento constante entre ser historiador e ser biógrafo. A conclusão a que se chega é a possibilidade de acessar épocas pretéritas através dos relatos

individuais, não para daí extrair ensinamentos e normas de conduta, mas antes, para melhorar a inteligibilidade do que outrora havia ocorrido, a partir de demandas suscitadas no presente.³⁶

³⁶ No final desta tese foram inseridos anexos dos livros de Pereira da Silva e Joaquim Nabuco, assim como dos principais dicionários bibliográficos da época. A inserção dos anexos dos referidos trabalhos deu-se com o objetivo de propiciar ao leitor o contato com as obras aqui citadas em suas versões originais.

CAPÍTULO 1 - BIOGRAFIA E *HISTORIA MAGISTRA VITAE*: SOBRE A PERMANÊNCIA DO *TOPOS*

No século XIX, a história busca consolidar-se enquanto disciplina científica. Nesse período, as concepções de história e da prática historiográfica passaram por importantes mudanças e ressignificações. Apesar da multiplicidade de concepções, dois pontos principais são comuns entre elas: a transformação da história em uma disciplina acadêmica e a sua relação com o processo de formação dos Estados nacionais na Europa. Simultaneamente a esse processo, observam-se diferentes formas de representação do passado.³⁷

Vinculado à busca de cientificação da história está, como já assinalado, o processo de formação dos estados nacionais. A contribuição da história estaria em auxiliar na constituição, pode-se dizer, de uma origem comum conferindo à população de um dado território a criação de uma identidade nacional. Como assinala Manoel Salgado, referindo-se ao caso europeu, “[...] percebe-se claramente que o pensar a história articula-se num quadro mais amplo, no qual a discussão da questão nacional ocupa uma posição de destaque”.³⁸ O Brasil sofrerá influência dos debates ocorridos do outro lado do Atlântico. A diferença será em relação ao local privilegiado da prática historiográfica, dentre outros campos do saber, tais como a literatura e a geografia. Enquanto na Europa, o lugar predominante serão as universidades, no caso brasileiro, o espaço em que os debates se materializarão ficará restrito, em um primeiro momento, às academias ilustradas, moldadas a partir das relações sociais que ali se estabeleciam. Ainda de acordo com o historiador, “o lugar privilegiado da produção historiográfica no Brasil permanecerá até um período bastante avançado do século XIX vincado por uma profunda marca elitista, herdeira muito próxima de uma tradição iluminista”.³⁹ E, por conseguinte, esse aspecto terá papel decisivo para a construção e produção de certa historiografia e sua relação com a questão nacional.

É dentro desse contexto que é criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no ano de 1838. Impunha-se como tarefa principal ao IHGB a construção de um projeto nacional que fosse capaz de integrar as diversas áreas e realidades sociais presentes no país durante o reinado de D. Pedro II. Em síntese, buscava-se a consolidação de um projeto unificador, ainda

³⁷ BANN, Stephen. **The clothing of clio**: a study of the representation of history in nineteenth-century Britain and France. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

³⁸ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. “Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional”. In: **Estudos Históricos**, n. 1, 1998, p. 5.

³⁹ *Ibidem*, p. 5.

mais quando se olhava para um passado recente caracterizado pela instabilidade política do período regencial. A partir do processo de consolidação do Estado Nacional brasileiro, observa-se uma prática sistemática sobre o *pensar* e o *fazer* história. Herdeira muito próxima da tradição iluminista, conforme já afirmado anteriormente, tal prática objetivava “escrever a história brasileira enquanto palco de atuação de um Estado iluminado, esclarecido e civilizador”, em que “a fisionomia esboçada para a Nação brasileira e que a historiografia do IHGB cuidará de reforçar visa a produzir uma homogeneização da visão do Brasil no interior das elites brasileiras”.⁴⁰

Juntamente com a história, a literatura e a biografia passarão a ser importantes para a consolidação do projeto nacional. Os letrados do país ajudarão na constituição de um discurso capaz de persuadir os brasileiros de que eles compartilhavam de um passado em comum. Esses campos de saber cumprirão importante papel na explicação da existência de uma nação formada por brasileiros, singularizando essa retórica da nacionalidade.⁴¹ De acordo com Temístocles Cezar, a retórica da nacionalidade constituía um recurso, um discurso histórico destinado a persuadir os brasileiros de que eles compartilhavam de um passado em comum e, por consequência, também de um presente.⁴²

Os florilégios, primeiras compilações e divulgações de obras poéticas do passado brasileiro, demonstram a preocupação dos letrados do período com a produção de uma literatura que fosse eminentemente nacional. As discussões e os debates em torno da existência de uma literatura nacional acontecem simultaneamente ao processo de independência do país e de sua consolidação política. Com isso, o rompimento com a antiga metrópole portuguesa também deveria ocorrer no campo das letras. Ao lado dela, a escrita biográfica aparece como imprescindível recurso para o fortalecimento dos vínculos nacionais. Narrar a vida dos beneméritos do passado, estava relacionada a uma demanda suscitada no presente, conferindo a seção destinada às biografias dentro da *Revista do IHGB* uma função pragmática.

Pois bem, à história, à literatura e à biografia será conferido o papel de narrar a história da nação e realçar o sentimento nacional. Muitos foram os esforços nessa direção. O primeiro capítulo desta tese se destina a analisar esses aspectos para, a partir daí, de forma específica,

⁴⁰ Ibidem, p. 11

⁴¹ CEZAR, Temístocles. *L'écriture de l'histoire au Brésil au XIX siècle*. Essai sur une rhétorique de la nationalité. Le cas Varnhagen. 2002. Tese (Doutorado) – EHESS, Paris.

⁴² CEZAR, Temístocles. “A retórica da nacionalidade de Varnhagen e o mundo antigo: o caso da origem dos tupis”. In: *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 29-41.

atentar-se para a relação entre o indivíduo e a nação dentro de uma concepção *magistra vitae* do conhecimento histórico. Embora possua um caminho já bastante longínquo dentro da história da historiografia⁴³, o foco na temática nacional nos possibilita compreender de que forma as “histórias de vida deveriam representar, no jogo metonímico entre a parte e o todo, a comunidade imaginada, sentida e significada como nação”.⁴⁴

1.1 O papel do indivíduo na busca por uma literatura eminentemente nacional: o “pequeno x”

O crítico literário Antônio Cândido, em *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, afirma que “o espírito romântico – no seu relativismo, individualismo e sentimento do tempo – é tributário da história”. Com isso, “em crítica, tenderia para um apelo decidido ao ponto de vista pessoal do crítico e, na análise da obra, para o escritor, a época e a seqüência das produções”.⁴⁵ Ainda de acordo com Cândido, tal atitude, em maior ou menor grau realizada por todos os autores do período, influenciou o romantismo brasileiro que tendeu “para a informação e a sistematização histórica, tentando coroar os magros bosquejos iniciais com uma vista coerente e íntegra da nossa literatura passada. A sua longa e constante aspiração foi, com efeito, elaborar uma história literária que exprimisse a imagem da inteligência nacional na seqüência do tempo”.⁴⁶ Por outro lado, para autores como João Adolfo Hansen e Luiz Costa Lima o mais importante a ser analisado é menos a “descoberta” romântica das fontes poéticas produzidas no Brasil colônia e sim o papel dessas fontes dentro do prisma do discurso nacional.⁴⁷

⁴³ Conforme destaca o historiador Valdeci Araujo “[...] nos anos 1980 a “história-ciência seria substituída pelo tema da desconstrução da “escrita da história”, a começar pelo seu sujeito oculto, a nação. Historiadores como Arno Wehling, Raquel Glezer, Afonso Carlos Marques dos Santos, Lucia Maria Paschoal Guimarães, Manoel Luiz Salgado Guimarães, entre outros, estiveram à frente desse deslocamento”. ARAUJO, Valdeci Lopes de. “Prefácio”. In: CEZAR, Temístocles. **Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 12.

⁴⁴ GONÇALVES, Márcia de Almeida. “História de gênios e heróis: indivíduo e nação no romantismo brasileiro”. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (org.). **O Brasil Imperial**. Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 428.

⁴⁵ CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981, p. 310 (volume II).

⁴⁶ *Ibidem*, p. 310-311.

⁴⁷ Cf. SANTOS, Evandro dos. **Tempos da pesquisa, tempos da escrita: a biografia em Francisco Adolfo Varnhagen (1840-1873)**. Porto Alegre: UFRGS, 2009, p. 58 (Dissertação de Mestrado).

De fato, a literatura brasileira foi objeto de atenção dos letrados oitocentistas. Simultaneamente ao processo de independência do país e à consolidação política da então incipiente nação, a busca por encontrar uma produção literária genuinamente nacional foi um esforço empreendido pelos intelectuais do período como forma de legitimar, dentro do campo das letras, a ruptura com a ex-metrópole. As coletâneas publicadas durante esse contexto configuram uma primeira tentativa de constituição da história da literatura brasileira. Não será sem esforços, como veremos a seguir, que essa tarefa será posta em prática. Dificuldades relativas à existência de material disponível, às disputas políticas ocorridas durante a regência e o desinteresse pela cultura letrada no país, dentre outras razões, estarão presentes.

Não obstante todos esses aspectos limitadores e dificuldades impostas à concretização da empresa que os letrados oitocentistas se propunham a realizar, havia um objetivo pragmático e pedagógico nos estudos literários empreendidos no Brasil do século XIX. Tratava-se de encontrar o momento do surgimento da originalidade das letras nacionais, isto é, o ponto inicial em que se poderia falar de uma literatura que não fosse mera cópia da portuguesa. E a melhor forma de fazer isso seria dentro do curso da própria história da literatura do país. A gênese nacional estaria nos períodos anteriores à ruptura com a metrópole, dentro de uma cadeia cognitiva que encontraria no presente a sua maturação, não, evidentemente, sem ter uma preocupação com o futuro. Em outras palavras, objetivava-se, também, estimular nos leitores uma postura cívica e de apreço pela produção nacional e, em igual medida, incitar nas gerações vindouras o desejo de produzir obras semelhantes.

Na procura pelo desprendimento com Portugal, muitas das coletâneas da época serão concebidas como forma de mostrar diferenças e semelhanças com a antiga metrópole. A produção literária portuguesa será utilizada como um espelhamento, a qual os intelectuais brasileiros tomarão como guia. Encontrar as “marcas inconfundíveis de brasilidade” na produção literária brasileira passa a ser feita a partir do afastamento com Portugal.

Junto com o trabalho de seleção, compilação e divulgação de obras poéticas do passado, estava a elaboração de breves notas biográficas sobre os autores dos respectivos trabalhos encontrados nas coletâneas. Contudo, a falta de informações prejudicava a sua realização. Januário da Cunha Barbosa, no prefácio do seu “*Parnaso brasileiro*, ou ‘Coleção das melhores poesias do Brasil, tanto inéditas como já impressas’”, é um exemplo das dificuldades e da busca de saídas para o escasso material existente até aquele momento:

Fora bom ajuntar a esta coleção uma notícia biográfica de tantos poetas, que honram o nome brasileiro com produções distintas; mas esta tarefa oferece maiores dificuldades, sem contudo desanimar a quem espera ainda oferecer ao conhecimento do mundo as memórias dos ilustres brasileiros [...]

A esperança em que estou de ser coadjuvado nesta empresa de glória nacional, por todas as pessoas, que possuem poesias e notícias dos nossos bons poetas, até hoje sepultados, obriga-me a pedir, que as confiem Ao editor do *Parnaso brasileiro*, remetendo-as à sua morada [...], onde se dará recibo, para a entrega do original, depois de copiado.⁴⁸

Prestar um “serviço relevante á gloria literária” não se limitava a tornar público os trabalhos das épocas anteriores. Ao lado da obra do poeta, deveriam estar presentes relatos sobre sua vida para que ambos servissem como testemunhos de uma cultura ilustrada existente no passado do país. Com objetivos semelhantes encontrados em seu discurso de inauguração do IHGB, Cunha Barbosa buscava tirar do “pó do esquecimento” as composições poéticas antigas para ao lado do “louvor dos beneméritos do passado” estimular a imitação, “assim a presente, como as gerações futuras”:

E quem não vê que o conhecimento do patrimônio opulento, deixado como herança à mocidade futura por seus tão gloriosos antepassados, deverá necessariamente despertar de novo as sementes do bom e apurado gosto na geração presente, e na que está por vir? Sim, e eu o tenho por sem dúvida, os jovens meus patrícios, lendo e estudando os perfeitos exemplares de animada poesia dos seus claros maiores, que nesta coleção lhes irei apresentando, certo se irão também mais e mais adentrando neste gênero de amenas composições, e chegarão por ventura a dar à pátria cópias fiéis de tão bem acabados modelos.⁴⁹

Antônio Cândido aponta as dificuldades que os letrados das primeiras décadas do Oitocentos enfrentavam na confecção das notícias biográficas dos poetas. Tais informações eram importantes, pois, ao lado da montagem de um *corpus* documental responsável pela formação do cânone da literatura nacional, “a tarefa imediata rumo à história literária eram as biografias, isto é, o conhecimento dos indivíduos responsáveis pelos textos, como exigia cada vez mais a nova crítica, adequada ao espírito romântico”.⁵⁰ A vida dos poetas deveria ser fornecida à pátria para que servisse como exemplo, mesmo que, em seu início, muitos autores,

⁴⁸ BARBOSA, Januário da Cunha. “Parnaso Brasileiro”. In: ZILBERMANN, Regina; MOREIRA, M. Eunice. **O berço do cânone: textos fundadores da história da literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, p. 85.

⁴⁹ Ibidem, p. 87.

⁵⁰ CÂNDIDO. Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. op. cit., p. 312.

“deixaram-se ir frequentemente ao sabor das inferências arriscadas, conclusões rápidas, e, mesmo, imaginação pura e simples”.⁵¹

Inspirando-se no *Parnaso Lusitano*, de Almeida Garrett, o secretário-perpétuo do IHGB, Januário da Cunha Barbosa, dedica os anos de 1829 a 1831 para a organização da edição dos dois tomos, com seus oito cadernos, de seu *Parnaso*. Sem ter sido necessariamente criterioso na ordenação do material disponível na obra, Cunha Barbosa receberá duras críticas de Santiago Nunes Ribeiro ao apresentar “*versos não menos que medíocres que não deveriam entrar numa obra semelhante*”⁵². Além do mais, os dois tomos não apresentam coesão, pois há o aparecimento dos mesmos autores em diferentes cadernos. No entanto, ocorre uma substancial melhora do primeiro para o segundo tomo. Nesse volume, o autor acrescenta informações biográficas dos poetas cujos poemas aparecem na coletânea. Isso leva a supor que Januário da Cunha Barbosa publicava as notas biográficas à medida que tinha acesso a informações sobre os biografados. Encontrar as “marcas de brasilidade” da literatura nacional era um objetivo a ser traçado e concretizado em um constante processo de aperfeiçoamento que dependia, e muito, da obtenção de um *corpus* documental para sua realização.

Se o Brasil já podia ser inserido no rol que compunha o mundo civilizado, devido ao seu patriotismo que o conduziu, através das ações dos beneméritos do passado, a sua liberdade política de Portugal, faltava ainda mostrar ao conjunto de países ilustrados o apreço que também existia aqui pelas letras. As musas sempre estiveram por aqui, afirma o cônego Barbosa. Empregando “a linguagem das paixões e da imaginação animada”, muito em conta das características particulares de sua cor local, o país, desde muito cedo, teve fastos literários que poderiam competir em nível de igualdade com as nações mais desenvolvidas. Qual seria então o problema que faria o Brasil ainda não despontar como um lugar favorecido nas letras? Para Januário da Cunha Barbosa, o esquecimento e a falta de cuidado com o “tesouro literário nacional”:

Verdade é que sobejos monumentos de divina poesia muito há adornavam os seus fastos literários, com os quais podia correr a par das nações mais bem aquinhoadas neste gênero de glória; porém que montava nadasse ela em tantas e tão puras riquezas de amena literatura, se as muito bem acabadas produções dos seus melhores engenhos jaziam nas trevas do esquecimento [...] Os mesmos nomes dos mais abalizados autores de suas composições poéticas, dignas de cedro e bronze, andavam até trocados; e muitas delas havia, e não das menos distintas, que corriam

⁵¹ Ibidem, loc. cit.

⁵² BARBOSA, Januário da Cunha. “Parnaso Brasileiro”. op. cit., p. 80. Itálico do autor.

anônimas, por se ignorar completamente quem fossem os seus verdadeiros escritores [...].⁵³

A “descoberta” e a preocupação em torno das fontes poéticas existentes nos períodos antecedentes seriam importantes para a formação de um discurso nacional não restrito somente ao âmbito político. Conforme o secretário do IHGB deixa claro, o problema do país não era a ausência de excelentes exemplos de produções literárias “que os mais belos tempos da Grécia e do Lácio se não dignariam de contar por seus poetas”. A tarefa a ser realizada era fazer ressurgir essa literatura pré-existente. Com isso, o papel dos letrados do Oitocentos seria de extrema importância ao organizar, pesquisar, divulgar tudo aquilo encontrado digno de ser publicizado. Uma consequência indireta desse processo, observado em trabalhos como o de Varnhagen e de Pereira da Silva, será a preocupação com o ordenamento cronológico. A “história da literatura” será construída a partir de uma cronologia dos nomes dos poetas, sob a égide do nacional.⁵⁴ História, literatura e biografia aproximam-se por meio do discurso nacional. Contudo, há especificidades do texto literário em detrimento dos demais.⁵⁵

Pouco mais de uma década após a publicação de *Parnaso brasileiro*, chega ao conhecimento dos leitores uma obra semelhante. De fato, em 1843, o primeiro volume de *Parnaso Brasileiro* ou *Seleção de poesia dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil precedida de uma introdução histórica e biográfica sobre a literatura brasileira*⁵⁶ está disponível nas livrarias. Pereira da Silva é o autor do empreendimento. O primeiro volume concentra-se nas poesias dos séculos XVI, XVII e XVIII. Já o segundo volume, concluído cinco anos depois, dedica-se ao século XIX. Editada pelos irmãos Laemmert, a obra fará parte da coleção da Biblioteca dos Poetas Clássicos da Língua Portuguesa.⁵⁷

Alguns dos poetas presentes na edição de Pereira da Silva aparecerão no seu *Plutarco Brasileiro*, de 1847, tais como Souza Caldas, Thomas Antônio Gonzaga e José Basílio da

⁵³ Ibidem, p. 88-87.

⁵⁴ Cf. SANTOS Evandro dos. **Tempos da pesquisa, tempos da escrita**: a biografia em Francisco Adolfo Varnhagen (1840-1873). op. cit., p. 59.

⁵⁵ Cf. OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história**: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. op. cit., p. 133. A historiadora afirma, tomando como referência os trabalhos do filósofo Michel Foucault, que particularidade do texto literário estaria menos na atribuição de uma qualidade poética intrínseca aos textos selecionados e sim nos elementos e valores a eles externos capaz de instituí-los como um corpus.

⁵⁶ SILVA, João Manuel Pereira da. “Parnaso Brasileiro”. In: ZILBERMANN, Regina; MOREIRA, M. Eunice. **O berço do cânone**: textos fundadores da história da literatura brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, p. 143-181.

⁵⁷ Ibidem, loc. cit.

Gama.⁵⁸ Embora notável pela divulgação dos poetas nacionais, de acordo com o crítico Santiago Nunes Ribeiro, em resenha na revista *Minerva Brasiliense*, a obra contém algumas restrições. O cerne da argumentação do crítico diz respeito ao critério escolhido pelo autor sobre os poemas selecionados. Nas suas palavras, “Estranha-se nela a falta de muitas composições tão primorosas como as escolhidas”, o que acabaria por “não satisfazer o desejo dos curiosos”. Em comparação com a obra antecedente de mesmo nome, Nunes Ribeiro não observa muita evolução: “Neste [Januário da Cunha Barbosa] figuram certos versos menos que medíocres que não deviam entrar numa obra semelhante; naquela [Pereira da Silva] em vão se buscam certas peças de mérito subido, e que devem ter lugar numa seleção perfeita”.⁵⁹

Conforme o próprio título indica, a coleção é precedida de uma introdução, histórica e biográfica, sobre a literatura brasileira. Pereira da Silva percorre os séculos em busca da existência de um discurso, por mais incipiente que ainda pudesse ser, caracterizado por elementos de nacionalidade nas letras do país. Fazendo uma relação intrínseca entre liberdade política e literatura, será somente no século do autor que se poderá falar de uma produção eminentemente nacional. Não que faltassem a inspiração, as imagens, os talentos individuais necessários para que isso ocorresse antes. Faltava, acima de tudo, a independência:

Sob novo aspecto rutila no horizonte o século XIX para o Brasil. É a época da liberdade e da independência; é a época das emoções e dos entusiasmos políticos. A literatura deve pois representar a época, como ela original e independente, que o jugo da mãe-pátria, que nos roubava liberdade política, e com ela a literária, lá se foi perdido, e para sempre desapareceu. Livre de cadeias, que prendiam o gênio, o século com outro fulgor brilha. Tudo mudou em torno de nós, e nós marchamos com o nosso século.⁶⁰

Na introdução que faz sobre a literatura brasileira, história e biografia se encontram. Pereira da Silva percorre os séculos, relatando aspectos históricos e sua relação com o florescimento das letras no país. A biografia, por sua vez, aparece como forma de dar testemunho da existência de um primeiro sentimento nacional que teria seu ponto de maturação no Brasil oitocentista. Além do mais, as notícias, ainda que breves, sobre fatos das vidas dos poetas servem como forma de conferir uma ordenação à obra, confirme já afirmado anteriormente. É através da cronologia do aparecimento dos poetas que a história da literatura nacional se organiza. E a despeito da forma breve adotada no que condiz às biografias

⁵⁸ SILVA, João Manuel Pereira da. **Plutarco Brasileiro**. op. cit.

⁵⁹ SILVA, João Manuel Pereira da. “Parnaso Brasileiro”. op. cit., p. 149.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 177.

produzidas, o que fará o autor se justificar quando afirma que “se não fora uma introdução a uma coleção de poetas que nos incumbimos de escrever, seríamos mais extensos, e entraríamos em muitos outros pormenores acerca das vidas e dos merecimentos dos autores”,⁶¹ elas poderiam servir de espelhamento para a postura cívica dos súditos do Império:

O Parnaso Brasileiro tende a grandes e nobres fins – reabilitar obras já esquecidas – lembrar nomes que ilustraram seu país – dar emulação aos poetas modernos, para deslizarem seus voos majestosos, na certeza de que serão ouvidas suas vozes, e aplaudidos seus esforços – chamar enfim o gosto e a atenção dos brasileiros para a literatura do seu país.⁶²

Visando a esse objetivo, para Pereira da Silva não bastava apenas trazer dados biográficos acerca dos primeiros poetas nacionais. Era importante também mostrar as qualidades de cada autor. No século XVII, em que se poderia constatar a existência da literatura na antiga colônia portuguesa, período no qual a “criança” começaria a dar seus primeiros passos desvencilhando-se de sua “primeira infância”, a figura de destaque é Gregório de Matos. Tendo como características a causticidade e o sarcasmo, seus poemas são referidos como sendo de agradável leitura. E embora o autor de *Parnaso Brasileiro* utilize adjetivos, tais como “pobre, miserável, cheio de vícios” para se referir a uma das principais figuras do barroco no Brasil, o que prevalece é que em “seus versos reina uma certa lição do mundo”.⁶³

Diferentemente de seu antecessor, Francisco Adolfo de Varnhagen prefere chamar seu trabalho de *Florilégio da poesia brasileira*.⁶⁴ E isto por dois motivos: “Não chamamos *Parnaso* a esta coleção, pelo mesmo motivo de estarmos um pouco em briga com a mitologia, e por devermos distingui-la de outra anterior, que leva o mesmo nome”.⁶⁵ Essa obra, que ocupará boa parte da vida do historiador, pode ser analisada sob o prisma do discurso nacional. Em outras palavras, a preocupação de encontrar no passado do país, até seu limite máximo, percorrendo sua literatura, a expressão das formas de nacionalidade.

⁶¹ Ibidem, p. 164.

⁶² Ibidem, p. 179.

⁶³ Ibidem, p. 164.

⁶⁴ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Florilégio da poesia brasileira”. In: ZILBERMANN, Regina; MOREIRA, M. Eunice. **O berço do cânone**: textos fundadores da história da literatura brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, p. 209-267.

⁶⁵ Idem, p. 225.

O historiador Evandro dos Santos assinala, em sua dissertação de mestrado, a relação entre as biografias produzidas por Varnhagen na *Revista do IHGB* e o *Florilégios*. Santos afirma que “Nove dos biografados de Varnhagen na *Revista do IHGB* são poetas [...] quase a metade do total, são poetas. Com a visível concentração de notícias biográficas de poetas entre 1845 e 1852, o que veremos a seguir é justamente a impressão do *Florilégio*.”⁶⁶

Se para José Veríssimo Varnhagen pode ser considerado o verdadeiro fundador da história da nossa literatura, as justificativas, apresentadas no prólogo do *Florilégios*, corroboram a assertiva sobre a preocupação do autor de *História Geral do Brasil* com a “mãe pátria”.⁶⁷ No que se refere à regra utilizada para a entrada dos escritores na coleção, afirma Varnhagen:

Cumprindo adotar uma regra para os que deviam ter entrada na nossa coleção, fizemos prevalecer a do nascimento no Brasil, por ser o princípio mais geral que (salvo casos mui especiosos ou de pretendidas argúcias) instintivamente em nossos ânimos prevalece.⁶⁸

A partir desse critério adotado se justifica a exclusão de poetas como Pinto Brandão e Dinis. Deixa-se, por conseguinte, para segundo plano preocupações estéticas e estilísticas em detrimento do fortalecimento de um discurso, encontrado no passado literário do país, predominantemente nacional: “[...] Julgamos dever dar sempre preferência a esta ou àquela composição mais limiada, porém semigrega, outra embora mais tosca, mas brasileira, ao menos no assunto”.⁶⁹

A despeito das diferenças entre os trabalhos de Pereira da Silva e de Varnhagen, o objetivo central permanece o mesmo. Vinculando o florescimento ou não das letras nacionais com a situação política do país, no que se refere ao século XVII, o momento não era propício para a literatura. As dificuldades advindas das guerras travadas entre Portugal e Espanha em decorrência do fim da União Ibérica (1580-1640) e as chamadas Invasões Holandesas e os conflitos pela libertação de Pernambuco da influência holandesa tornam difícil o empreendimento literário na colônia. Não obstante, esses aspectos servem, ainda que indiretamente, para reforçar a figura dos poetas que conseguiram, mesmo mediante essas

⁶⁶ SANTOS, Evandro dos. **Tempos da pesquisa, tempos da escrita**: a biografia em Francisco Adolfo Varnhagen (1840-1873). op. cit., p. 58.

⁶⁷ VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). Rio de Janeiro: José Olympio Editôra, 1954.

⁶⁸ VARNHAGHEN, Francisco Adolfo de. “Florilégio da poesia brasileira”. op. cit., p. 225.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 224.

adversidades, fazer desse século o primeiro que se poderia realmente considerar como literário: “O Brasil produziu no século XVII homens, que honraram a Portugal, e que ali receberam as maiores provas de distinção”.⁷⁰

Em uma espécie de arroubo de nacionalismo, Pereira da Silva compara o país com os estados americanos do Norte. De acordo com suas palavras:

Onde vistes vós um povo, que de tão cedo começasse sua carreira literária, desses povos novos, apenas descobertos e um século logo depois produzindo notabilidades em todos os ramos da literatura, e notabilidades que a mãe-pátria abraçou, e chamou a si, como glórias suas? Percorrei essas páginas dos estados americanos do Norte, segui essa longa enfiada de histórias das diversas nações, e achai-me uma, cujos filhos, logo ao princípio, provassem maior aptidão para tudo quanto existe de glorioso no domínio da imaginação?⁷¹

Um povo novo que, em tão pouco tempo, viu despontar na antiga colônia nomes do nível de um padre Antônio Vieira, Bento Teixeira Pinto, Antônio de Sá, Gregório de Matos, dentre outros. O Brasil começava a se notabilizar pela sua produção literária e, logo mais, passaria a integrar o rol das nações desenvolvidas. Mais do que meramente transcrevermos e interpretarmos a passagem acima citada, podemos observar outro objetivo, estritamente relacionado com o momento da composição do primeiro volume de *Parnaso Brasileiro*. Para além da busca por prestar um serviço relevante para as letras no país, havia, em Pereira da Silva, uma preocupação política. É como se o autor buscasse, no passado, exemplos e elementos de unidade que serviriam, no presente, de motivação para o fim da divisão existente nas primeiras décadas do século XIX. Tendo terminado um dos períodos mais conturbados da história do Brasil, a Regência (1831-1840), era necessária a união em torno do novo monarca. Era preciso esquecer as antigas rivalidades e inimizades políticas e caminhar ao encontro das potencialidades que o país poderia atingir. Pereira da Silva deixa transparecer essa preocupação política em nota de rodapé estrategicamente, quem sabe, colocada durante o grande elogio sobre a literatura nacional setecentista:

Ah! Se os brasileiros, no momento em que transcrevemos estas linhas, se lembrassem do quanto Deus e a natureza se esmeraram para torná-los seus filhos prediletos; da grandeza a que poderiam atingir, concorrendo de alguma sorte eles próprios para sua felicidade; e esquecessem suas discórdias políticas, e suas divergências e inimizades particulares, depusessem as armas [...], reunindo-se em

⁷⁰ SILVA, João Manuel Pereira da. “Parnaso Brasileiro”. op. cit., p. 161.

⁷¹ Ibidem, loc.cit.

torno do TRONO DO SEU MONARCA, DO TRONO SEM O QUAL NÃO HÁ GRANDEZA NEM SALVAÇÃO PARA O PAÍS, se deixassem guiar por um único sentimento nobre, grande, elevado, majestoso, em poucos séculos, em poucos anos o que seria o Brasil!!⁷²

Imaginação. Essa palavra aparece por diversas vezes ao longo do trabalho de Pereira da Silva. Entendida, no século XIX, como uma potência de conceber os objetos bem e vivamente⁷³, ela estaria, juntamente com o raciocínio, na definição de literatura. A poesia lida diretamente com esse importante recurso cognitivo. Os poetas precisam imaginar e exprimir, através da linguagem, em seus escritos, aquilo outrora imaginado. A imaginação, contudo, precisa de elementos externos capazes de aguçar o gênio dos escritores durante o processo de composição de suas obras. É nesse aspecto que, de acordo com a afirmação de Pereira da Silva, os poetas nacionais seriam privilegiados:

A natureza faz poetas aos brasileiros, inspira-os no berço; as árvores, os pássaros, as cascatas, os rios, as montanhas; esse límpido céu, que, como manto azul claro, os acoberta, essa atmosfera pura e doce, que lhes sorri desde a infância; esse oceano majestoso, que chora e brinca, geme e folgueia sobre suas arenosas praias, **tudo lhes aquece a imaginação**, lhes eleva o pensamento, lhes aviva o entusiasmo, e lhes abre as asas à inteligência, essa soberba filha do céu, que purifica e diviniza o homem.⁷⁴

O trecho citado acima aparece na parte referente à literatura do século XVII. Considerado o primeiro momento em que se observa o surgimento e o florescimento, de forma mais sistematizada, das letras no país, ainda não se poderia falar de uma prática eminentemente nacional. Faltava, assim como para o século seguinte, a “libertação da imaginação”. Em outras palavras, os escritores brasileiros somente se referiam às águas do Tejo, do Minho e do Mondego, mesclando isso com imagens da mitologia grega e vestimentas da Arcádia. Faltava o recurso à natureza dentro do território colonial. Se os poetas, por exemplo, detinham tudo aquilo necessário para “lhes aquecer a imaginação” na própria colônia por que razão deveriam recorrer a imagens alheias àquelas que encontravam? A imitação sobrepunha-se à inspiração. O “voo livre da romanesca imaginação” daqueles que se dedicaram às letras nesse período foi limitado pela tentativa de reprodução do que era feito

⁷² Ibidem, p. 180.

⁷³ A definição completa, presente no dicionário de Antônio de Moraes Silva: “Potência com que a alma representa na fantasia algum objeto: imaginação viva, potência de conceber, ou perceber e representar os objetos bem, e vivamente”. SILVA, Antonio de Moraes. Dicionario da língua portuguesa composto pelo padre Rafael Buteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva. Disponível em: www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00299210. Acessado em 21/05/2018.

⁷⁴ SILVA, João Manuel Pereira da. “Parnaso Brasileiro”. op. cit., p. 162. Grifo meu.

na Europa, sobretudo em Portugal: “E como olvidavam nossos poetas e escritores do século XVIII as cores e belezas de sua pátria, para decantarem cores e belezas alheias?”⁷⁵

Em sua introdução histórica e biográfica sobre a literatura nacional, é possível analisar a forma como Pereira da Silva relaciona história, biografia e literatura. O objetivo principal do seu trabalho era delinear o caminho percorrido pelas letras do país até seu atual momento no Brasil oitocentista. As notas breves dos autores selecionados pelo historiador conferem uma função pragmática e pedagógica ao texto. Mais do que disponibilizar informações e relatos das vidas dos escritores nacionais, lembrar os nomes que ilustraram o país serviria para chamar a atenção dos brasileiros, sobretudo os mais jovens, para a produção literária do país, visando, inclusive, a sua continuação. Além disso, a presença desses relatos breves dos poetas escolhidos por Pereira da Silva ajudava na ordenação cronológica da obra na falta de outros critérios. Em meio a essas características, os relatos históricos dos principais acontecimentos de cada período, descritos pelo historiador, inserem a dimensão individual do letrado em uma perspectiva mais abrangente, ou seja, ele inserido em seu contexto histórico e social, o que, em alguns momentos, será usado como justificativa para as limitações encontradas em suas obras – por exemplo, a intrínseca relação entre independência política, liberdade da imaginação e literatura nacional.

Conforme Stephen Bann destaca, no século XIX surgem diferentes formas de representação histórica utilizadas na tentativa de expressar uma nova visão dos tempos pretéritos. O autor ainda assinala que, durante esse período, havia uma preocupação com a autenticidade relacionada à emergência de uma nova e profissional historiografia.⁷⁶ Por outro lado, em se tratando do caso brasileiro, o interesse pelo passado vai além de um movimento mais geral constatado durante esse período, já que o que parece prevalecer como missão primordial é encontrar, percorrendo o passado nacional, as “marcas da nacionalidade”, que poderiam auxiliar na tão almejada unidade do país.

De acordo com o já apontado, a literatura, dentre outros saberes, será importante nesse período na tentativa da constituição do chamado “ser brasileiro”. Como consequência disso, a premissa da autonomia cultural da recém inaugurada nação passava por um desvencilhamento com Portugal. A fim de tornar o país soberano também no campo das letras, condição essa que poderia colocá-lo dentro do rol das nações consideradas desenvolvidas, a literatura será

⁷⁵ Ibidem, p. 170.

⁷⁶ BANN, Stephen. **The clothing of clio**: a study of the representation of history in nineteenth-century Britain and France. op. cit.

encarada como uma questão histórica, mediante uma pergunta principal referente à busca do momento exato de quando se poderia falar de uma prática literária eminentemente nacional. Por conseguinte, vista a partir de uma questão histórica, a literatura também será passível de ser temporalizada – por isso a preocupação dos letrados oitocentistas com o estabelecimento de uma periodização – adquirindo, em última instância, um sentido. Em síntese, a maneira como se conceberá o passado da literatura brasileira, o que ela foi, apontará para o que ela é, no presente, e o que ela poderá, e deve vir a ser no futuro.

Se a atenção para o campo das letras cresce nas primeiras décadas do século XIX, necessário será conceituá-la. Ou seja, o que queremos dizer quando utilizamos a palavra literatura? Inspirada pelos ventos do romantismo, a definição encontrada aproxima o termo do desenvolvimento da civilização. É a essa relação que Pereira da Silva se atém no seu *Estudos sobre a literatura*.⁷⁷ Presente na segunda edição da *Nitheroy, Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes*, o texto data de 1836. Logo, em seu extenso primeiro parágrafo o historiador deixa claro o que entende por literatura:

A literatura é sempre a expressão da civilização; ambas caminham em paralelo: a civilização consistindo no desenvolvimento da sociedade, e do indivíduo, fatos necessariamente unidos e reproduzindo-se ao mesmo tempo, não pode deixar de ser guiada pelos esforços das letras; uma não se pode desenvolver sem a outra, ambas se erguem e caem ao mesmo tempo. Quanto mais se espalha o gosto e a independência da Literatura em uma nação, tanto mais ela floresce e medra. Verdade da experiência é que a cultura do espírito influi muito sobre nossas qualidades, e que a prática das virtudes morais necessárias às sociedades mais ou menos resistência encontra em um povo, segundo o grão de sua ilustração. Uma deliciosa e terna lembrança deixa após de si o povo, que coloca sua principal glória em reinar sobre os espíritos pelas letras.⁷⁸

A semelhança com a definição proposta por Gonçalves de Magalhães, no artigo intitulado *Discurso sobre a história da literatura do Brasil*, é por demais evidente.⁷⁹ De acordo com o poeta brasileiro:

A Literatura de um povo é o desenvolvimento do que ele tem de mais sublime nas idéias, de mais filosófico no pensamento, de mais heróico na moral, e de mais belo na Natureza, é o quadro animado de suas virtudes, e de suas paixões, o despertador de sua glória, e o reflexo progressivo de sua inteligência. E quando esse povo, ou

⁷⁷ SILVA, João Manuel Pereira da. “Estudos sobre a literatura”. In: **Nitheroy: revista brasiliense, ciencias, letras e artes**, t. 1, n. 02, 1836, p. 214-243.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 214.

⁷⁹ MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. “Ensaio sobre a história da literatura do Brasil”. In: **Nitheroy: revista brasiliense, ciencias, letras e artes**, t. 1, n. 01, 1836, p. 132-159.

essa geração desaparece da superfície da Terra com todas as suas instituições, suas crenças, e costumes, a Literatura só escapa aos rigores do tempo, para anunciar às gerações futuras qual fora o caráter do povo, do qual é ela o único representante na posteridade; sua voz como um eco imortal repercute por toda a parte, e diz: em tal época, de baixo de tal constelação, e sobre tal ponto da terra um povo existia, cujo nome eu só conservo, cujos heróis eu só conheço; vós porém se pretendeis também conhecê-lo, consultai-me, por que eu sou o espírito desse povo, e uma sombra viva do que ele foi.⁸⁰

Em ambos os casos, o conceito é amplo o suficiente para abarcar tudo aquilo que é concebido e produzido pela inteligência humana. Por outro lado, uma definição larga assim impossibilita encontrar as especificidades da literatura dentre outros gêneros literários. Independência e Posteridade são lembradas. A prática literária, para florescer e engrandecer-se, requer autonomia. Aqui se subentende também independência política, dado que sem ela dificilmente encontrar-se-ia um clima positivo e propositivo para a criação no campo das letras. Esse entendimento marca uma ruptura com o pensamento de autores, tais como, o general Abreu e Lima que, em seu *Bosquejo histórico, político e literário*, de 1835, afirmava que a rejeição da literatura portuguesa e a busca de uma eminentemente nacional, levaria os brasileiros à condição “quase selvagem”.⁸¹ No que condiz à posteridade, ela representaria o “espírito de um povo”, conservaria aquilo que cada sociedade produziu de mais sublime e que permaneceria para as gerações vindouras.

Pereira da Silva, no parágrafo posterior à sua definição de literatura, tenta, em um esforço maior de reflexão, aprimorar, argumentativamente, o que entende pelo conceito. Para o autor de *Plutarco Brasileiro*:

[...]a literatura é hoje a reunião de tudo o que a imaginação exprime pela linguagem, abraçando todo o império, em que exerce a inteligência humana seu poderio; é o resumo dos hábitos e grandeza dos povos, e a história progressiva e circunstanciada do espírito humano com as suas superstições, crenças, e caráter próprio; é a apreciação da influência dos elementos uns sobre os outros no espírito das diferentes épocas, é a Filosofia, a História, a Eloquência e a Poesia.⁸²

Como observado anteriormente, um caminho para a autonomia literária do país seria a correta e devida relação entre imaginação e natureza. A busca por uma cor local representativa da nossa nacionalidade aconteceria quando nossos letrados se entregassem

⁸⁰ Ibidem, p. 132.

⁸¹ Cf. GONÇALVES, Márcia de Almeida. “Histórias de gênios e heróis: indivíduo e nação no Romantismo brasileiro”. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Org.) **O Brasil imperial**. v. 2: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 447.

⁸² SILVA, João Manuel Pereira da. “Estudos sobre a literatura”. op. cit., p. 215.

livremente a sua capacidade imaginativa, na medida em que as composições de suas obras tivessem como temática e inspiração o nacional, elementos importantes e constituintes do “ser brasileiro”, entre eles, a natureza.

Ao longo do texto de Pereira da Silva, três aspectos chamam a atenção. O primeiro deles seria, por assim dizer, a função de manual desempenhado por *Estudos sobre a literatura*. É como se o autor quisesse mostrar para seus contemporâneos que as ideias presentes no Velho mundo tardaram, mas finalmente chegaram ao Brasil. Sendo posterior ao discurso de Gonçalves de Magalhães, em muito o ecoa. Por vezes, é possível ler um como uma espécie de explicação didática do outro.⁸³ O segundo aspecto fortemente presente em seu trabalho diz respeito à dimensão política que ele assume. Uma das funções do governo seria a de fazer prosperar a moral, juntamente com as letras, animando, por consequência, a nacionalidade. Certamente isso só seria possível em um governo livre, no qual os homens “dando-se ao estudo das Letras, elevam seus caracteres, e os fortificam contra a sedução das paixões, que os dirigem por mil diferentes caminhos, como os ventos contrários em um mar agitado”.⁸⁴ Literatos e governo livre são ingredientes necessários para que a criação literária possa se materializar e ampliar-se. Aos literatos oitocentistas, Pereira da Silva faz um chamado para que escrevam, não somente para mostrar às nações desenvolvidas que nos trópicos também se produzia literatura de qualidade, mas também alerta seus compatriotas para “a influencia que ela tem sobre a política, a ciência do dia, a que hoje no Brasil todo o mundo se dá, sem se importar se o país por isso sofre”.⁸⁵ Como bem argumenta a historiadora Maria da Glória de Oliveira, e este seria o terceiro aspecto a ser citado, há em “Estudos sobre a literatura” uma acentuada orientação historiográfica.⁸⁶ O autor percorre as literaturas antiga e moderna, a partir da definição dada ao conceito que está presente nos primeiros parágrafos de seu *Estudos*.

Interessa-me, contudo, menos em adentrar nas especificidades da emergência desse novo conceito de literatura, tão caro à gênese e à consolidação do que se entende por Brasil, e mais por tentar compreender de que forma o indivíduo se relaciona com essa problemática. Se

⁸³ De acordo com o historiador Valdeci Lopes de Araujo: “De certa forma, os “Estudos sobre a literatura” funcionam como uma espécie de explicação didática ao “Ensaio” de Magalhães, esclarecendo aos nacionais que as idéias, bem como a produção poética do “primeiro lírico brasileiro” – “Os suspiros poéticos e saudades já fora publicado -, estavam em sintonia com as novidades do Velho Mundo. ARAUJO, Valdeci, Lopes de. **A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008, p 122.

⁸⁴ SILVA, João Manuel Pereira da. “Estudos sobre a literatura”. op. cit., p. 215.

⁸⁵ Ibidem, p. 217.

⁸⁶ OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista**. op. cit., p. 114.

por um lado, a biografia será vista com algumas ressalvas devido ao pensamento dela estar mais suscetível à infecção poética,⁸⁷ por outro lado, as histórias de vida terão importante papel como fator de elementos de ligação entre o particular e o geral, no qual ao lado da unidade indivíduo encontra-se a unidade nação, isto é, o nascimento, os acontecimentos da vida de uma personalidade se confundiriam com o próprio tempo da nação. Além disso, é também pela biografia que se aprende a apreciar e a valorizar o que é característico no país, no sentido dela fazer parte dos atos produtores de nacionalidade.

No *Discurso sobre a história da literatura do Brasil*, a imbricação entre história, literatura e biografia permeia boa parte do trabalho de Magalhães. Como já afirmado anteriormente, passou a ser uma necessidade entre os letrados do período historicizar a literatura brasileira, a fim de encontrar as marcas constituintes do “ser brasileiro”. As respostas para as perguntas sobre a origem de nossa literatura, as fases pelas quais ela passou e quais os principais representantes dela reforçam essa relação. Na escrita histórica, a partir das reflexões filosóficas do século XVIII, que contribuíram para o entendimento da história enquanto agente e sujeito de si mesma, surge a figura do grande homem, pensado como alguém capaz de representar uma dada coletividade. Nesse sentido, o individual, longe de ser colocado exclusivamente em segundo plano, será importante dentro de uma concepção exemplar do relato histórico. O valor da escrita das histórias de vida está justamente nessa função pragmática e moralizadora da Clio. No entanto, pode-se ir além e afirmar que as biografias também contribuíram no processo de encontro das especificidades e das singularidades que cada sociedade teria. A nação, a fim de encontrar sua “marca própria”, verá na biografia necessária aliada, no relato e na consolidação dessas individualidades. Portanto, dentro do par indivíduo/sociedade emergem os referentes possíveis para se pensar a pátria e a nação. O excerto abaixo, escrito por Gonçalves de Magalhães, corrobora as afirmações anteriores:

Nós pertencemos ao futuro, como o passado nos pertence. A glória de uma nação, que existe, ou que já existira, não é senão um reflexo da glória de seus grandes homens; de toda a antiga grandeza da pátria dos Cíceros, e dos Virgílios apenas restam suas imortais obras, e essas ruínas, que tanto atraem a vista do estrangeiro, e no meio das quais Roma se sustenta, e se enche de orgulho. Que cada qual se convença do que diz Madama de Staël que: ‘A gloria dos grandes homens é o patrimônio de um país livre; depois de sua morte todos participam dela’. O

⁸⁷ CEZAR, Temístocles. **Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 131.

aparecimento de um grande homem é uma época para a história, e semelhante a uma jóia preciosa, que só possuímos quando a podemos possuir, o grande homem jamais se apresenta quando nós não o merecemos. Ele existe no meio de nós sem ser conhecido, sem se conhecer a si mesmo, como o ouro nas entranhas da terra, e só espera que o desencavem para adquirir seu valor. Empreguemos os meios necessários, e nós possuiremos grandes homens. Se é verdade que a paga anima o trabalho, a recompensa do Gênio é a glória, e segundo o belo pensamento de Mme de Staél: ‘O Gênio no meio da sociedade é uma dor, uma febre interior de que se deve tratar como verdadeira moléstia, se a recompensa da glória não lhe adoça as penas’.⁸⁸

Em outra parte do *Discurso*, o autor chama a atenção para o apreço que se deve ter pelos poetas locais, para que não caiam no esquecimento tornando-se impossível vislumbrar os grandes homens do passado:

Se em total esquecimento muitos deles existirem, provém isto em parte da Língua em que escreveram, que tão pouco conhecida é o Idioma Luso na Europa, e particularmente em França, Inglaterra, e Alemanha, onde mais alto soa o brado da fama, e colossal reputação se adquire; em parte sobre nós deve recair a censura, que tão pródigos somos em louvar, e admirar os estranhos, quão mesquinhos nos mostramos para com os nossos, e deste jeito visos damos de que nada possuímos. Não que pretendamos, que a esmo se louve tudo que nos pertence, só por que nos pertence, fora insuportável; mas porventura vós, que consumistes vossa mocidade no estudo dos clássicos Latinos ou Gregos, vós que ledes Voltaire, Racine, Camões ou Felinto, e não cessais de admirá-los muitas vezes mais por imitação, que por própria crítica, apreciáis vós as belezas naturais de um Santa Rita Durão, de um Basílio da Gama, de um Caldas ?⁸⁹

Valdei Araujo, em *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*, mostra de que forma se deu o surgimento de um novo conceito de literatura enquanto expressão da nacionalidade. Para o historiador, ela funcionará como uma cápsula do tempo, que se destinará à posteridade servindo de testemunho do grau de civilização e desenvolvimento alcançado por um corpo social e político.⁹⁰ Seguindo a argumentação do historiador, a diferença substancial que se encontra entre o “Parnaso Brasileiro”, - e penso que essa questão pode ser estendida para as primeiras coletâneas poéticas do período, e o “Discurso sobre a história da literatura do Brasil” refere-se à dimensão temporal. Dentro de uma noção da história enquanto mestra da vida, reforçando o caráter exemplar do passado, fazia-se desnecessário uma narrativa histórica do desenvolvimento de uma literatura. Bastava a divisão em ciclos, fases ou períodos a partir dos

⁸⁸ MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. “Ensaio sobre a história da literatura do Brasil”. op. cit., p. 137-138.

⁸⁹ Ibidem, p. 143-144.

⁹⁰ ARAUJO, Valdei, Lopes de. **A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008, p. 108.

nomes subjacentes a cada um deles. Isto é, o indivíduo passa a ser o parâmetro ordenador do tempo. No momento em que passa a ser historicizada, entendida como processo, a literatura assumirá funções características do conceito moderno de história, pois nas “letras” se verá menos nomes e histórias de vida passíveis de servirem de espelhamento e mais “o papel de horizonte de totalidade, como a dimensão capaz de produzir e preservar a identidade de uma comunidade ao longo do tempo e do espaço”.⁹¹ A biografia, como se verá mais adiante, passará pelo mesmo procedimento ao reforçar seu papel de chave de acesso e compreensão dos tempos pretéritos.

1.2 Entre o individual e o coletivo: a história ainda ensina?

“[...] são as letras de uma absoluta e indispensável necessidade, principalmente aquelas que, versando sobre a história e geografia do país, devem ministrar grandes auxílios à pública administração e ao esclarecimento de todos os Brasileiros”.⁹² É dessa forma que começa a proposta do marechal Cunha Mattos e do cônego Januário da Cunha Barbosa para a fundação do IHGB. Tendo como uns dos principais objetivos a reunião e a compilação de diversos documentos sobre o país, a instituição também se tornará importante para a construção de uma idéia de nação que pudesse integrar as demais províncias. Embora não se tenha exata noção do alcance do instituto para além da elite letrada e burocrática do país, por meio do material encontrado na *Revista*, sobretudo em seu período inicial, pode-se ter noção da relação entre as letras e a formação da nação.

“Pátria”. Essa é uma palavra recorrente nos pronunciamentos dos membros do IHGB. Fundada sob a proteção de D. Pedro II, a instituição funcionava como uma forma de glorificação da Monarquia no presente por meio da busca do desenvolvimento e da difusão do conhecimento histórico e geográfico. Portanto, não era tarefa de homens isolados que, com sua genialidade, conseguiriam, sozinhos, objetivos que teriam consequências para a Monarquia, no campo das letras. Tratava-se, acima de tudo, de uma missão cuja consecução somente poderia ser feita coletivamente. É por intermédio, portanto, da divulgação dos

⁹¹ Ibidem, p. 121.

⁹² MATTOS, Raymundo José da Cunha. BARBOZA Januário da Cunha. “Breve noticia sobre a criação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro”. **RIHGB**, 1839, p. 5

estudos desses letrados que a nação se beneficiaria. Conforme afirmava o presidente do IHGB durante a seção pública de aniversário: “Prosseguem com o mesmo fervor, respeitáveis consócios, na alta missão a que vos dedicastes: difundir instrução geral pela publicação dos vossos estudos; d’est’arte contribuireis para o desenvolvimento e perfeição da história e da geografia, e para crédito e glória da pátria”.⁹³

Nesse sentido, a importância do estudo do passado e da pesquisa histórica reside no fato de ser por meio deles que o sentimento patriótico se manifestaria. E apesar das dificuldades advindas da extensão territorial do país para a busca e a manutenção de documentos que serviriam para alçar o Brasil à condição de grande nação, a perseverança traria bons resultados:

Apenas se anunciou que era o fim das nossas literárias tarefas reunir em um só foco as luzes históricas e geográficas, derramadas por todo o império, para assim prepararmos os elementos necessários à história do Brasil: apenas se ouviu que íamos arrancar à voracidade dos anos; e ao desprezo da ignorância os nomes e feitos de tantos Brasileiros, que tem honrado a pátria, e que por isso devem viver em eterna lembrança, logo de quase todas as partes do império nos afluir em prazenteiras solicitações, que tem assaz o nosso zelo patriótico, oferecendo-se com elas muitas Memórias, e documentos preciosos, que principiam a enriquecer o nosso arquivo histórico e geográfico.⁹⁴

Está presente, desde os primeiros trabalhos publicados na revista do IHGB, a busca por não se deixar perder, pela ação corrosiva do tempo, os acontecimentos e feitos que foram conduzidos ou tiveram a participação daqueles que deveriam ser lembrados como heróis da pátria. Pois bem, a escrita da história desses grandes homens seria uma importante tarefa dentro da instituição. Aqui um detalhe aparece. Se era necessário reconstituir a vida dessas personalidades para a preservação de suas memórias, contribuindo para fomentar um apreço pela nação, ao funcionar como um espelhamento da conduta que deveria ser seguida, são os historiadores no/do presente que estão numa posição de comando. Como afirma Temístocles Cezar, “fazedores da história, eles controlam os destinos dos grandes homens, ou, dito de outro modo, os vivos controlam os mortos e os mortos servem aos vivos”.⁹⁵

⁹³ PINHEIRO, José Feliciano Fernandes. “Discurso de abertura recitado pelo presidente”. **RIHGB**, 1839, p. 212.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 212

⁹⁵ CEZAR, Temístocles. “Lições sobre a escrita da história: as primeiras escolhas do IHGB. A historiografia brasileira entre os antigos e os modernos”. In: **Estudos de historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: FGV, 2011, p. 108.

É o historiador que, através da sua capacidade imaginativa, dá vida ao passado, povoado e estabelece as conexões com o presente. Atuando enquanto uma espécie de ressuscitador dos mortos, dentro do Instituto, essa função relaciona-se a um objetivo pragmático na lida com o conhecimento histórico. Retratar as vidas dos grandes homens da nação provocaria o surgimento, no presente, de novos exemplos que, no futuro, também serviriam como guias de conduta moral e cívica.

Manoel de Araújo Porto-Alegre, historiador do IHGB, vê no culto aos grandes homens do país uma forma de difundir entre a juventude um modelo de conduta social. Na sua *Iconographia brasileira*, ele salienta a importância que a mocidade tem para o país.⁹⁶ A ressalva feita por Porto-Alegre, contudo, reside na busca da construção de uma ligação entre os jovens e os grandes homens do passado. A constituição de um panteão aparece como possível solução, uma vez que colocaria passado e presente, por assim dizer, juntos. E através dele - e da produção de presença dos “arquitetos da civilização” que causaria -, os brasileiros saberiam quais os verdadeiros valores deveriam ser almejados:

Quando os nossos legisladores decretarem um panteão, não digo um edifício suntuoso, mas um lugar sagrado e decente, onde se recolham os restos mortais dos nossos beneméritos, onde o paisano repouse a par do general, e que n’esse lugar, em dia marcado, vá o Imperador derramar flores sobre essas sepulturas singelas, o Brasileiro verá que o ouro não é a única recompensa da terra, e que acima d’ele está a pobreza de um Jose Bonifacio de Andrada, a de um visconde de Cairu, de um São Leopoldo, de um padre Caldas, de um franciscano, ou de um músico como José Mauricio. A mocidade, a generosa e heroica mocidade seguirá o rumo da estrela do céu da pátria, e não confundirá jamais esse astro com a moeda brilhante que salta das máquinas de cunhar na casa da moeda. Quando o ouro é um deus, o homem é uma fera.⁹⁷

A fixação de exemplos de indivíduos ilustres que serviram a nação não era o único objetivo a que esse dever de memória corresponderia. Os historiadores também tinham certa dívida com o passado. Dito de outro modo, escrever sobre os beneméritos da pátria assemelhar-se-ia à constituição de um tributo e de uma homenagem que teria implicações para a posteridade. Por isso, o cuidado e um “respeito religioso” com a verdade seriam fundamentais. A história ajudaria até mesmo a desfazer enganos e estaria acima das adulações e dos fanatismos políticos.

⁹⁶ PORTO-ALEGRE, Manuel de Araujo. “Iconographia Brasileira”, **RIHGB**, 1856, p. 350.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 351.

Apesar de a proposta da constituição de um panteão, feita por Manuel de Araújo Porto-Alegre, não ter se concretizado, pode-se afirmar a tentativa, desde as primeiras publicações da revista, do estabelecimento de um panteão de papel. Registrar a história do país e, junto a isso, a vida dos grandes homens eram aspectos presentes desde o início da fundação do IHGB. Não se tratava de uma posição irrefletida. A forma como isso deveria ser feito esteve presente em algumas publicações dos sócios da instituição, como se verá logo adiante. Critérios como a busca de fidedignidade, veracidade, imparcialidade constituirão objetivos que, longe de estarem elencados em uma lista passível de ser copiada por todos, estariam presentes à medida que os trabalhos se desenvolviam.⁹⁸

A preocupação com não se deixar cair no esquecimento as ações dos beneméritos do passado - o que, por sua vez, acarreta atribuir à escrita biográfica um papel importante dentro desse objetivo - parece, em um primeiro momento, estar em dissonância com as transformações ocorridas no conhecimento histórico no período. Conforme argumenta Sabina Loriga, a partir do final do século XVIII, os historiadores se desviaram das ações e sofrimentos singulares dos indivíduos para se dedicarem a descobrir o processo invisível da história universal. Abandonando, de acordo com suas palavras, os seres humanos para passar de uma história plural a uma história única, a historiadora aponta que tanto a descoberta de que a natureza é mortal quanto à perda progressiva de confiança na capacidade de, por intermédio de nossos sentidos, apreendermos a verdade foram fatores que contribuíram, na modernidade, para essa transformação.⁹⁹

Benito Schmidt, em artigo citado anteriormente, por sua vez, assinala que, dentro de uma concepção “futurista”, em que se apóiam as grandes filosofias da história do século XIX, tais como o marxismo e o positivismo, “as transformações históricas aparecem como produtos de forças (leis naturais e imutáveis) impessoais, cabendo ao indivíduo uma ínfima margem de atuação”.¹⁰⁰ Por outro lado, noções coletivas como “povo”, “nação”, “república”, dentre outras, serão os termos por meio dos quais os historiadores do século XIX ancoram suas narrativas. Esse movimento, acompanhado pelo processo de dupla despersonalização do

⁹⁸ Um aspecto que comprova essa questão são os concursos promovidos pelo Instituto que versavam sobre a escrita da história. A título de exemplo pode ser citado o concurso acadêmico proposto na sessão de 14 de novembro de 1840, que tinha como objetivo oferecer um prêmio àquele que apresentasse o melhor projeto para se escrever a “história antiga e moderna do Brasil”, vencendo o trabalho proposto por Carl Friedrich Phillip von Martius, intitulado *Como se deve escrever a história do Brasil*.

⁹⁹ LORIGA, Sabina. **O pequeno x**: da biografia à história. op. cit., p. 12.

¹⁰⁰ SCHMIDT, Benito Bisso. “Biografia e Regimes de Historicidade”. op. cit., p. 60.

passado, parece relegar ao gênero biográfico um papel secundário.¹⁰¹ Tal afirmação vai ao encontro do que escreve François Dosse. Em *O desafio biográfico: escrever uma vida*, o historiador e sociólogo francês aponta que “os historiadores do século XIX, de um modo geral, não cultivaram muito o gênero biográfico [...] a maioria dos historiadores concentra seus trabalhos de pesquisa na história das civilizações, dos povos, das sociedades e das instituições.” Passa a ser, por conseguinte, “a partir do coletivo atuante na história que se interrogam os acontecimentos do passado”.¹⁰²

Longe, não obstante, de apresentar uma uniformidade, as relações entre história e biografia foram caracterizadas por afastamentos e aproximações. O século XIX propiciou, de acordo com Loriga, um enorme campo de pensamento sobre a ação do indivíduo no curso dos acontecimentos históricos, devido a autores que buscaram resguardar a dimensão individual da história, já que, segundo eles, a biografia possibilitaria também a compreensão do passado.¹⁰³ Da mesma maneira, afirma Schmidt: “Paradoxalmente, o século XIX marca o triunfo do eu, do individualismo, da introspecção, que se manifesta das mais variadas formas: nos auto-retratos, no gosto pelos diários e memórias, no romance, na autobiografia”.¹⁰⁴

Enquanto, conforme já afirmado, no Brasil oitocentista crescia a preocupação com não se deixar cair no esquecimento e na voracidade do tempo os grandes feitos do passado, a história, em uma análise geral, buscava consolidar-se como disciplina científica. Rompendo seu contato com a literatura, é nesse momento que ganha força a profissionalização da pesquisa histórica, com metodologias e programas de ensino próprios. Os sócios do IHGB não estavam alheios a essas mudanças e tentavam, quando possível, adequar seus trabalhos às novas exigências. A prova documental foi ganhando cada vez mais relevância não somente para a produção de uma história geral sobre o país, mas também na escrita de vida dos heróis do passado. Indivíduo e nação estariam sujeitos aos mesmos procedimentos. Ou seja, as histórias nacionais deveriam se apresentar como um relato verdadeiro sobre os acontecimentos, porém, garantidos de provas. Por outro lado, o grande homem se insere na gênese nacional cuja existência adquire sentido por meio da sua participação e sua contribuição para a pátria. O herói nacional precisa ser nomeado e seus feitos narrados e, acima de tudo, documentados. Tratava-se de apresentar para o público, ao erigir uma galeria de heróis nacionais, os lugares e os tempos de suas vidas.

¹⁰¹ Ver nota 31.

¹⁰² DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. op. cit., p. 173.

¹⁰³ LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. op. cit., p. 14.

¹⁰⁴ SCHMIDT, Benito Bisso. “Biografia e Regimes de Historicidade”. op. cit., p. 60.

Historia Magistra Vitae. Essa parece ser a tônica prevalecente que justifica e orienta as primeiras investigações dos sócios do IHGB. Presente também no discurso de inauguração do Instituto, com a história poder-se-ia aprender e apreender aquilo que seria necessário repetir ou evitar. As biografias também poderiam ter um importante papel nessa função. Nesse sentido, a escrita de uma vida adquire importância, pois, por meio da narração dos acontecimentos pelos quais passou um indivíduo ilustre do passado do país, as novas gerações teriam um modelo cívico de conduta a se espelhar. Longe, conforme afirma Cezar, de ser apenas um adágio erudito, “a *historia magistra vitae* é um princípio organizador que justifica e ao mesmo tempo orienta as investigações do IHGB”.¹⁰⁵

A origem do *topos* remete ao orador romano Cícero que, de acordo com Koselleck, “referindo-se a modelos helenísticos, cunhou o emprego da expressão *historia magistra vitae*”. Ainda segundo o historiador alemão, “A tarefa principal que Cícero atribui aqui à historiografia é especialmente dirigida à prática sobre a qual o orador exerce sua influência. Ele se serve da história como coleção de exemplos – *plena exemplorum est historia* – a fim de que seja possível instruir por meio dela”.¹⁰⁶ Não obstante, a partir do final século XIX, observa-se o surgimento de um novo conceito de história relacionada à descoberta de um tempo propriamente histórico. Duas são as possibilidades de analisar a transformação do termo *Historie* para *Geschichte*. A primeira delas propõe o foco em uma análise lexical da língua alemã. Por outro lado, a Revolução Francesa também coloca em evidência o novo conceito de história. E de que maneira? Observa-se uma ruptura com qualquer experiência anterior, posto que a “Grande Revolução” possibilita ter uma nova experiência, que deixa de ser relacionada ao passado e passa a perseguir o futuro.

O objetivo da breve explanação acima não é o de adentrar nas especificidades que possibilitaram a emergência da história entendida menos como mestra da vida e sim enquanto coletivo singular. O que se quer afirmar é que o que está sob pano de fundo da exposição de Koselleck em torno do conceito moderno de história é a ocorrência de uma nova experiência histórica. É essa nova experiência histórica seria o marco distintivo da modernidade. Embora se reconheça que o historiador alemão esteja se referindo a um contexto específico, o que pressupõe um cuidado ao extrapolar o ambiente historiográfico da formulação do *topos*,

¹⁰⁵ CEZAR, Temístocles, “Lições sobre a escrita da história: as primeiras escolhas do IHGB. A historiografia brasileira entre os antigos e os modernos”. In: **Estudos de historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: FGV, 2011, p. 97.

¹⁰⁶ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. op. cit., p. 43.

convém indagar de que modo todas essas mudanças ocorridas dentro do conhecimento histórico afetaram as escritas histórica e biográfica dos letrados do Brasil oitocentista.

Referindo-se ao cônego Januário da Cunha Barbosa e seu gosto pela biografia, Armelle Enders escreve que tal gosto “traduzia igualmente a defasagem entre o homem do século das Luzes e as formas assumidas pela nova história à mesma época”, já que “a disciplina histórica, tal como praticada na primeira metade do século XIX, preferia as coletividades ou sociedades dinâmicas, conferindo aos indivíduos um espaço limitado”.¹⁰⁷ Não obstante, pode-se questionar se a referida defasagem dizia respeito, não a um atraso conceitual entre os letrados brasileiros e seus interlocutores europeus, e sim a especificidades encontradas no período e se a permanência do *topos historia magistra viate* não se dava em outros termos. Em outras palavras, a partir de uma experiência histórica propriamente moderna, que os letrados brasileiros do Oitocentos começavam a experimentar, o que significava atribuir à história a condição de mestra da vida? A análise dos documentos abaixo ajudará na resposta a esse questionamento.

Em suas *Indicações sobre a história nacional*, publicada em 1894 na *Revista do IHGB*, Tristão de Alencar Araripe escreve sobre a utilidade da história. Referindo-se a Cícero, porém sem o nomear, Araripe explica que ela “não constitui uma ciência de mero deleite e recreação, mas uma escola de proveitosa lição para o homem e para a sociedade”.¹⁰⁸ O autor aponta aqui para o caráter pedagógico da disciplina histórica, mas não somente a ele. A história também tem um dever de memória, já que, por meio dela, é possível conceder os devidos méritos àqueles que nos antecederam. Premiar os heróis do passado pelos seus feitos realizados à medida que provoquem um estímulo à imitação nas gerações posteriores, eis os dois principais intentos que o historiador deve procurar:

Expondo os acontecimentos que nos precederam deve o historiador ter por intuito duas coisas: premiar o mérito dos bem feitores do gênero humano, aos quais a prudência dos séculos denomina heróis, e excitar novos estímulos de imitação dos grandes modelos de patriotismo, d’esse sentimento sublimado e generoso que dignifica o homem ante a própria consciência, e infunde-lhe valor para as mais altas empresas, que pode o cidadão cometer.¹⁰⁹

¹⁰⁷ ENDERS, Armelle. **Os vultos da nação: fábrica de heróis e formação dos brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014, p. 177.

¹⁰⁸ ARARIPE, Tristão de Alencar. “Indicações sobre a história nacional”. **RIHGB**, 1894 (2a parte), p. 263.

¹⁰⁹ *Ibidem*, loc. cit.

Como o próprio título de sua publicação indica, a preocupação de Araripe está com a elaboração de uma história nacional capaz de alçar o Brasil à condição de grande país. Por isso, o trabalho do historiador não deve ser totalmente livre, como tampouco desprovido de propósito. Há uma função a ser exercida. O historiador deve ser um benemérito da pátria, porque é também com a sua pena que a nação se materializará. Todo aquele que não puder realizar esse intento, dificilmente será fiel intérprete do passado. E, para consegui-lo, deve-se proceder de forma semelhante a um pintor, cuidando para que o retrato daquele cujas condutas e atitudes deverão servir de espelhamento sejam capazes de aguçar a imaginação do leitor. Nas palavras de Araripe, “se o pintarmos com perfeição, e se ao retrato dermos os traços característicos do verdadeiro herói, oferecendo à imaginação do leitor as feições íntimas da alma do homem egrégio, teremos exibido modelos capazes de excitar os mais santos desejos de imitação”.¹¹⁰ Ou seja, para se tornar um fiel intérprete do passado é preciso examinar com escrupulosa diligência a verdade, realçar os aspectos notáveis dos grandes homens, utilizando uma narrativa capaz de seduzir aquele que lê. Conforme salienta o autor:

O escritor brasileiro, pois, que pretender escrever a história da nossa pátria, terá em consideração desenhar a figura respeitável dos nossos homens beneméritos, de maneira que excitem em nossos corações o amor para com as suas veneradas sombras, e persuadam-nos quanto é doce a recompensa da virtude pela gratidão da posteridade. Para isso cumpre examinar com escrupulosa diligência a verdade, e não desprezar fatos expressivos do caráter do patriota, que se consagrou ao bem do seu país.¹¹¹

No decorrer de seu trabalho, Alencar Araripe estabelece diferenças entre a história antiga e a moderna. O historiador moderno deve escrever uma história que abranja a totalidade da vida de um povo e não restrita a individualidades. Ele precisa, a fim de representar o mais fielmente possível o retrato passado de um povo, conhecer suas instituições políticas, leis civis, estar alheio a contendas partidárias etc. Esses objetivos, conseqüentemente, também devem ser buscados pelos historiadores brasileiros. Não obstante, atingi-los não significa que sua tarefa foi finalizada: “se o historiador nacional satisfizer a esse empenho, expondo os fatos da nossa vida social em todas as suas relações, nem por isso lhe não incumbirá atender a outro ponto de mui subida importância”, devido ao fato de que “será um dos sagrados deveres do historiador brasileiro apresentar à veneração dos pósteros a

¹¹⁰ Ibidem, p. 264.

¹¹¹ Ibidem, p. 263.

memória dos varões beneméritos, que engrandeceram esta pátria com proezas generosas, invenções úteis, e obras excelentes”.¹¹²

Mesmo estabelecendo diferenças entre as histórias antiga e moderna e criando parâmetros de atuação do historiador moderno, o autor associa a clássica definição da *historia magistra vitae* com princípios que se podem atribuir à prática historiográfica moderna. Embora Araripe, no decorrer de seu trabalho, afirme a superioridade dos modernos em relação aos antigos, o princípio orientador e normatizador da história permanece sendo o *topos ciceroniano*: “Parece que à procura pelo novo [...], corresponde a ressurgência de passados que substituam a ineficácia das palavras definidoras da ideia de história. Se os modernos são melhores do que os antigos, a história como saber acumulado continua sendo o remédio à ansiedade da dúvida do futuro aberto”.¹¹³

Quase seis décadas anteriores à publicação de *Indicações sobre a história nacional*, Januário da Cunha Barbosa, realizava seu *Discurso*¹¹⁴. Tantas vezes citada, a fala de Cunha Barbosa é importante nesta tese devido às preocupações direcionadas à produção de biografias. Um de seus grandes objetivos era a elaboração de uma história geral, dentro de uma perspectiva filosófica. Com esse intuito buscava-se, por um lado, retirar do esquecimento os fatos notáveis da pátria e, na mesma proporção, à correção de erros e inexatidões que muitas obras, tanto nacionais quanto estrangeiras, perpetuavam ao se referirem ao país.

“Não se compadecia já com o gênio brasileiro, sempre zeloso da glória da pátria, deixar por mais tempo em esquecimento os fatos notáveis da sua historia, acontecidos em diversos pontos do Império, sem duvida ainda não bem designados”.¹¹⁵ As palavras iniciais do cônego Barbosa servem como justificativa para a fundação do instituto. Pátria e história aproximam-se. Em outras palavras, é por meio da história que o sentimento patriótico pode ser revelado e realçado. E apesar da existência de obras históricas que se referiam ao país, o projeto aqui proposto procurava, além das correções de erros e equívocos que se perpetuavam no exterior sobre o Brasil, a construção de uma “operação historiográfica conduzida pelos membros do instituto com o objetivo de nacionalizar a cadeia cognitiva que narra os eventos desde o período colonial. Não é sem razão que toda a pesquisa histórica parece começar com

¹¹² Ibidem, p. 273.

¹¹³ CEZAR, Temístocles. *Historia magistra vitae*. Ensaio sobre a (in)definição do topos nos projetos de escrita da história. In: PROTÁSIO, Daniel Estudante (Org.). **Historiografia, Cultura e Política na Época do Visconde de Santarém (1791-1856)**. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2019, p. 39

¹¹⁴ BARBOSA, Januário da Cunha. “Discurso”. op. cit., p. 9-18.

¹¹⁵ Ibidem, p. 9.

o IHGB”.¹¹⁶ O *topos da historia magistra vitae* também está presente. É seguindo Cícero que os membros da instituição conseguirão tirar da voragem dos tempos os aspectos verdadeiramente importantes da história-pátria:

Basta atendermos ao que diz Cícero sobre a história, para conhecermos logo as vantagens que se devem esperar de um Instituto que dela particularmente se ocupe [...]. – A *história* (escreve aquele filósofo romano) é a *testemunha dos tempos, a luz da verdade e a escola da vida*. – Por esta judiciosa doutrina bem facilmente se conhece quão profícua deve ser a nossa associação, encarregada, como em outras nações, de eternizar pela história os fatos memoráveis da pátria, salvando-os da voragem dos tempos [...].¹¹⁷

Vinculada a essa perspectiva de história, extremamente associada às preocupações em relação à pátria, está a proposta de um projeto biográfico ao IHGB. Certo dever de memória, característica também presente em outros pronunciamentos de diferentes membros da instituição, parece ser a força motriz propulsora dessa parte do *Discurso*. Mesmo citando os nomes de Visconde de São Leopoldo e do doutor Emílio Joaquim da Silva Maia como exemplos de sócios que tinham iniciado a coleta de “muitos elementos para esse importante monumento literário”, Januário da Cunha Barbosa deixa claro as dificuldades dessa tarefa se não for realizada coletivamente. Aqui, história, pátria e biografia unem-se. O verdadeiro historiador deve ser aquele que, além das preocupações relativas à elaboração de uma história genuinamente nacional, possui um compromisso com os grandes homens do passado fazendo, ao escrever sobre eles, o passado individual e o da pátria não serem consumidos pelo peso implacável do tempo e do esquecimento:

[...] E será pouco arrancar do esquecimento, em que jazem sepultados, os nomes e feitos de tantos ilustres Brasileiros, que honraram a pátria por suas letras e por seus diversos e brilhantes serviços? [...] Uma biografia dos mais preclaros Brasileiros é tarefa, de certo, mui superior às forças de um só homem, atentas as nossas circunstâncias; mas a glória que deve resultar de uma tal empresa acende o zelo dos que a têm encetado em comunhão de trabalho, e refletirá também sobre o nosso Instituto [...].¹¹⁸

¹¹⁶ CEZAR, Temístocles. “Lições sobre a escrita da história: as primeiras escolhas do IHGB. A historiografia brasileira entre os antigos e os modernos”. op. cit., p. 96.

¹¹⁷ BARBOSA, Januário da Cunha. “Discurso”. op. cit., p. 9. Grifo do autor.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 14.

Acerca desse projeto biográfico no IHGB, proposto por Barbosa, Temístocles Cezar afirma que “portadora de *exempla*, todos positivos, a biografia dos grandes homens é um plano há muito testado e aprovado em outras nações”. Nesse sentido, “não se trata de uma posição irrefletida, mas de uma proposição que visa uma aproximação à história moderna em progresso”.¹¹⁹ Mais uma vez, observa-se que será sob a égide da *historia magistra vitae* que a busca da cientificidade, para utilizarmos uma expressão mais ampla, se concretizará. A história se torna útil para, acima de tudo, os interesses da nação.

O artigo de Temístocles Cezar intitulado *Historia magistra vitae. Ensaio sobre a (in)definição do topos nos projetos de escrita da história do Brasil no século XIX* aborda o *topos ciceroniano* a partir de uma interessante perspectiva. De acordo com suas palavras, seu objetivo consiste em “demonstrar que a noção de *historia magistra vitae* nestes projetos historiográficos foi menos marcada pela dicotomia permanência x dissolução, do que pelo signo da (in)definição, tanto política quanto epistemológica”.¹²⁰ Analisando o “Discurso” inaugural proferido pelo secretário perpétuo do IHGB, em 1839, Januário da Cunha Barbosa, a dissertação do bávaro Carl Friedrich Phillip von Matius intitulada “Como se Deve Escrever a História do Brasil”, de 1844, e as “Indicações sobre a História Nacional”, de Tristão de Alencar Araripe, de 1894, o historiador assinala que:

A permanência do *topos historia magistra vitae* na historiografia brasileira oitocentista não significou, portanto, rejeição à modernidade nem adesão irrefletida a filosofias da história europeias. Nominalmente, é possível mapear sua presença em projetos de escrita da história, discursos oficiais, biografias, necrológios, imprensa, etc., o que a remete para um campo de possibilidades em que a capacidade de aprender com o passado mantém-se.¹²¹

Pensar sobre o significado da permanência ou dissolução da clássica acepção da história enquanto mestra da vida na escrita da história do Brasil no século XIX, requer atentar para as dificuldades da própria definição do *topos*:

Contudo, se, por um lado, o uso da expressão parece apenas reflexo pragmático e retórico de práticas morais e políticas cujo alcance poderia ser planejado, mas não de fato mensurado, por outro, sua frequência, maior ou menor, não é garantia nem de

¹¹⁹ CEZAR, Temístocles. “*Historia magistra vitae. Ensaio sobre a (in)definição do topos nos projetos de escrita da história*”. op. cit., p. 28.

¹²⁰ Ibidem, p. 22.

¹²¹ Ibidem, p. 41.

sua utilidade nem de sua inutilidade, nem de sua permanência, nem de sua dissolução.¹²²

A pergunta elaborada mais acima, no entanto, se mantém. É difícil pensar a historiografia brasileira oitocentista, sobretudo nas primeiras décadas, desvinculada da questão nacional. A persistente permanência da *historia magistra vitae* ao longo do período se torna fundamental para a constituição dos estados nacionais. Com isso, atribuir a condição de mestra da vida à história, em uma experiência histórica diferente daquela da qual provém o *topos*, relaciona-se a demandas específicas que os letrados luso-brasileiros do período tiveram de se deparar. O trabalho do historiador Valdei Lopes de Araujo aborda essa questão.

Em *Sobre a permanência da expressão historia magistra vitae no século XIX brasileiro*, Araujo aponta que o *topos* somente “poderia funcionar em sentido próprio articulado no interior de uma experiência histórica e de uma estrutura social diferente daquela que veremos se constituir com a emergência dos Estados nacionais ao longo do século XIX”.¹²³ Acerca do uso da expressão no Brasil oitocentista, longe de esvaziada de sentido, o historiador analisa essa aparente ambiguidade a partir da palavra “dissolução”:

Acredito que podermos ainda entender melhor esse problema analisando o que Koselleck apontava quando empregou a palavra “dissolução” para se referir a situação do *topos* no contexto da modernização. O que a categoria parece sugerir é que ao longo desse processo acontece uma espécie de fragmentação de uma totalidade de experiência da história que havia sido produzida ao longo de 2 mil anos.¹²⁴

Mais adiante:

Em cada situação nacional, local e mesmo individual esses fragmentos podem se combinar de forma variada com elementos modernos, produzindo modos de convivência distintos. Mesmo assim, parece ser um fenômeno geral a importância de certas figurações do *topos* ao longo do século XIX, particularmente nas biografias, necrológios, elogios e outras formas de comunicação política em subgêneros consagrados nos manuais de retórica.¹²⁵

¹²² Ibidem, loc. cit.

¹²³ ARAUJO, Valdei Lopes de. “Sobre a permanência da expressão *historia magistra vitae* no século XIX brasileiro”. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAUJO, Valdei Lopes de. (orgs.). **Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 134-135.

¹²⁴ Ibidem, p.139.

¹²⁵ Ibidem, loc. cit.

A hipótese de Araujo, a saber, a ideia de que a permanência e expansão de certos fragmentos da expressão do *topos historia magistra vitae* tenham sido fundamentais para a constituição dos estados nacionais no século XIX é completada com a noção de que as exigências da educação moral foram modificadas já que “era necessário atingir um contingente muito maior de pessoas em um contexto de relatividade crescente de valores e, ao mesmo tempo, também de uma universalização inédita da experiência, em função da universalização de procedimentos”.¹²⁶

De fato, o editor Garnier, ao elogiar o livro *Brasileiras célebres*, de Joaquim Noberto de Sousa Silva, publicado em 1862, assim o define: “a presente edição é destinada ao **povo** e adaptada às **escolas**, aos mimos e aos prêmios que se oferecem às senhoras ou se distribuem nas aulas, caso mereça a aprovação das respectivas autoridades”.¹²⁷ Embora se reconheça que o ensino escolar abrangia uma parcela mínima da sociedade, o que torna o alcance restrito à elite letrada do país, havia um esforço no sentido de formar brasileiros virtuosos para o engrandecimento da pátria. Manuel de Araújo Porto-Alegre acreditava, por exemplo, que os vultos da nação constituíam exemplos de conduta para o brasileiro comum. O historiador brasileiro, de acordo com Enders, e conforme demonstrado anteriormente, “imaginava um panteão onde a nação demonstraria sua gratidão, extraíndo ricas lições de abnegação dos túmulos dos grandes homens, um museu que serviria para edificação dos visitantes, ou um livro que divulgasse por todo o país, até mesmo na Europa, as glórias do Brasil”.¹²⁸ Para Porto-Alegre, “a pedagogia do exemplo destinava-se ao conjunto da sociedade, não podendo confinar-se ao círculo interno”.¹²⁹

1.3 Plutarco entre os letrados oitocentistas

É nesse processo de construção de uma, por assim dizer, identidade da história e do historiador, na qual acepções antigas e modernas aparecem no *fazer historiográfico* que se

¹²⁶ Ibidem, p. 140.

¹²⁷ Apud ENDERS, Armelle. **Os vultos da nação**: fábrica de heróis e formação dos brasileiros. op. cit., p. 188. Grifo meu.

¹²⁸ ENDERS, Armelle. **Os vultos da nação**: fábrica de heróis e formação dos brasileiros. op. cit., p. 199.

¹²⁹ Ibidem, p. 205.

observam muitas referências ao biógrafo autor de *Vidas Paralelas e Morália*. Seja em tom de crítica ou de aceitação, as várias menções ao trabalho de Plutarco demonstram, por um lado, a permanência da importância dos antigos para os letrados do período, porém, atentam para o fato de que tal permanência passava a operar em uma experiência histórica moderna.

O projeto biográfico de Cunha Barbosa deveria ter como exemplo maior para tão difícil tarefa Plutarco. Funcionando como uma espécie de justificativa erudita para a proposta, a sua obra poderia servir como exemplo daquilo que Barbosa pretendia estimular para ser feito na instituição. As qualidades plutarquianas seriam a de oferecer a todos exemplos de magnanimidade e mostrar a influência exercida pelos grandes homens do passado. O grande homem ao mesmo tempo em que mantém sua individualidade, aspecto reforçado pois o distingue dos demais, consegue conduzir aqueles submetidos a sua autoridade, fazendo valer sua vontade. Além disso, o livro de Plutarco levaria seu leitor a conhecer as dificuldades enfrentadas até o caminho da glória.

O livro de Plutarco é uma excelente escola do homem, porque oferece em todos os gêneros os mais nobres exemplos de magnanimidade [...] aí se apresenta como o gênio dá movimento a povos inteiros por suas leis, por suas conquistas, por sua eloquência [...] aí vidas brilhantes e mortes ilustres ensinam a amar a glória, a apreciar as suas causas, a prever os seus resultados e a acautelarmo-nos daqueles perigos que a seguem como sombras [...].¹³⁰

Ter como exemplo Plutarco, não significa a ausência de diferenças em relação ao projeto biográfico proposto pelo cômico Cunha Barbosa. A analogia entre ambos se sustenta, porque também seria possível achar no país exemplos de grandes homens capazes de estimular as gerações vindouras. Não se acha, contudo, referência alguma ao paralelismo existente na obra do autor de *Vidas Paralelas*. A história dos nossos grandes homens deve ser escrita por historiadores “nacionais”, reforçando a crítica já feita aos escritores estrangeiros. Para além de mera xenofobia, isso reforça o aspecto de que, se é através da imitação que a máquina produtora dos grandes homens funciona e encontra seu pragmatismo, o brasileiro deve se inspirar e imitar o que é brasileiro salientando uma afirmação identitária.

Plutarco está presente não somente no *Discurso* do primeiro secretário do IHGB. Tristão de Alencar Araripe também tece considerações sobre o biógrafo. Da mesma maneira como na fala de Cunha Barbosa, o tom usado é positivo. As *Vidas Paralelas* são um modelo

¹³⁰ BARBOSA, Januário da Cunha. “Discurso”. op. cit., p. 14-15.

de forma e deveriam ser sinceramente observadas pelos historiadores do país. Aquele que conseguir pintar magistralmente os retratos dos grandes homens, tal qual o fez Plutarco, prestará um belo serviço à pátria: “Pinte o historiador brasileiro os nossos grandes cidadãos, como Plutarco desenhou os homens celebres da Grécia e Roma, e estou certo, que conseguirá fazer relevantíssimo serviço à terra do nosso berço, em prol de que suscitará patriotas sinceros e verdadeiros”.¹³¹

É necessário se espelhar em Plutarco. No entanto, há um erro, de acordo com as considerações de Alencar Araripe, que não se pode repetir. À pergunta sobre quem pode ser considerado um herói encontram-se duas respostas divergentes. O biógrafo da antiguidade, para o brasileiro, somente retratou a vida daqueles que realizaram grandes proezas nos campos bélico e político. Diferente deveria ser o procedimento do historiador nacional. Ele teria de levar em consideração também aqueles que no silêncio dos gabinetes, dentro de uma indústria ou nos laboratórios químicos promoveram o aperfeiçoamento da humanidade de maneira pacífica, ressoando aí um reflexo do conturbado momento político pelo qual o Brasil passava. Por conseguinte, o verdadeiro patriotismo seria contribuir para a promoção do gênero humano:

Ao historiador brasileiro, que intentar a narração dos nossos fastos, cumpre meditar n’esta verdade para dar valor aos nossos concidadãos pelo mérito real das suas ações, e pela moralidade dos seus intuitos. Inspire ele em nossos compatriotas os sentimentos de benevolência e de confraternidade, mas não a ambição e o egoísmo.¹³²

As referências a Plutarco também aparecem no título da obra de autoria de Pereira da Silva, chamada *Plutarco Brasileiro*.¹³³ Publicado em 1847, nos dois volumes do trabalho do historiador constam vinte biografias de indivíduos considerados ilustres para o país. De forma geral, cada biografia é dividida em duas partes. Em um primeiro momento, há o relato sobre aspectos importantes da vida do biografado para, posteriormente, ser feita a análise de sua produção letrada. Quando da chegada do primeiro volume, alguns jornais se manifestaram e imitaram suas opiniões.

¹³¹ ARARIPE. Tristão de Alencar. “Indicações sobre a história nacional”. op. cit., p. 274.

¹³² Ibidem, p. 279-80.

¹³³ SILVA, João Manuel Pereira da. op. cit.. 2 v.

No artigo do jornal *Gazeta Official do Brasil*, de 18 de janeiro de 1847, há uma importante associação entre a história e a biografia.¹³⁴ O autor ressalta a importância, para as civilizações adiantadas, dos estudos históricos. Utilizando como referência o francês Guizot, seria através da dedicação à história que se poderia explicar a supremacia intelectual de certos povos. A relação entre a escrita biográfica e a histórica aparece logo em seguida. Os escritores, a fim de facilitarem os estudos históricos, dedicam-se à reconstituição de vidas pretéritas:

Hoje, para facilitar os estudos históricos, os escritores tem-se dedicado às biografias. Muitos há que pensam que a biografia adianta mais o espírito do que a história propriamente dita; porque a biografia, como escreveu Plutarco, refere não só os feitos notáveis do homem célebre, como ainda os fatos domésticos e particulares de sua vida, os usos de sua época [...]. O individuo de que se escreve está, como diz Dunbar, no centro de um quadro com tal disposição de luz, que podemos conhecer sua marcha, atividade, influência nos contemporâneos e o espírito de seu século.¹³⁵

Pode-se depreender do excerto acima que a grande utilidade das biografias está na possibilidade da junção do particular e do geral. Ou seja, é possível conhecer César, Péricles, Numas enquanto tem-se um retrato da época em que eles viveram. Referindo-se ao biógrafo, o articulista destaca como os costumes, os fatos históricos, a cronologia, as ideias morais e filosóficas, a influência dos homens célebres estão devidamente intrincados em uma cadeia cognitiva capaz de prender o leitor, devido serem “tão vivas as suas cores (Plutarco) e tão perfeito o seu trabalho (*Vidas Paralelas*)”.¹³⁶

Contudo, se há muitos elogios a forma como Plutarco procedeu na composição de sua obra, o mesmo não acontece com os escritores contemporâneos ao autor do artigo. A biografia atual, no caso aquela das primeiras décadas do século XIX, é marcada por possuir um estilo vicioso, o que impossibilita a disponibilidade dos conhecimentos políticos e históricos para o leitor. A escrita biográfica, em suma, tornou-se apenas um panegírico ou uma sátira, consoante às disposições benignas ou malignas do biógrafo.

A conclusão a que o leitor poderia ser induzido a chegar, antes mesmo da leitura final do artigo, é a sensação de o articulista estar pronto a tecer uma série de considerações negativas acerca do primeiro volume de *Plutarco Brasileiro*. Não é, entretanto, isso o que

¹³⁴ Ibidem, p. 218-221.

¹³⁵ Ibidem, p. 219.

¹³⁶ Ibidem, loc. cit.

ocorre. Pereira da Silva é elogiado por seu trabalho possuir dois aspectos importantes, a saber, lição histórica e crítica apurada. Com isso, por conseguinte, sua obra é de grande valia, sobretudo para a chamada mocidade:

O *Plutarco Brasileiro* é um trabalho que honra a seu autor. Tem os dois essenciais requisitos; grande lição histórica e crítica apurada. O Sr. Pereira da Silva não descreve simplesmente a vida *cronológica*, como diz Schlosser, dos Brasileiros célebres; descreve também a vida *intelectual* e os trabalhos literários e científicos; julga-os depois comparando-os com os estrangeiros que se ilustrarão em trabalhos correspondentes, e facilita por este modo à nossa mocidade o estudo comparado da literatura brasileira.¹³⁷

A relação entre história e biografia também está presente no artigo do *Periódico Mercantil*.¹³⁸ Mesmo evitando estabelecer uma comparação entre ambas, devido às diferentes especificidades de cada uma, existe a concordância com o fato de Pereira da Silva preferir o título de biógrafo e não o de historiador. O interessante é que a justificativa dada para isso reside no fato de, ao referir-se enquanto biógrafo, o autor de *Plutarco Brasileiro* gozaria de uma liberdade maior na escrita de sua obra. Em outras palavras, a *coleção de vidas brasileiras ilustres*, afastada da pretensão de ser uma história completa do Brasil, poderia ser “ornada com as galas da imaginação e da poesia”, agradando, conseqüentemente, maior número de leitores. A outra vantagem ao adotar a fórmula biográfica está na facilidade com que as vidas das importantes personalidades do passado ficam gravadas na memória, pois elas estão despidas de várias circunstâncias insignificantes ou secundárias que, embora o comentarista não o afirme categoricamente, estariam presentes em obras históricas. Conclui-se com isso que a escrita biográfica teria um importante papel na conduta moral e cívica a ser assumida: “O *Plutarco Brasileiro* é destinado a ser o mentor da mocidade, o guia de idade madura, o amigo da velhice. A uns oferecerá uma fonte inesgotável de úteis lições; a outros, um assunto de meditações profundas, a todos um modelo por onde regulem o seu comportamento”.¹³⁹

A biografia, conforme já afirmado anteriormente, compartilhava juntamente com a história a difícil tarefa de escrever a história da nação e afirmar o projeto político imperial. Com isso, ela passa a ter de seguir os mesmos critérios, ou regime de veracidade da escrita

¹³⁷ Ibidem, p. 221.

¹³⁸ Ibidem, p. 228.

¹³⁹ Ibidem, p. 229.

histórica.¹⁴⁰ A escrita biográfica também passará pelo crivo da crítica, pois alguma afirmação considerada polêmica poderia ter sérias implicações no presente. Por outro lado, em *Plutarco Brasileiro* encontra-se uma diferença marcante entre ambas as modalidades de escrita, que diz respeito ao estilo empregado. A biografia estaria mais próxima da literatura e, mesmo que pudesse funcionar como um corpus documental capaz de auxiliar os historiadores no grande objetivo de escrever uma história geral do país, desfrutaria da condição de poder ser composta a partir de uma linguagem mais fluida. As próprias especificidades do trabalho de Pereira da Silva contribuiriam para isso, já que, juntamente com a narrativa das vidas dos ilustres do país, há a análise de seus escritos. Não obstante, não há uma unanimidade quanto a esse aspecto. O estilo e a linguagem presentes na obra de 1847 serão objetos de discordância entre os periódicos cariocas.

“O Plutarco Brasileiro, pela correnteza do estilo e pompa das imagens, seduz e prende a atenção como um romance”.¹⁴¹ Essa afirmativa, presente no periódico *Brazil*, com o intuito de elogiar o trabalho de Pereira da Silva, possibilita demonstrar sob quais aspectos principais as vinte biografias escritas pelo historiador estavam sendo analisadas. Ou seja, a despeito dos merecimentos de apreço e de louvor que o autor possa ter *Plutarco Brasileiro* não pode ser considerada uma obra histórica. O estilo empregado e as construções frasais o levam para outra direção. Mesmo que ela instrua, guie os indivíduos em direção ao passado para que possam assimilar os acontecimentos pretéritos e aprender com o ocorrido, atingindo um alto valor patriótico, suas especificidades a afastam do trabalho propriamente histórico. O jeito como descreve as personagens, utilizando a capacidade criativa da imaginação aliada a uma escrita poética e de fácil assimilação são, por outro lado, para boa parte de seus críticos, as qualidades principais e responsáveis pelo sucesso do livro. Com isso, a recém-incipiente nação ganharia com o acréscimo do trabalho de Pereira da Silva e o próprio escritor, ao desfrutar de um merecido sucesso por parte do público:¹⁴²

Nessa mesma linha de raciocínio, no periódico *Diario do Rio de Janeiro*, é elencado cinco qualidades do autor de *História da fundação do Império brasileiro*. Dentre elas,

¹⁴⁰ OLIVEIRA, Maria da Glória. “Biografia e historia magistra vitae; sobre a exemplaridade das vidas ilustres no Brasil oitocentista”. *Anos 90 (Online)* (Porto Alegre), v. 22, p. 273-294, 2015. OLIVEIRA, Maria da Glória. “Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1850)”. *Revista de História (SÃO PAULO)*, v. 26, n. 1, p. 154-178, 2007.

¹⁴¹ SILVA, João Manuel Pereira da. *Plutarco Brasileiro*. op. cit., p. 225.

¹⁴² *Ibidem*, p. 227.

destaca-se a “imaginação brilhantíssima de poeta”.¹⁴³ O conhecimento e o estudo sobre a história do país e a habilidade para escrever, juntamente com a quarta qualidade, de acordo com o artigo de 1847, convergiriam e contribuiriam para alavancar a figura do historiador. O que chama atenção com a leitura de parte dessas matérias acerca do primeiro volume de *Plutarco Brasileiro* é a associação entre o estilo empregado por Pereira da Silva, a utilização da imaginação enquanto recurso cognitivo eficaz para a apreensão do passado e sua descrição e a busca pela verdade histórica. Contudo, poder-se-ia interrogar sobre quais eram as pretensões do biógrafo-historiador ao nomear sua obra de *Plutarco Brasileiro*?

De fato, na introdução do livro, Pereira da Silva afirma que adotou a fórmula biográfica por parecer que, procedendo dessa maneira, mais agradava ao seu público leitor. Não há a defesa de um argumento mais contundente para o formato utilizado. Isso pode ter refletido na falta de unanimidade quanto à qualidade da linguagem e do estilo empregados no livro. Se por um lado seu trabalho escapa do modelo considerado padrão para um livro de história, por outro se buscava a contribuição para o engrandecimento das letras do país, o que o aproximava da história. Considerar-se o “Plutarco Brasileiro” implica assumir em alta relevância o conhecimento histórico.

A imaginação no trabalho de Pereira da Silva, por outro lado, vista como uma importante qualidade capaz de prender a atenção dos leitores, também torna difícil o acesso a um estilo mais grave e severo condizente, segundo a argumentação de alguns críticos, com um trabalho propriamente histórico. Romancista ou Historiador? É nessa ambiguidade que Pereira da Silva parece se encontrar:

Acusam ao autor de Plutarco Brasileiro de uma linguagem que mais parece de um discípulo de Villemain, e de um poeta discípulo de Chateaubriand, do que de um historiador. Reconhecemos que a imaginação do autor deixa-se algumas vezes levar pelo brilho sedutor do objeto que o possuía; seu estilo n'essas circunstâncias tornou-se rico pelas imagens, largo pela amplidão das ideias; mas essas qualidades não são as do frio historiador, são as do jovem literato de um clima ardente, escrevendo em um país por sua natureza poético.¹⁴⁴

O excerto acima parece ser uma resposta ao artigo de 20 de fevereiro de 1847. Nesse artigo, é analisado, de forma mais pormenorizada, o estilo empregado pelo historiador-biógrafo. Aproximando Pereira da Silva de Chateaubriand, o articulista defende que por mais

¹⁴³ Ibidem, p. 237.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 234-235.

que o romancista francês tenha escrito obras históricas, a partir do estilo empregado, quem escreve esses trabalhos é o poeta Chateaubriand e não o historiador. Quer dizer, não basta querer agir como historiador é preciso empregar as ferramentas necessárias para tal. Isso o leva à reflexão, ainda que breve, dos chamados verdadeiros historiadores modernos da França. Guizot, Thiers e Barante, ao seguirem Tácito, Xenefonte, Plutarco, Heródoto e Tucídides, possuem um estilo considerado legítimo e de acordo com o necessário para a escrita de obras históricas. Não é o caso de Pereira da Silva:

Assim a linguagem do *–Plutarco Brasileiro–* é mais de um literato discípulo de Villemain, e de um poeta discípulo de Chateaubriand, do que de um historiador, suposto que no desenvolvimento da obra prova o Sr. Pereira da Silva, que sabe muito de história tanto do seu país, como de Portugal e dos países estrangeiros.¹⁴⁵

A mudança do título da obra poderia ser uma saída para tornar o estilo, antes um defeito, uma qualidade a mais presente na escrita do biógrafo:

Convém aqui dizer que si a obra se intitulasse *–Biographia dos homens illustres do Brazil–*, - em vez de defeito, seria estilo poético e florido uma beleza, mas tomando o título de *–Plutarco Brasileiro–* o estilo, que adotou o autor, é um defeito: porque no fim das contas, esta obra é uma das melhores produções braceleiras e portuguesas da época moderna; esta obra é um verdadeiro título de glória para o Sr. Pereira da Silva; esta obra apresenta o seu autor ao Brasil e aos estrangeiros como um grande literato, como um excelente poeta; mas esta obra não é- *Plutarco*, - porque o estilo do historiador é outro.¹⁴⁶

Essa aparente falta de um estilo severo, simples e grave seria o principal obstáculo que impediria Pereira da Silva de ser o autor de uma ainda inexistente História do Brasil. A ausência dessa importante qualidade para um historiador, contudo, aproxima *Plutarco Brasileiro* da poesia. Não se trata de negar algumas qualidades concernentes à produção histórica. Acentua-se, por outro lado, a existência de uma imaginação, que por vezes escapa ao controle do próprio autor, ligada ao emprego de uma linguagem e de um estilo mais próximos ao de um literato escritor de romances. A biografia, de acordo com essa visão, possui igual valor poético:

¹⁴⁵ Ibidem, p. 239.

¹⁴⁶ Ibidem, p. 239-240.

Resumiremos este primeiro artigo, que já vai longo – *Plutarco Brasileiro* - : como coleção de biografia dos Brasileiros ilustres é obra importantíssima, e digna de todas as livrarias; é obra que honra seu autor, tanto pela muita literatura, que patenteia, como pelo gosto e brasileirismo, que desenvolve; como – obra histórica, - tem todas as qualidades concernentes a estudos, ciência, gosto, e verdadeira e sólida instrução, mas não tem estilo; como obra poética tem valor igual ao dos melhores poemas de nossa época.¹⁴⁷

Pode-se considerar *Plutarco Brasileiro* como uma obra cuja localização dá-se de maneira imprecisa. Um livro do “entre lugar”. Pereira da Silva se propôs a difícil tarefa de escrever as vidas dos indivíduos ilustres do país, ao mesmo tempo em que narrava a história de suas vidas e, paralelamente, alguns acontecimentos históricos que tiveram relevância para o país. Havia, com isso, uma dupla necessidade. Em primeiro lugar, era importante o processo de crítica histórica para não falsear o passado desses indivíduos com suposições que não poderiam ser comprovadas e demonstradas. Por outro lado, ao vincular momentos da história da recém incipiente nação com a descrição da vida dos seus biografados, o livro de 1847 também assumia para si uma função cívica e pedagógica fazendo-o passar pelo crivo crítico dos historiadores. Conforme dito anteriormente em um dos artigos apresentados, crítica apurada e lição histórica poderiam e deveriam estar presentes nas vinte biografias escritas por Pereira da Silva. Como consequência disso, a obra tinha de se adequar às diferentes injunções pelas quais passou a disciplina histórica no Brasil oitocentista. A oscilação maior parece estar nas dificuldades de análise, por parte dos comentaristas citados aqui, quanto ao estilo e linguagem empregados. Aqueles que defendiam o “tom” utilizado em *Plutarco Brasileiro* relacionavam a escrita biográfica com a possibilidade de desfrutar de maior liberdade e aproximavam o livro de uma forma mais poética. Já para os que consideravam como negativo os dois aspectos em suspenso, lamentavam o fato de isso levar ao afastamento de um trabalho essencialmente histórico. Ser historiador e ser biógrafo não eram atividades excludentes evidentemente, tampouco quanto a ser romancista.¹⁴⁸ No entanto, a sobreposição de diversas modalidades de escrita representava certo desequilíbrio no “romance biográfico-histórico” de Pereira da Silva.

As diversas referências a Plutarco observadas aqui tem em comum a preocupação com a temática nacional. São nas galerias e panteões biográficos, talvez, os lugares onde mais forte se manifesta a presença da *historia magistra vitae* no século XIX. Contudo, concordamos

¹⁴⁷ Ibidem, p. 240.

¹⁴⁸ CEZAR, Temístocles. “O poeta e o historiador. Southey e Varnhagen e a experiência historiográfica no Brasil do século XIX. *História Unisinos (São Leopoldo)* v. 11, n. 3, p. 306-312, Setembro/Dezembro de 2007.

com Valdeci Araujo quando o historiador afirma que “as famosas galerias, quase sempre inspiradas em Plutarco, parecem mais como uma reinvenção do gênero, ligada a necessidade moderna de experimentar a nação em seu espaçotemporal”.¹⁴⁹ As biografias, afirmamos novamente, servem à nação e o *topos ciceroniano* atua como importante e eficaz recurso para o enaltecimento dos brasileiros ilustres do passado. Até que ponto, porém, tal afirmação se mantém ao longo das mudanças ocorridas no Brasil oitocentista é o que veremos no decorrer desse trabalho.

¹⁴⁹ ARAUJO, Valdeci Lopes de. “Sobre a permanência da expressão *historia magistra vitae* no século XIX brasileiro”. op. cit., p. 140.

CAPÍTULO 2 - DA NAÇÃO À HISTÓRIA: MODULAÇÕES DO GÊNERO BIOGRÁFICO

A historiadora Maria da Glória, em “Biografia e *historia magistra vitae*: sobre a exemplaridade das vidas ilustres no Brasil oitocentista”, procura analisar a relação entre escrita biográfica e historiografia no século XIX.¹⁵⁰ De acordo com a autora, a partir do estudo das narrativas das vidas dos brasileiros ilustres, presentes nas páginas do IHGB, dentro do contexto letrado do Brasil imperial é possível identificar as diferentes modulações subjacentes à produção de biografias. Se em um primeiro momento tal produção é “orientada por um sentido moralizante, encomiástico e memorialístico”, ao longo do período outra modulação aparece “dotada da ambição de fornecer chaves heurísticas de acesso à apreensão e representação dos quadros gerais do passado”.¹⁵¹ Acreditamos que a análise dos textos abaixo nos permite vislumbrar uma sutil, mas significativa, modulação do gênero biográfico. Embora a história continue ensinando e servindo do espelho para as ações no presente, a escrita biográfica vai paulatina e progressivamente buscando fornecer chaves para a apreensão e representação do passado.

Manuel de Araújo Porto-Alegre afirma, em *Iconographia Brasileira*, que “Conhecida a biografia de todos os homens salientes de uma época, seja qual for a sua ação civilizadora, está conhecida a historia daqueles tempos” já que “nos seus atos, nas suas ideais, nos seus resultados, está o movimento geral, as peripécias do drama animado da sociedade, onde cada um destes indivíduos foi autor e compositor”.¹⁵² O historiador britânico Thomas Carlyle também aponta para algo semelhante. Em *Sobre a história*, ele escreve que “a vida social é o resultado de todas as vidas individuais que compõem a sociedade”.¹⁵³ Pereira da Silva, por sua vez, utiliza na reedição de *Plutarco Brasileiro*, uma epígrafe do filósofo francês Victor Cousin. Conforme já mencionado, nela ele afirma que a parte mais agradável e instrutiva da história estava na vida dos personagens que se distinguiram no teatro do mundo.¹⁵⁴

Entre os excertos acima destacados há a noção da possibilidade de se apreender e conhecer o passado mediante as biografias. Não existe a recusa da *historia magistra vitae* e o

¹⁵⁰ OLIVEIRA, Maria da Glória. “Biografia e *historia magistra vitae*; sobre a exemplaridade das vidas ilustres no Brasil oitocentista”. **Anos 90 (Online)** (Porto Alegre), v. 22, p. 273-294, 2015.

¹⁵¹ Ibidem, p. 273.

¹⁵² PORTO-ALEGRE, Manuel Araújo. *Iconographia Brasileira*. op. cit., p. 353.

¹⁵³ CARLYLE apud LORIGA. **O pequeno x**: da biografia à história. op. cit., p. 62.

¹⁵⁴ Ver nota 23.

importante papel que a escrita biográfica teria ao oferecer modelos de conduta cívica. No entanto, o foco não é esse. O ponto central a ser destacado é que “somente uma reflexão biográfica permite apreender a vida íntima, secreta, do passado”.¹⁵⁵

2.1 Modulações do gênero biográfico: a biografia para além do dever memorialístico

O breve parágrafo do prefácio de *Plutarco Brasileiro*, no qual Pereira da Silva afirma que adotava a forma biográfica “por lhe parecer que narrando a história dos homens ilustres do seu país conjuntamente com as dos grandes sucessos, que tiveram lugar durante suas vidas, mais agradava a seus leitores, e mais folgas lhe dava à sua atenção”¹⁵⁶ nos leva, juntamente com a leitura do seu trabalho, a pensar sobre a existência de uma mudança, ainda que incompleta, referente à escrita biográfica. Duas ideias parecem se juntar nesse trabalho do historiador. Por um lado, a obra é a história do Brasil em algumas épocas. Por outro, a melhor maneira de fazer isso é através das narrativas de vida. Narrar a história dos brasileiros ilustres do país, realçando seus grandes sucessos é o objetivo principal do historiador-biógrafo. Acerca de *Plutarco Brasileiro*, escreve o bibliógrafo lusófono Inocêncio Francisco da Silva que:

Esta coleção de biografias de brasileiros ilustres antigos e modernos obteve merecida aceitação, alcançando o sufrágio de toda a imprensa periódica do Brasil; e mesmo na Europa a Revue Encyclopédique e a des deux Mondes falaram dela com louvor. Sem dúvida que ao autor se deve quando menos o feliz pensamento de reunir em um só corpo, mais ampliadas e revestidas de estilo, que alguns acharam demasiadamente florido, essas biografias, cuja maior parte andavam já disseminadas nos diversos tomos da Revista trimestral do Instituto, escritos pelo sr. Varnhagen, pelo cônego Januário, e por outros, que na averiguação dos fatos históricos, seja dito com verdade, apenas deixaram campo ao sr. Pereira da Silva para avançar mui pouco em novas investigações.¹⁵⁷

Duas décadas após a publicação do livro de Pereira da Silva ocorre, em uma sessão no IHGB, o parecer favorável quanto à entrada de Antônio Henriques Leal como sócio correspondente do Instituto. Embora pareça, em um primeiro momento, não guardar nenhuma

¹⁵⁵ LORIGA, Sabina. **O pequeno x**: da biografia à história. op. cit., p. 69.

¹⁵⁶ SILVA, João Manuel Pereira da. **Plutarco Brasileiro**. op. cit., p. vii-viii.

¹⁵⁷ SILVA, Innocencio Francisco da. **Diccionario bibliographico portuguez**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1927, p. 407-08.

relação com *Plutarco Brasileiro*, as reflexões em torno do alcance que “Notícia acerca da vida e obra de João Francisco Lisboa” atinge dentro de uma escrita biográfica que vai além da dimensão individual indicam, mesmo que indiretamente, uma sintonia com os propósitos de Pereira da Silva em sua obra.

Na comissão de admissão de novos sócios do Instituto de 1866, após breve relato biográfico sobre o historiador, “Notícia acerca da vida e obra de João Francisco Lisboa” é analisada a partir do trabalho de Francisco Sotero dos Reis. De fato, em seu *Curso de Litteratura*, antes de se referir a Lisboa, o jornalista maranhense se detém na obra referida.

Sotero dos Reis começa por ressaltar o aspecto biográfico do trabalho de Henriques Leal:

O trabalho a que me refiro é da pena do primeiro dos dois Srs. nomeados, e tão completo e bem escrito, sob o modesto título de *Notícia acerca da vida e obras de João Francisco Lisboa*, que nada deixa a desejar ainda ao mais exigente, e causa sumo prazer a todos os que conheceram de perto o autor, porque descrevendo-o desde o berço até o túmulo, nada omite da sua vida particular que possa interessar o leitor, e põem no mais esplêndido relevo tudo o que se refere à sua vida [...].¹⁵⁸

O seu talento como autor permite, além de servir às letras do país, dever importante para o letrado oitocentista, tornar acessível escritos que poderiam se perder pela ação do tempo e do esquecimento. Seja como aquele capaz de descrever uma vida do seu nascimento até o seu fim, seja como compilador e organizador de obras importantes para a pátria, Antônio Henriques Leal é elogiado pelo autor do *Curso de Litteratura*:

Não sou para comparar-me com tais escritores, mas de mim confesso que lhe devo o obséquio de muitos esclarecimentos e livros no desempenho d’este meu curso de literatura, que ficaria incompleto, principalmente no que respeita aos autores sobreditos, se não fosse o seu auxilio em prestar-me não só os manuscritos dos mesmos, como ainda copiosas notícias sobre sua vida. Assim duplo é a nossos olhos o mérito literário do Sr. Dr. Leal, já como autor, já como infatigável perscrutador de preciosos escritos de outros.¹⁵⁹

Após esses breves elogios, Sotero dos Reis se detém na análise do trabalho de Henriques Leal propriamente dito. Para o poeta maranhense, a qualidade de “Notícia acerca da vida e obra de João Francisco Lisboa” está na extrapolação dos limites da obra. Em outras

¹⁵⁸ **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro, tomo XXIX, p. 406, 1866.

¹⁵⁹ *Ibidem*, p. 407.

palavras, seu autor consegue, sem perder as especificidades do relato de uma existência particular, ir além da escrita biográfica:

Voltando, porém, ao seu trabalho biográfico, direi que é uma biografia com todas as dimensões de história política e literária, uma completa apreciação filosófica e crítica, digna em tudo do talento que descreve, e do talento que a empreendeu. A forma elegante que lhe soube dar seu autor em nada desdiz do mérito de invenção com que é tratado o assunto.¹⁶⁰

Para Sabina Loriga, observa-se um alargamento das fronteiras entre a história e a biografia no século XIX. Segundo a autora foram dois os momentos-chave que aprofundaram um distanciamento entre ambas. Tanto o impacto da história filosófica quanto o divórcio entre a história social e política contribuíram para a despersonalização do passado.¹⁶¹ A separação entre a história e a biografia poderia desencadear a perda de importância do relato individual para a compreensão do outrora ocorrido. Além do mais, a partir dos surgimentos das filosofias da história, as biografias passam a ocupar uma posição mais secundária nos domínios do campo historiográfico. Mesmo que existissem autores que buscavam resguardar o papel do indivíduo para o conhecimento do passado, a produção de biografias parece ir perdendo espaço.

Não obstante, de acordo com Sotero dos Reis, o trabalho de Antônio Henriques Leal é caracterizado pela ampliação dos objetivos de uma biografia restrita ao indivíduo, ao particular. E, ao conseguir isso, tem-se a possibilidade de não apenas saber sobre os acontecimentos pessoais de alguém, mas de aumentar a lente e o leque de visão e atingir o geral. É possível observar na argumentação do crítico literário o elogio direcionado a Leal por oferecer a representação de quadros gerais pretéritos. A partir da escrita biográfica, história política e literária, apreciação filosófica e crítica unem-se e se fundem em uma espécie de inversão daquilo que fora assinalado por Loriga.

Buscando privilegiar a crítica intrínseca ao texto, Sotero dos Reis mescla excertos retirados do livro com sua análise a respeito das qualidades do escrito. É interessante observá-la pois ela vai ao encontro do que se busca salientar aqui, a saber, as diferentes modulações

¹⁶⁰ Ibidem, loc. cit.

¹⁶¹ LORIGA, Sabina. Des possibilités d'une histoire biographique. In: **CONFERÊNCIA IFCH/UFRGS**, 25 set. 2006, Porto Alegre. Texto cedido pela autora. Agradeço ao professor Evandro dos Santos pela disponibilização do texto.

subjacentes à escrita biográfica e o alcance do relato biográfico que vai além dos aspectos memorialísticos e encomiásticos.

Utilizando passagens referentes à complicada e explosiva situação política do período regencial em Maranhão, é na descrição do assassinato de Raimundo Teixeira Mendes que história e biografia estarão mais próximas. Para Sotero dos Reis, Henriques Leal oferece ao leitor, a partir da narração de um quadro histórico delimitado, a possibilidade de vislumbrar as causas e o “estado de coisas” que conduziram a situação até seu lamentável desfecho. A forma como pinta e retrata o principal assassino provoca um efeito de presença tão real que torna dispensável a sua nomeação:

A passagem a que pertence o trecho reproduzido é um quadro histórico mui bem acabado da triste época em que foi assassinado o infeliz Teixeira Mendes, quando a justiça pública não tinha força para reprimir o crime, e a política servia não poucas vezes de garantia à impunidade. As causas que concorriam para um tal estado de coisas aí são profundamente discutidas, e assinaladas com a maior lucidez e critério, sem nada escapar à hábil pena do escritor que possa pô-las em relevo. A descrição do assassinato d'aquela cidadão, digno de melhor sorte, é traçada com o mais vigoroso e animado pincel, sem que a verdade histórica seja em coisa alguma prejudicada. O principal assassino é pintado com cores tais que, sem que se profira seu nome, se torna logo conhecido para quem tem notícia das coisas de Caxias n'aquela desgraçado tempo [...] As imagens e figuras empregadas são as mais vivas e apropriadas, pois nada se podia dizer de mais de um homem que havia feito derramar tanto sangue.¹⁶²

Mais adiante:

Assim é que os homens de talento sabem ligar a história do país aos grandes caracteres que descrevem, e n'ela figuraram por qualquer maneira; porque n'este caso o interesse torna-se duplo para o leitor. A circunstância de ser João Francisco Lisboa chefe de um partido e redigir uma folha em sentido liberal, serviu de elo de cadeia a seu habilíssimo biógrafo para reproduzir em quadro fiel e resumido a história política de então. Um escritor menos amestrado ter-se-ia limitado a narrar a parte ativa que o redator da *Chronica* tomou na reprovação do assassinato e acusação do assassino, sem descrever o estado do país n'aquela época, e daria a seu quadro um interesse puramente individual, ao passo que o Sr. Dr. Leal soube pela ligação sobredita dar ao seu um interesse coletivo, sem todavia deixar de pôr em relevo o grandioso vulto que pinta.¹⁶³

O biógrafo precisa retratar fielmente aquilo que descreve. Precisa agir tal qual um pintor, pondo o retratado em “cores tais” que possibilita a sua visualização de forma a não

¹⁶² **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro, tomo XXIX, p. 410-411.

¹⁶³ *Ibidem*, p. 411-412.

haver dúvidas de quem se está descrevendo. Além do mais, isso é feito não somente com o enfoque na particularidade de uma vida, mas é extrapolando a narrativa para um quadro maior que se tornam mais compreensíveis as ações humanas. É na relação indivíduo-sociedade, história-biografia que o processo criativo do artista se materializa no escritor.

Percebe-se que, de acordo com Sotero dos Reis, a qualidade de um bom biógrafo está em se desprender do relato individual ao associá-lo a um interesse maior, que diz respeito à coletividade. Menos como um indivíduo que encarna uma dada coletividade, e mais como o eixo central no qual a narrativa se materializa e adquire inteligibilidade a partir do biografado, sua vida, sua atuação política, é possível oferecer uma compreensão maior e mais refinada sobre o passado. O encontro entre o geral e o particular, entre a narração da singularidade de uma existência e a preocupação com a história passava pelo cuidado com a escrita e o estilo empregados, o que não passa despercebido pelo crítico literário:

Toda a passagem a que pertence este trecho é eloquentíssima e escrita no estilo o mais nobre, elegante e animado. O biógrafo descrevendo o grande tipo moral de João Francisco Lisboa, como escritor, como cidadão e como homem particular, não descarta os afetos, que tanto realce dão ao magnífico e belíssimo quadro que traçou comunicando-lhe movimento e vida. Vê-se que fala *ex abundantia cordis* e compenetrado do que diz, não só porque as expressões lhe acodem naturalmente ao bico de pena, sem o menor esforço, mas até porque, comovido, nos comove também. O original que se adornava de tantas virtudes era em verdade belo e admirável: assim o transmuta que nele o reproduziu com cores tão apropriadas e fieis saiu também belo e admirável. Tudo quando o biógrafo disse anteriormente do seu autor se acha compendiado n'esta pintura, e com habilidade tal que nada deixa a desejar, porque conceito elevado, patético, deduzido de assunto e viveza de imagens e colorido, tudo n'ela brilha sem a menor afetação que a deslustre. Resumirei todo o elogio que merece esta soberba passagem, dizendo que João Francisco Lisboa encontrou no Sr. Dr. Antônio Henriques Leal um escritor digno de descrevê-lo.¹⁶⁴

O trecho em questão fazia um resumo das múltiplas funções exercidas por Francisco Lisboa, além de prestar-lhe uma homenagem. O elogio aqui recai sobre as qualidades de Antônio Henriques Leal enquanto biógrafo. O estilo empregado na descrição realizada torna o ausente, por assim dizer, presente em uma presentificação do passado que encontra, na pena daquele que escreve, a sua materialização. As esperanças de êxito que Henriques Leal dizia não nutrir no último parágrafo de seu trabalho não se confirmou:

¹⁶⁴ Ibidem, p. 413-414.

Chegado ao termo d'esta em preza, superior aos meus esforços, e imposta pelo dever da amizade, resta-me o consolo dos bons desejos, já que esperanças de êxito não as tenho. Com tratar da vida e dos escritos de tão notável maranhense, tive unicamente em mira levar a minha pedra, posto que tosca e exígua, para o monumento que a posteridade reconhecida e justa há de erguer um dia a esse grande cidadão, sobre cuja fronte ilesa e pura irradiou a tríplice coroa de orador, publicista e historiador. Imperfeito operaria, lavrei-a como pude, do material que possuía. É um tributo de respeito e homenagem que rendo ao talento, e como tal o acolham julguem.¹⁶⁵

Já no caso de *Plutarco Brasileiro*, ao invés de uma são as vidas de vinte importantes personalidades do Brasil colonial, com exceção da biografia de José Bonifácio de Andrada e Silva, que foram fundamentais para a constituição do que viria a ser o país, objetos da narrativa do autor. As vinte biografias escritas por Pereira da Silva abrangem poetas, religiosos, historiadores, nomes como os de Thomás Antonio Gonzaga, Claudio Manuel da Costa, Alexandre de Gusmão e José de Anchieta. De certa forma, o conjunto dessas narrativas não apresenta nada de novo, haja vista muitas dessas personalidades terem sido biografadas por outros historiadores, mas é em uma leitura mais atenta da obra que se observam suas especificidades.

Pereira da Silva, no epílogo na segunda parte da obra, reserva um espaço para os elogios e as críticas que recebeu quando da publicação do primeiro volume de *Plutarco Brasileiro*. Assim como no capítulo anterior, é importante se ater às opiniões emitidas pelos periódicos do período para observar as relações existentes entre a biografia e a história. A comparação entre historiador e biógrafo, escrita biográfica e escrita histórica aparece em artigo do periódico *Mercantil*, de 26 de fevereiro de 1847.¹⁶⁶

De acordo com o comentarista, embora não querendo estabelecer uma comparação entre as duas modalidades discursivas, a escolha pela forma biográfica feita pelo autor foi bem sucedida. A justificativa está no fato de que a “coleção de vidas brasileiras ilustres” atrairia muito mais os leitores, ao se afastarem de uma “historia completa do Brasil, escrita em estilo severo”, e serem “ornadas com galas da imaginação e da poesia”.¹⁶⁷ Aqui a escrita biográfica parece desfrutar de maior autonomia e liberdade:

Além d'esta vantagem que afiança maior vulgarização *uma seleção de biografias dos cidadãos mais notáveis tem seu fim particular e sua utilidade própria*. Os

¹⁶⁵ LEAL, Antônio Henriques & CASTRO, Luís Carlos Pereira de. In: **Obras de João Francisco Lisboa**. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1864, p. cciii.

¹⁶⁶ SILVA, João Manuel Pereira da. **Plutarco Brasileiro**. op. cit., p. 228-232.

¹⁶⁷ Ibidem, v. 2, p. 228-229.

grandes acontecimentos porque têm passado uma nação, as ações gloriosas de que justamente se ufana resumidamente relatados e despidos de uma multidão de circunstâncias insignificantes ou acessórias gravam-se com mais facilidade na memória: os nobres sentimentos, as virtudes, o valor, o gênio, a ciência, a glória dos antepassados pintam-se ali como n'um espelho límpido e fiel; nada lhes vem escurecer o nativo esplendor, nada intercepta os seus brilhantes reflexos.¹⁶⁸

O caráter pedagógico e pragmático da obra também aparece. Vinculada ao *topos* da história como mestra da vida, à biografia corresponde o dever de legar para a posteridade os grandes feitos dos brasileiros ilustres dos tempos pretéritos, em uma concepção homogênea e cíclica do tempo histórico, no qual passado, presente e futuro confundem-se, sobrepõem-se por meio da exemplaridade, repetição e imitação. Com isso, aspectos relacionados ao cuidado com uso das fontes, a importância da pesquisa a ser empreendida, uma crítica mais severa, aspectos esses que aparecerão realçados na introdução de suas obras, parecem, ao menos aparentemente, serem deixados de lado, ocupando um lugar secundário em relação ao objetivo principal de instrumentalização da obra.

De forma diferente, na introdução do livro que tinha como temática a fundação do Brasil Império, intitulado *História da fundação do Império brasileiro*, Pereira da Silva busca dar provas da confiabilidade e fidedignidade do seu trabalho com um método histórico aparentemente rigoroso em que não é poupada a pesquisa, a reflexão e a meditação, tudo em busca da descoberta da verdade. O aspecto importante é que na introdução de poucas páginas de uma obra de sete volumes observa-se o escritor preocupado em assumir para o seu trabalho características vinculadas à história como disciplina científica:

Desde que me resolvi a pôr mãos nesta composição, não me poupei a fadigas para conseguir maiores esclarecimentos. *Pesquisei, estudei, meditei*, e comparei impressos e manuscritos, tradições orais e papéis de estado. *Esforcei-me por tirar a limpo a verdade*, separando-a do que pudesse obscurecê-la. Com o andar dos tempos e o encontro de novos subsídios, haverá de certo que modificar e depurar ainda nesta história. Na atualidade, porém, *julgo que a devo publicar como a senti, compreendi e imaginei*. É pelo menos um trabalho consciencioso, e como tal atrevo-me a dar-lhe publicidade.¹⁶⁹

A obra de grande fôlego produzida por Pereira da Silva, apesar de seu esforço por deixá-la mais próxima possível da verdade, não estaria isenta de erros. Muitas coisas ainda

¹⁶⁸ Ibidem, loc. cit.

¹⁶⁹ SILVA, João Manuel Pereira da. **História da fundação do Império brasileiro**. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1864-1868. 7 v, p. 4-5.

poderiam ser trazidas, como informações e documentos, que poderiam invalidar algumas afirmações contidas em *História da fundação do Império brasileiro*. Por isso, a noção do trabalho como algo incompleto. Assim como para a biografia, o tempo seria um aliado. A partir dele e de novos subsídios, como escreve o autor, a história seria aperfeiçoada.¹⁷⁰

Por outro lado, a metáfora do escritor enquanto um pintor aparece no periódico *Mercantil*. O biógrafo deveria ser capaz de síntese, recortando os aspectos insignificantes e anedóticos dos acontecimentos a fim de oferecer ao seu público leitor um retrato fiel do que outrora acontecera. Para isso, por conseguinte, recorria-se à história.

A preocupação com o estilo a ser empregado nas escritas de vidas ocupa grande parte do artigo de fevereiro de 1847. Muito por conta do título da obra, as comparações entre *Vidas paralelas* e *Plutarco Brasileiro* não demoram muito a serem feitas. O “excessivo colorido” de Pereira da Silva não o penaliza tanto, já que nem mesmo Plutarco o conseguiu evitar. Contudo, a partir das considerações de François Hartog encontram-se duas diferenças principais entre o trabalho de Pereira da Silva e o do biógrafo grego: a ausência de um paralelismo, enquanto instrumento heurístico de imitação, e a não distinção entre os pequenos e os grandes fatos.¹⁷¹

Em outro artigo, dessa vez publicado no jornal da *Gazeta Oficial do Brasil*, e já citado neste trabalho, o comentarista, após criticar a forma como as biografias vinham sendo produzidas, cujo “estilo de nossa época é vicioso, incapaz de dar conhecimentos políticos e históricos”¹⁷², tão distante do que Plutarco havia feito, elogia *Plutarco Brasileiro* por dois importantes requisitos que deveriam estar presentes nas escritas de vidas, muito próximos daqueles encontrados no trabalho de Henriques Leal:

O Plutarco Brasileiro é um trabalho que honra a seu autor. **Tem os dois essenciais requisitos; grande lição histórica e crítica apurada.** O Sr. Pereira da Silva não descreve simplesmente a vida *cronológica*, como diz Schlosser, dos Brasileiros célebres; descreve também a vida *intelectual* e os trabalhos literários e científicos; julga-os depois comparando-os com os estrangeiros que se ilustrarão em trabalhos correspondentes, e facilita por este modo à nossa mocidade o estudo comparado da literatura brasileira. Se há alguma coisa a estranhar no *Plutarco Brasileiro*, é talvez o excessivo colorido do estilo. Sua animação e vivacidade passa muitas vezes a ser poesia apaixonada como se nota nas peregrinações do padre Caldas no cativo de Albuquerque e em quase todos os lances principais dos heróis do *Plutarco*; assim muitas vezes a biografia torna-se uma lenda ou uma *estância*. Por este defeito não se

¹⁷⁰ CF. DALL AGNOL, Rafael Terra. **Biografar, imaginar, escrever: escrita biográfica e imaginação histórica em João Manuel Pereira da Silva (1817-1898)**. 2017. Monografia (Dissertação de Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p.22.

¹⁷¹ HARTOG, François. Plutarque entre les anciens e les modernes. In: PLUTARQUE. **Vies parallèles**. Paris: Gallimard, 2001. p. 9-49.

¹⁷² SILVA, João Manuel Pereira da. **Plutarco Brasileiro**. op. cit., v. 2, p. 219-220. Grifo meu.

deve entretanto criminar o Sr Dr Pereira da Silva; talvez se deva culpar a nossa época a nossa literatura, o gosto atual pelo romance, que repele todos os escritos do estilo severo.¹⁷³

A biografia consegue abranger a totalidade de um indivíduo. Não apenas descreve a sua cronologia, mas também a importância, no plano das letras, da personalidade retratada. Com exceção de uma biografia, Pereira da Silva analisa o trabalho literário de seus biografados, criticando-os ou elogiando-os. Próxima da literatura, a escrita biográfica deixa-se, por outro lado, contaminar pelo estilo literário da época. O “excessivo colorido” aqui denunciado poderia afastar o relato dos procedimentos necessários que o confeririam autenticidade e credibilidade. Isso é evitado, contudo, devido à lição histórica e crítica apurada encontradas em *Plutarco Brasileiro*. Pode-se aprender história, mas atribuindo à crítica relevante papel. Procedendo tal como um historiador, Pereira da Silva parece oscilar entre seus “livres e arrojados voos” e o estudo, pesquisa e meditação necessárias. Isso não passa despercebido pelo articulista do periódico *Brazil*, em artigo de 20 de abril de 1847, quando afirma que:

O Plutarco Brasileiro não foi escrito, nem o podia ser sem apurado estudo e meditação. Preciso foi examinar muitas obras, recompor fisionomias, caracteres inteiros com traços espalhados aqui e acolá em diversos volumes, reunir e dar vida a esqueletos destroncados pela força do tempo, carcomidos pelo pó das idades. E tudo foi feito com talento e consciência.¹⁷⁴

Mais adiante:

O Plutarco Brasileiro, pela correnteza do estilo e pompa das imagens, seduz e prende a atenção como um romance. Instrui, porque vos guia pela mão ao conhecimento histórico dos feitos do passado, vos familiariza tanto com os homens dos outros tempos, como se com eles vivessem. Atinge um fim tão moral quanto patriótico, porque produz no leitor o desejo de imitar aqueles cujas nobres ações se lhe descrevem.

A ordem cronológica, estilo mais grave, e menos espírito de nacionalismo nas comparações de nossos poetas com os poetas estrangeiros, talvez dessem ao Plutarco Brasileiro um merecimento de mais. Entretanto, ainda quando esta simples observação se resolvesse em uma censura, nem por isso o belo livro do Sr. Dr. Pereira da Silva seria menos digno de aceitação e elogios.¹⁷⁵

¹⁷³ Ibidem, v. 2, p. 221. Grifo meu.

¹⁷⁴ Ibidem, v. 2, p. 224.

¹⁷⁵ Ibidem, v. 2, p. 225.

Deleite e instrução. A escrita, fluida e eloquente, precisa prender a atenção do leitor, por isso a preocupação com o estilo a ser empregado. Da mesma forma, o caráter pedagógico almejado não pode ser deixado em segundo plano haja vista sua intrínseca relação com o presente. A obra, por outro lado, deveria obedecer a critérios tais como a ordenação cronológica, um estilo menos “afetado”, por assim dizer, correndo-se o risco de romancear acontecimentos históricos marcados pela “severidade”. *Plutarco Brasileiro* é uma obra do *entre lugar*. Se diz biografia, mas oferece a pintura de quadros pretéritos. Busca realçar o sentimento nacional, mas ensina história. Historiador e biógrafo, Pereira da Silva vai de uma extremidade a outra. Preocupa-se com o individual, inserindo-o no coletivo.

Assim como a escrita histórica, a biográfica, dentro do contexto do Brasil oitocentista, tinha por horizonte o entrelaçamento entre presente, passado e futuro. Mesmo com as novas exigências disciplinares, marcadas pelo critério da cientificidade, tanto uma quanto a outra não necessariamente deveriam renunciar a antiga função magisterial. Verifica-se, contudo, como se busca demonstrar nesta parte desta tese de doutorado, práticas renovadas nas escritas de vidas que, seguindo as argumentações de Maria de Glória de Oliveira mas procurando ampliá-las, contribuíram para um alcance maior objetivado pela produção de biografias. A análise, de forma mais pormenorizada, dos trabalhos de Pereira da Silva e Antônio Henriques Leal pretende explicitar mais essa questão.

2.2 Movimento e vida de uma existência. História e trajetória singular a ser relatada: aproximações entre a escrita histórica e a biográfica

O nascimento do poeta mineiro José Basílio da Gama serve como princípio organizador da narrativa para Pereira da Silva explicar ao leitor de que forma ocorreu a criação da capitania de Minas Gerais. Relatada como “a mais bela e a mais majestosa de toda a província”, ali acontecerá um dos episódios mais significativos do Brasil colonial. É por meio de um paralelo com a vida de Basílio da Gama que o historiador-biógrafo nos convida a conhecê-lo.

Uma vida tormentosa. É dessa forma que Pereira da Silva define a existência do autor de *O Uruguai*. Tendo percorrido diversas regiões, a vida do poeta mineiro revela-se um

contínuo lutar contra as adversidades. Mesmo em períodos de relativa calma e tranquilidade, por mais breves que fossem, acabavam se tornando prenúncios de infortúnios futuros. O início parece se dar logo com a sua procedência. Descendente de pobres sertanejos é o que afirma Pereira da Silva sobre a origem de Basílio da Gama. Essa afirmação, contudo, lhe valeu algumas críticas estampadas em um jornal da época. De *Um parente seu*, não se sabe ao certo quem escreveu as cartas que fizeram o autor de *Plutarco Brasileiro*, na reedição de sua obra, inserir um parágrafo explicando ser inverídica a menção anteriormente feita referente à linhagem paterna do poeta.¹⁷⁶ A relação com a Companhia de Jesus também logo aparece, dentro de um importante acontecimento histórico, o decreto real de 1759 que expulsa os jesuítas de todos os reinos e domínios de Portugal:

Quatro anos havia, que José Basílio da Gama se conservava no colégio dos Jesuítas quando em 1759 chegaram ao Rio de Janeiro as ordens do ministro marquês de Pombal para se executar nos domínios do Brasil o decreto real, que desnaturalizava e bania de todo o território da monarquia portuguesa os membros da Companhia de Jesus. Os Jesuítas professos, e aqueles noviços e irmãos (?), que se não desligaram da Companhia, foram lançados por ordem do governo a bordo de navios, e mandados para os portos da Itália.¹⁷⁷

O rompimento entre o estado português, conduzido pelo primeiro ministro Marquês de Pombal, e a ordem dos jesuítas faz Basílio da Gama buscar novos rumos:

José Basílio da Gama, que não passava ainda do grau de noviço, preferiu abandonar o hábito e continuar seus estudos no seminário episcopal de S José, criado por provisão do bispo Antonio de Guadalupe, datada da 3 de Fevereiro de 1739. Seus valiosos estudos, seus talentos que já faziam dia, e um comportamento brioso e digno, atraíram-lhe amizades das quais em toda a sua vida se mostrou lembrado ou agradecido.¹⁷⁸

Muitas das complicadas situações em que Basílio da Gama se viu inserido estão relacionadas diretamente às mudanças ocorridas no país durante o século XVIII. Necessário era relatá-las a fim de tornar mais inteligível a narrativa da vida do poeta mineiro. Contudo, o

¹⁷⁶ “Acham-se, porém, hoje inteiramente esclarecidos estes pormenores. Obtivemos dos seus próprios parentes documentos comprobatórios de ser José Basílio da Gama filho legítimo de Manoel da Costa Vilasboas e de Dona Quitéria Ignacia da Gama, pertencentes ambos de famílias ilustres e importantes de Minas Gerais”. SILVA, João Manuel Pereira da. **Os varões ilustres do Brazil durante os tempos coloniães**. Pariz: Livraria de A. Franck..., Livraria de Guillaumin..., 1858, p. 360.

¹⁷⁷ SILVA, João Manuel Pereira da. **Plutarco Brasileiro**. op. cit., p. 138-139.

¹⁷⁸ Ibidem, loc. cit.

cuidado com os detalhes dos acontecimentos, a preocupação por não deixar de fora momentos considerados importantes e que pudessem ser passíveis de más interpretações no presente, nos leva a afirmar que antes de buscar conectar o singular com o coletivo, o geral com o particular, Pereira da Silva objetiva ensinar história a partir dos relatos de vidas individuais.

A relação do poeta mineiro com a Companhia de Jesus ocupa boa parte da biografia do autor de *O Uruguai*. Entre o jovem ingressante no colégio dos jesuítas e o já amadurecido e experiente poeta membro da Arcádia Romana, Pereira da Silva nos mostra o peso do cerco sobre a ordem religiosa e a maneira como influirá na vida de Basílio da Gama. Após passar um tempo na Europa, vivendo com muitas privações, ele retorna ao Brasil, porém sua sorte não havia mudado. De acordo com o historiador-biógrafo:

Constituía então o Brasil um governo homogêneo e centralizado a cuja testa estava o marques de Lavradio, com o titulo de Vice-Rei [...]

Com a proteção que o pontífice antecessor de Clemente XIV dera aos Jesuítas, mais se havia exacerbado o governo do marquês de Pombal, que os expelira dos domínios portugueses; ordens muito terminantes existiam por toda a parte contra os restos dispersos da ilustre Companhia; José Basílio da Gama, desembarcando no Rio de Janeiro, e não encontrando mais seus antigos protetores, foi denunciado como Jesuíta, preso imediatamente, re-embarcado à bordo de um navio de guerra, e remetido para Portugal.¹⁷⁹

Normalmente, Pereira da Silva dividia cada biografia em duas partes. Na primeira, era descrita a vida dos ilustres do passado para, posteriormente, ser feita uma análise sobre suas produções poéticas. Em relação a José Basílio da Gama aprendemos, além dos fatos marcantes de sua vida, a respeito da relação do governo português com a Companhia de Jesus. Expulsos do território luso pelo então primeiro-ministro Marquês de Pombal, sobre os membros da ordem, mesmo aqueles que haviam largado o hábito, uma nevoa de desconfiança e perseguições os acompanhará. A narrativa sobre o retorno do poeta mineiro para Portugal possibilita ao historiador-biógrafo analisar e refletir sobre a política do período:

Era todo poderoso o ministro marquês de Pombal; D. José I reinava, mas não governava; sua índole e sua inteligência se haviam acostumado à direção enérgica e ilustrada, que, vinte três havia, dava aos negócios o seu secretário d'estado, e o seu amigo. O habito governa o homem: D. José I de Portugal representava Luiz XIII da França, o marquês de Pombal refletia a imagem do cardeal de Richelieu: mas que benefícios não deviam os domínios portugueses ao ministro, que - fizera surgir sobre as ruínas de uma Lisboa velha e decrépita outra Lisboa nova e bela, e que olhava

¹⁷⁹ SILVA, João Manuel Pereira da. **Plutarco Brasileiro**. op. cit., p. 142.

com olhos iguais para as terras da América, não as diferenciando, pela sua situação, d'aquelas que a monarquia possuía na Europa? Quanto lhe não era obrigado o comércio, de cujos braços arrancara as algemas que o manietavam ao nascente colosso da Inglaterra.¹⁸⁰

A inteligibilidade sobre o passado é intermediada pela palavra. A descrição de quadros pretéritos, embora se torne factível na imaginação do leitor, é orientada por quem escreve. Pereira da Silva, na forma como retrata o biografado, constrói uma empatia que extrapola o extrato temporal do Brasil colônia. O biógrafo, por assim dizer, consegue fazer seus leitores verem os acontecimentos do passado, tendo como princípio ordenador da narrativa José Basílio da Gama.

Conforme já dito, embora tendo abandonado o hábito, o fato de Basílio da Gama ter pertencido aos jesuítas o acompanhará durante boa parte de sua vida. Na disputa entre o governo português, comandado por marquês de Pombal, e a Companhia de Jesus, Basílio da Gama terá de conviver com a perseguição de um e a mágoa da outra. Tendo conseguido rever sua posição frente à coroa portuguesa, a partir de um poema dedicado à filha do ministro luso, sua posição melhora na corte: “O marquês de Pombal [...] tanto de seus talentos se agradou, que lhe perdoou o exílio [...] Volveu pacífica sua existência, garantida pelos ordenados do seu emprego”.¹⁸¹

No entanto, os acontecimentos do período corroboram a afirmação de Pereira da Silva sobre a vida do poeta mineiro, isto é, um contínuo lutar contra as adversidades. Novamente a história aparece. O derradeiro e triste final da existência de José Basílio da Gama torna-se mais compreensível por meio deles. A proteção concedida pelo primeiro ministro português de nada adiantará após a sua demissão. Na tentativa de recomeçar, Basílio da Gama se depara com as críticas feitas pelos jesuítas a respeito do poema épico de 1769. É nesse momento de *Plutarco Brasileiro* que algo importante acontece. Não se pode perder de vista o grande objetivo da obra, que seria o de reforçar o sentimento nacional. Pois bem, para isso ser concretizado Pereira da Silva, em determinados momentos, emitia suas opiniões, reprovava atitudes, enfim, interferia diretamente na sua narrativa. Considerar uma das personalidades ilustres do passado brasileiro como alguém ingrato, que se esquecia dos antigos benfeitores para conseguir vantagens no presente, fugiria aos propósitos do livro. Por isso a sua defesa:

¹⁸⁰ Ibidem, p. 143.

¹⁸¹ Ibidem, p. 144-145.

Foi preciso abandonar seu emprego, e como Jacob, recomeçar a escada dos seus trabalhos: então ao seu poema o *Uraguai*, que, alguns anos havia, se publicara, apareceram respostas ditas dos Jesuítas, que apelidavam o poeta de ingrato e traidor quando para desvanecer semelhantes epítetos bastava o seu brioso comportamento em relação ao ilustre desterrado, que nome dera, e nome imortal ao reinado de D José I.º: - bastava sentir palpitar dentro do peito de José Basílio da Gama o agradecido coração, que, no meio dos transes arriscados, e em perigosas crises, jamais deixou de tributar respeito e saudade a seus benfeitores que importa que censurasse o comportamento dos Jesuítas do Paraguai, quando ele tratava da direção, que a companhia dava à missão, que n'aquela ponto estabelecera e fundara? Não podia ele estimar particularmente aqueles padres, que o abrigaram no Rio de Janeiro, e de quem aprendera os primeiros rudimentos literários; mesmo aqueles que em Roma o protegeram; e entretanto reprovar alguns atos da Companhia, e as suas modernas tendências ao exclusivo domínio, tendências, que iam de encontro ao fim e intenções benéficas e religiosas do seu fundador e dos seus primeiros diretores?¹⁸²

Entre a história e a biografia, a narrativa sobre a vida do poeta mineiro ganha força à medida que acontecimentos diversos se sucedessem. A coesão e a clareza indispensáveis para a melhor compreensão deles encontram em José Basílio da Gama o princípio orientador necessário, conforme temos assinalado. É na sua ida para o Rio de Janeiro que tal aspecto torna-se evidente, pois Pereira da Silva relata a formação de uma academia literária que desagradará as autoridades locais, sobretudo o vice-rei conde de Resende. Em meio a tantos personagens envolvidos na criação da agremiação inspirada na Arcádia Romana e a destinos tão díspares envolvendo os poetas participantes, a vida de Basílio da Gama serve como porto seguro para evitar a fragmentação da narrativa:

O conde de Resende temeu que a academia literária se não metamorfoseasse em associação política; da capitania de Minas tinham chegado os indiciados do crime de rebelião, que ali se tentara, para o fim de emancipar-se a colônia do jugo metropolitano: entre estes acusados figuravam engenheiros, como Claudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga, Inácio José de Alvarenga Peixoto, e Domingos Vidal Barbosa Barboza: os poetas causavam sustos ao Conde de Rezende parecia-lhe que esses abrasados espíritos se não acomodavam ao viver e sentir sossegados das exigências sociais; lavrou ordem, dissolvendo a academia literária e como notou bastante descontentamento em alguns, que eram sócios d'ela determinou que se prendessem aqueles, que ousavam censurar seu ato, entre os quais se contava o Dr. Manuel Inácio da Silva Alvarenga. José Basílio da Gama entendeu que não devia conservar-se por mais tempo no Rio de Janeiro; perigos o rodeavam por toda a parte; e aonde iria a triste e peregrina ovelha que não incomodasse com seus balidos e presença?¹⁸³

A resposta para o questionamento acima parece ter sido Lisboa. O autor de *O Uraguai* para lá se dirigiu e viveu até seus últimos dias. A prova que o historiador-biógrafo oferece ao

¹⁸² Ibidem, p. 146-147

¹⁸³ Ibidem, p. 149.

seu público leitor é a ausência do nome de Basílio da Gama no almanaque da Academia de Ciências de Lisboa, entre os membros vivos, a partir do ano de 1796.

Do nascimento até a morte de uma das personagens ilustres do período colonial emergem acontecimentos importantes para o entendimento do passado do país. Desde a criação da capitania de Minas Gerais, passando pela relação da coroa portuguesa com os jesuítas, até a extinção da academia literária criada no Rio de Janeiro, o que se observa é a junção do particular com o coletivo, da existência singular de uma vida com acontecimentos-chave para o país. Ao lado da narrativa da trajetória singular de uma existência, estava também o reconhecimento da sua importância no campo das letras. Ao analisar a produção literária dos seus biografados, Pereira da Silva confere particularidades a sua aposta no biográfico, utilizando a literatura como um campo de experimentação para a escrita da história, em um estilo mais fluido e livre. Como biógrafo, por outro lado, ele seleciona, elege partes da vida de seus retratados, estabelecendo um vínculo com seus personagens, ainda que indiretamente. A busca por reforçar um sentimento patriótico em seus leitores, por conseguinte, não era excludente com a tentativa de ensinar história.

Mesmo que, como observa a historiadora Mary Del Priore em *Biografia, biografados Uma janela para a história*, “pouco a pouco, na mesma época (séc. XIX) história e literatura se divorciaram” ambas ocupam importante papel dentro da chamada retórica da nacionalidade.¹⁸⁴ Para Pereira da Silva, elas poderiam andar juntas tendo como eixo central a figura do biografado que, por sua vez, é autor de obras literárias e o indivíduo por meio do qual a história pode ser narrada. Como afirma a historiadora, “Na vida de um indivíduo convergem fatos e forças sociais, assim como as ideias, representações e imaginário de um indivíduo convergem para o contexto social ao qual ele pertence.”¹⁸⁵ Ele passa a ser o personagem que ilustra os conflitos, as tensões e as contradições do período.

Acabava Portugal de sacudir o jugo espanhol; a aclamação de D. João IV deu ao trono um rei Português, e à nação uma dinastia nobre e ilustrada; a vitória coroara os heroicos esforços dos defensores da independência lusitana; os Espanhóis foram por toda a parte derrotados; e nas colônias, que pela África, Ásia, e America demoravam, e aonde a língua portuguesa não fora esquecida e trocada pela castelhana, reproduziu-se movimento unísono; e à uma voz, e sem emprego de

¹⁸⁴ DEL PRIORE, Mary. “Biografia, biografados Uma janela para a história”. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018, pp. 73-90.

¹⁸⁵ *Ibidem*, p. 79.

grandes meios, a bandeira portuguesa de novo desdobrou-se sobre as torres, e as fortalezas, e de novo sorriu ao murmúrio dos ventos.¹⁸⁶

A chamada Restauração possibilitou que Portugal se tornasse novamente um país independente. Sem mais ter de obedecer às ordens castelhanas, o movimento, liderado por D. João IV triunfa em relação aos seus objetivos. A referência que Pereira da Silva faz a esse fato não causa maiores questionamentos devido a sua importância para a história portuguesa e, conseqüentemente, para o Brasil. O que chama a atenção, contudo, é o local destinado a essa menção. Ela se dá entre a ida do poeta baiano Gregório de Matos para Coimbra, a fim de prosseguir nos estudos superiores, e sua adaptação no novo país.

Algum leitor atento perceberia o total deslocamento presente entre a alusão à Guerra de Restauração e os aspectos individuais biográficos do maior expoente do barroco colonial. Não há uma conexão convincente capaz de unir ambos os fatos do que a cronologia. Na tentativa de ligar as dimensões individual e geral, biografia e história, Pereira da Silva nem sempre tinha êxito.

Após obter o bacharelado em direito, Gregório de Matos vai para Lisboa exercer as funções de juiz do crime e juiz de órfãos e ausentes da comarca, cargos ocupados até as mudanças políticas ocorridas. Nesse momento da narrativa, fica mais clara a alusão ao reinado de D. João IV. Pereira da Silva, mostra para os seus leitores o que aconteceu depois e a forma como o poeta baiano se insere nos fatos. Tendo D. Afonso VI assumido o poder no lugar de seu pai, os acontecimentos posteriores serão emblemáticos para a história do país e a vida do poeta:

No entanto D. Affonso VI, em 1656, sucedera a seu pai El-Rey D. João IV: a soma de injustiças praticadas, um governo de ignorância e de validismo, uma reunião de indivíduos sem titulo ou importância, que dominava o animo d'El-Rey, a perda de todas as esperanças enfim de melhoramento com um monarca impassível, mudável, e ao mesmo tempo de péssimo caráter, levaram o infante D. Pedro, a nobreza, e o povo, a conjurarem a queda do soberano.¹⁸⁷

Gregório de Matos apoia o novo regente português. Como retribuição lhe é prometido um lugar na Casa de Suplicação desde que antes ele partisse em comissão ao Rio de Janeiro, após o fim da administração de Salvador Correa de Sá e Benevides. Havia uma razão política

¹⁸⁶ SILVA, João Manuel Pereira da. **Plutarco Brasileiro**. op. cit., p. 277.

¹⁸⁷ *Ibidem*, p. 279

para isso. Por mais que fosse comum averiguar os atos de um governador quando do término de seu governo, as reais intenções desse fato eram achar motivos para punir Benevides por não ter se aliado a D. João IV. A recusa do poeta barroco o faz ter problemas com o novo príncipe regente:

Ainda que Gregório de Matos seguisse oposta vereda de Salvador Correia de Sá e Benevides sabia, contudo, fazer justiça às suas grandes qualidades e a seus leais e prestimosos serviços quer ao Brasil quer a Portugal. Havia no coração de Gregório de Matos um fundo de bondade que lhe não permitia fazer mal a pessoa alguma embora seu espírito e sua musa prontos estivessem sempre para censurar e ridicularizar coisas e homens e já bem alto haviam chegado as perseguições do governo contra Salvador Correia de Sá e Benevides encerrado em uma prisão havia já anos e sem ainda se lhe haver formado processo.¹⁸⁸

A partir da ida de Gregório de Matos para a Bahia seus problemas acumulam-se. Conforme destaca o autor de *Plutarco Brasileiro*, a veia satírica do chamado *Boca do inferno* o fará arranjar muitos inimigos e as constantes mudanças políticas na região tornarão sua posição de homem rico, poderoso e respeitado, presente durante seu período em Lisboa, transformar-se “na mais extrema penúria e miséria, esmolando para poder sustentar-se!”. É como se Pereira da Silva tentasse explicar os infortúnios de Gregório de Matos pelos descasos políticos que o acompanham.

No entanto, como realçar algum sentimento de nacionalidade em uma biografia de alguém que criticava, de forma contundente, praticamente toda a autoridade colonial com a qual entrava em contato? Onde a *historia magistra vitae* se materializaria nessa narrativa, por vezes caótica e difícil de acompanhar? Aqui, assim como em outras biografias, as letras destacam a importância da escolha do biografado. De fato, Pereira da Silva concentra-se mais em analisar as composições poéticas de Gregório de Matos, fazendo toda uma digressão sobre as poesias trágicas e cômicas. Não sem algumas advertências, é claro. O que fica para o historiador-biógrafo são a magia, a fantasia e as cores necessárias que o poeta tão bem utilizou na pintura de quadros representativos da sociedade na qual vivia: “o seu pincel foi de fel, o seu estro de contínua ironia, as suas imagens sempre motejos, e as suas obras painel admirável de vícios ridículos, e de risíveis caricaturas”.¹⁸⁹

¹⁸⁸ Ibidem, p. 280.

¹⁸⁹ Ibidem, p. 296.

Em dois momentos, não obstante, aprendemos sobre o vínculo de Gregório de Matos com a política portuguesa. O primeiro deles refere-se às suas relações com o infante D. Pedro, durante sua disputa com Afonso IV:

Gregório de Mattos abriu relações com o infante, ligou-se a seus projetos, e animou-o na empresa. O infante venceu; O rei deixou o palácio por uma prisão, e D. Pedro recebeu o título de regente de Portugal.¹⁹⁰

Após um período de proximidade entre o regente português e o baiano, as relações entre eles mudam drasticamente:

O Príncipe mostrou-se descontente com a recusa de Gregório de Matos; suas relações findaram; seus serviços caíram no olvido: Gregório de Matos perdeu então as esperanças que nutrira e cujo resultado lhe fora afeiçoado; deliberou-se a abandonar Lisboa, a corte, e Portugal, e a recolher-se a sua pátria: pôs enfim pé na Bahia, no ano de 1679, depois de uma ausência de 35 anos.¹⁹¹

A identificação com o biografado e a parcialidade de Pereira da Silva se fazem evidentes no trecho da narrativa quando ocorre a disputa entre D. Afonso IV e D. Pedro. O autor de *Plutarco Brasileiro* não hesita em tomar partido. Desqualificando o governo do primeiro, justifica-se, por conseguinte, a tomada de poder pelo segundo. Com isso, Gregório de Matos parecia estar do lado certo da história. No entanto, a perseguição imposta a Salvador Correia de Sá e Benavides, por este não ter se aliado aos vencedores, é o precedente necessário para Pereira da Silva qualificar a atitude de rompimento do poeta baiano como positiva. Mais uma vez estava Gregório de Matos, por assim dizer, do lado certo da história, constituindo o correto juízo moral feito uma característica que realça a figura do brasileiro ilustre.

Por vezes, o que acontecia também era um descompasso entre a dimensão individual e o contexto histórico em questão. Isso aparece na biografia de José Bonifácio de Andrada e Silva. Em meio a acontecimentos que acabaram por alterar a política europeia, em um momento marcado pela Revolução Francesa, o estadista brasileiro preocupava-se única e exclusivamente com o estudo das ciências:

¹⁹⁰ Ibidem, p. 279.

¹⁹¹ Ibidem, p. 280-281.

Enquanto a Europa estremeceia sob o peso dos acontecimentos políticos, que tão cruelmente magoaram os últimos anos do século XVIII; enquanto o mundo como que tomava nova face já movido pelo estrépito horroroso da revolução francesa - e já espantado com os espetáculos novos e variados por que passava; - enquanto por toda a parte se não tratava senão de guerra, - José Bonifácio de Andrada e Silva tinha unicamente olhos e pensamento para o estudo das ciências para ele, e - só para ele aplicava seus cuidados, e sua ambição!¹⁹²

Nascido no ano de 1765, a biografia de Bonifácio é emblemática devido a sua intrínseca relação com a independência do país. Nas suas mais de quarenta páginas, há lugar considerável para que o leitor se detenha nos momentos decisivos para a antiga colônia. Pereira da Silva, em uma escrita que não recusa seu papel de mestra da vida, enaltece o sentimento patriótico de José Bonifácio sem, contudo, esconder seus erros:

Retirado José Bonifácio de Andrada e Silva para o Brasil, segunda fase enceta sua existência: não já de repouso e de descanso, como soem ser as ocupações científicas e literárias; porém de atividade, de paixões, de entusiasmos e de trabalhos corporais. [...] Pouco tempo, porém, depois lhe foi necessário abandonar inteiramente a vida sossegada do naturalista. Os acontecimentos políticos do seu país tomaram caráter tão complicado, que atraíram as atenções de todos os Brasileiros.¹⁹³

Quais acontecimentos seriam esses? É o que Pereira da Silva narra a seguir:

Portugal havia aceitado o regime constitucional, e nomeado cortes para tratarem dos públicos negócios. El-Rei D. João VI se retirara para Lisboa, deixando no Rio de Janeiro seu filho primogênito o príncipe D. Pedro, na qualidade de regente do Brasil. As cortes portuguesas, no intuito de subordinar mais fortemente o Brasil a Portugal, ordenaram por decretos de 29 de Setembro de 1821, que ficassem extintos os tribunais da chancelaria e do tesouro, a junta do comércio, e varias repartições centrais que El-Rei D. João VI estabelecera no Brasil, quando o elevara em 1815 à categoria de Reino; e por outro decreto de igual data que o príncipe D. Pedro regressasse a Portugal.¹⁹⁴

José Bonifácio se insere dentro do quadro descrito pelo historiador, devido em muito ao protagonismo exercido. No ano de 1821, após uma série de atos do governo português que na prática re-colonizava o Brasil, a figura de liderança do patriarca da independência aparece: “Foi geral o descontentamento dos brasileiros, e unísono seu grito de guerra. José Bonifácio de Andrada e Silva se colocou à frente do movimento. Bateu-lhe de rijo o patriótico coração.

¹⁹² Ibidem, v.2, p. 115.

¹⁹³ Ibidem, p. 123-124.

¹⁹⁴ Ibidem, p. 124-125.

A sua voz aderiram todos. O príncipe regente aquiesceu aos desejos dos brasileiros, uniu sua causa à causa deles, sua glória à glória deles, e sua história à história do Brasil”.¹⁹⁵

A relação entre a figura de José Bonifácio de Andrada e Silva, o indivíduo, e o contexto histórico, marcado pelo acirramento dos conflitos, o coletivo, ganha relevo à medida que os fatos se sucedem, chegando ao clímax do processo de independência. Após proclamada a separação entre colônia e metrópole, as disputas posteriores são lamentadas por Pereira da Silva, o levando a refletir sobre as dificuldades existentes dentro do campo político:

Erros porém, e alguns bem fatais, deviam de ser consequências da falta de educação política para a verdadeira compreensão das novas instituições. Erros cometeram todos os homens e todos os partidos ao encetar os trabalhos parlamentares no Brasil.¹⁹⁶

No que condiz a atuação de Bonifácio de Andrada e Silva, o estadista brasileiro é visto como um exemplo a ser evitado. A crítica maior de Pereira da Silva insere-se nos debates ocorridos na Assembleia Constituinte de 1823. Por decisão de D. Pedro I, eleições para deputados foram realizadas em todo o país, a fim de se redigir uma constituição para a nação recém-independente. Não obstante, os constantes conflitos e as divergências de opiniões entre os mais variados “partidos” existentes terminaram por desencadear o fechamento da Assembleia por ordem do imperador. Quanto a José Bonifácio, coube a deportação. Para o historiador-biógrafo, houve erros de todas as partes:

Se José Bonifácio de Andrada e Silva cometeu graves erros - já quando ministro adotando como seu um partido extremo, e extremo democrático, ele ministro de uma monarquia, - já quando chefe de oposição, e fora do poder, combatendo o governo de modo a diluir-lhe os fundamentos e a tirar-lhe a força moral de que todo o governo carece, - e particularmente um governo que nascia de uma revolução, e que guarda portanto em seu seio vestígios de sua origem desorganizadora; - erros cometeu também D. Pedro I, empregando a arma da violência, que apenas presta força momentânea, e estraga a própria mão que dela se serve.¹⁹⁷

Além de focar na atuação de D. Pedro I e de seu ex-ministro, Pereira da Silva faz uma reflexão sobre os desacertos políticos do período. Para ele, havia um descompasso entre as

¹⁹⁵ Ibidem, p. 125.

¹⁹⁶ Ibidem, loc. cit.

¹⁹⁷ Ibidem, p. 133.

novas instituições, de caráter mais democrático, e a educação política necessária para lidar com elas, que no Brasil ainda era inexistente. Mais difícil do que colocar fim a um governo é a construção de outro:

Em política não consiste a dificuldade em destruir um governo, mas sim em constituir outro novo; belos são por sem dúvida os dias de triunfo; sucedem-lhes, porém, depois os embaraços, e menos dificultoso é vencer do que manter-se e sustentar-se: o sucesso é pela maior parte das vezes efeito da surpresa; - a duração unicamente constitui o que é vida e o que é força. Depois da vitória dividem-se e subdividem-se os ânimos; o fim a que todos se dirigem pode ser idêntico; os meios para consegui-lo importam as diferenças e as oposições ¹⁹⁸

Aqui surge a figura do imperador, importante para evitar mais derramamentos de sangue. No entanto, como ressalta Pereira da Silva, a promulgação de uma constituição outorgada, a primeira do país, freia as expectativas democráticas advindas com o processo de independência e as discussões ocorridas na Assembleia de 1823. O exílio de José Bonifácio coincide com o fim da segunda fase de sua existência. Não podendo regressar ao país, foi na poesia que encontrou alento. Se o espírito enérgico do biografado nas disputas políticas de 1823 deveria ser visto com cuidado, o seu “sacrifício” a favor da pátria é um aspecto a ser valorizado na figura desse brasileiro ilustre:

Com o seu exílio finda a segunda fase da vida de José Bonifácio de Andrada e Silva; a primeira fora toda dos prazeres e do descanso, das ciências e do repouso; a segunda fase foi ativa e tormentosa de emoções e de desassossego. Voltara a sua pátria na intenção de revê-la; voltara a sua pátria na intenção de respirar ainda seu ar puro, e de saudar seu magnífico céu; queria no meio dos seus viver os últimos dias, e os últimos anos da existência, já que tantos dias e tantos anos haviam residido em estranhos e distantes países. Sua pátria, porém, precisou dele; e lhe foi de mister adotar o viver do político; colocar-se à frente de uma revolução, domá-la e guiá-la ao seu fim; organizar enfim um país todo novo, e assim tornar da história d esse país a sua própria história. ¹⁹⁹

Ao lado de Luís Carlos Pereira de Castro, o médico e jornalista Antônio Henriques Leal é responsável pela edição de *Obras de João Francisco Lisboa*, no ano de 1864.²⁰⁰ O

¹⁹⁸ Ibidem, p. 129.

¹⁹⁹ Ibidem, p. 134.

²⁰⁰ LEAL, Antônio Henriques & CASTRO, Luís Carlos Pereira de. **Obras de João Francisco Lisboa**. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1864.

primeiro volume do referido trabalho é precedido por uma nota biográfica de Henriques Leal. Nessa nota, o biógrafo conta fatos da vida do escritor maranhense. Tendo participação ativa na vida política do país, João Francisco Lisboa também acumulou muitos adversários. O tom, por conseguinte, a ser adotado na escrita do trabalho deveria ser de cautela. Como deixa clara a advertência feita pelos autores:

À frente do primeiro volume vai a biografia de João Francisco Lisboa, composta por um dos dois amigos do autor incumbidos de dirigir a impressão de suas obras, o doutor Antonio Henriques Leal, que, porque escrevia de contemporâneo, e de um que tomou grande parte nas nossas tão renhidas lutas políticas, teve não poucas vezes de reprimir a pena com receio de ofender suscetibilidades.²⁰¹

Não obstante, a amizade nutrida pelo biografado, ao longo do texto, transparecerá. Exemplo disso são as adjetivações negativas utilizadas para se referir aos seus adversários ou até mesmo ao estado de onde provinha Francisco Lisboa. O ponto principal, contudo, que objetivo mostrar diz respeito à maneira como o geral e o particular são associados através do relato de uma vida, contribuindo para a possibilidade de se estabelecer um melhor entendimento sobre o passado. Evidentemente, é necessário frisar, que isso será feito não através de uma escrita que se propõem neutra e indiferente ao que relata, não se deixando levar pelas paixões mediante a narração dos acontecimentos pretéritos. Por “escrever de contemporâneo”, Antônio Henriques Leal está presente no texto, seja para suavizar atitudes consideradas controversas de seu amigo, seja para atenuar os erros dos opositores.

A juventude de João Francisco Lisboa é contada a partir da delimitação do contexto histórico do período. A regência trouxe à tona as inimizades há muito nutridas. A chamada revolução de 7 de abril de 1831 encontrou uma população ainda não acostumada aos governos mistos e insegura de sua independência. O levante de Pinto Madeira, movimento conhecido como Insurreição do Crato, é o exemplo que o escritor traz para demonstrar o quanto os ânimos estavam exaltados. A sua, por assim dizer, presença no texto está na crítica feita aos desdobramentos do movimento de 1831. De acordo com sua opinião, a ausência de algumas reformas necessárias à manutenção da nova organização política do país conduziram à perda de popularidade, prestígio e força desagradando tanto a partidários quando a adversários.

Outro momento citado foi o ocorrido no Pará. A sua importância reside na influência que exercerá em alguns políticos maranhenses, dentre eles o jovem João Francisco Lisboa:

²⁰¹ Ibidem, p. vi.

Chegada aqui tão lastimosa notícia, receberam-na com pavor e indignação, e os espíritos mais ousados alvoroçaram-se, e concitando o povo e a força pública, amotinaram-se na noite de 13 de setembro, levando à presença do presidente Araújo Vianna, hoje visconde de Sapucaí, uma representação [...] Era uma reação às ideias que venceram no Pará, era um ato de desforço [...] ao menos assim o entenderam os homens bem intencionados que tomaram parte nesse motim. Nomes, que depois ocuparam altas posições na província e fora dela, assinaram no calor do entusiasmo essa representação, onde também já figurava o de João Francisco Lisboa, que apenas contava 19 anos.²⁰²

O governo da província, após anuir ao movimento, desencadeia forte perseguição aos seus participantes, disso resultando na deportação de quarenta indivíduos acusados de tramarem contra o regime. O que teria servido para acalmar os ânimos, torna-se, na verdade, a justificativa para possíveis novas sublevações.

A primeira fase da vida jornalística de Francisco Lisboa corre paralela a sua juventude. Época conturbada e de enormes convulsões políticas na sua região, basta lembrar duas importantes revoltas, a Setembrada e a Balaiada, o jornalista maranhense, entusiasta do Partido Liberal, funda, em 1832, o jornal *O Brasileiro*. Acerca dessa época, Antônio Henriques Leal descreve as dificuldades e os desafios encontrados pelo seu biografado na tentativa de fazer oposição por meio da palavra escrita. Sendo um continuador das ideias presentes no *Farol Maranhense*, a publicação de *O Brasileiro* é interrompida com o falecimento de João Cândido Moraes. Sobre o político maranhense, escreve Leal:

Foragido e perseguido o redator do *Pharol Maranhense*, teve de calar-se essa voz, se bem que rude e exagerada na linguagem, como pediam os tempos, todavia franca e leal no dizer. Falava aos corações das massas, comovia-as e eletrizava-as, sem contudo cortejá-las em suas ruins paixões: era o intérprete fiel e verdadeiro das suas ideias e sentimentos, a bandeira que reunia e guiava um partido possante e cheio de entusiasmo, e nem houve nesta província jornal que exercesse nunca tamanha e tão decidida influência como o *Pharol*.²⁰³

É interessante notar as adjetivações utilizadas por Henriques Leal. Como contemporâneo aos fatos descritos, o seu entendimento sobre os acontecimentos pretéritos se dá diretamente através de sua experiência. A busca por oferecer inteligibilidade a aspectos que ainda não haviam sido totalmente esquecidos não está dissociada da sua opinião sobre

²⁰² Ibidem, p. xvi.

²⁰³ Ibidem, p. xix.

eles. Mesmo que tente não “ferir suscetibilidades”, “reprimindo sua pena”, percebe-se, a partir do uso da linguagem, o quão distante se encontrava dos objetivos referidos na “Advertência”. A morte prematura de Cândido Moraes, altera os planos de Francisco Lisboa:

No dia 18 desse mês às 11 horas e meia do dia falecera José Cândido de Moraes e Silva, em consequência de padecimentos crônicos que se exacerbaram e foram se agravando com os sobressaltos e privações do homizio e a assiduidade com que se entregava ao estudo. Aos 25 anos, quando estava na força da primavera da existência, e tanto prometia aquela robusta e pronta inteligência, foi roubada à pátria e aos amigos, sem ao menos podê-los abraçar e morrer descansado no seio da liberdade, por quem tanto se sacrificara, e de que se vira privado tão injusta e cruelmente nos seus ultimas dias. Assentou Lisboa para logo cessar com o Brasileiro, dando a lume o *Pharol Maranhense* para trazer, como se expressou no último n.º daquele, sempre viva a lembrança de José Cândido, e no dia 22 desse mês e ano saiu o n.º 352,- continuando assim a publicá-lo de onde havia cessado a 16 de novembro de 1831.²⁰⁴

Após dois anos na direção do *Farol Maranhense* decide se afastar por conta dos desgostos da vida jornalística. Retorna dois anos depois, contudo, para fundar o *Echo do Norte* que, assim como o *Farol*, foi retirado de circulação. Após a descrição da ainda incipiente carreira jornalística de Lisboa, Henriques Leal passa a analisar, de forma mais pormenorizada, o tom adotado na escrita do seu biografado. Essa análise acontece paralelamente à narração das convulsões políticas do Império. É como se a instabilidade por qual passava o regime monárquico brasileiro servisse de justificativa para um uso menos moderado das críticas feitas por Francisco Lisboa. Para além de oferecer um acesso privilegiado às épocas pretéritas, é importante atentar para a forma como o passado chegará ao presente, a maneira pela qual seu biografado deveria ser lembrado. Certo dever de memória confunde-se com a homenagem a um amigo, numa imbricação que envolve os terrenos da história, da biografia e da política. Junto a isso, a participação e o protagonismo exercido pelo ser retratado reforça o valor heurístico do gênero biográfico, e permite atentar para as intersecções entre a existência singular de uma vida e a história.

“Tanto é história o tratado das instituições nacionais que enchem o 3.º e 4.º volume da História de Portugal de Herculano, como a pitoresca vida de D. João I, na crônica de Fernão Lopes. Tanto são histórias as biografias de Plutarco, como o Gouvernement

²⁰⁴ Ibidem, p. xxii.

Representatif de Guizot”.²⁰⁵ Esse excerto, pertencente ao historiador, político e cientista social português Joaquim Pedro de Oliveira Martins, indica uma proximidade com os trabalhos de Henriques Leal e Pereira da Silva. Conforme explica Fernando Catroga, acerca da temática biográfica dentro da obra de Oliveira Martins, “a escolha de Camões ou dos filhos de D. João I, de D. Nuno Álvares, ou de D. João II teve muito a ver com o período histórico que sintetizavam”.²⁰⁶ A biografia possibilitava melhor apreender o ritmo dramático da vida e o historiador, ao utilizá-la, atuaria como um perscrutador de almas capaz de captar o âmago da personalidade do grande homem. Existe também a relação entre o chamado herói supremo com a nação:

O herói supremo tende, assim, a coincidir com os fastos da nação. É no momento em que “a árvore nacional rebenta e dá frutos” e o “gênio colectivo” já se “encontra definido nas consciências”, que a ordem ideal da história “encarna, desce ao seio dos indivíduos privilegiados: e dessa forma, adquirindo o que quer que é de forte que só no coração do homem existe, actua de um modo decisivo e heróico”. Por isso, concluía Martins em 1879, “todas as grandes épocas das nações se afirmam por uma *plêiade de grandes homens* em cujos actos e pensamentos o historiador encontra sempre o sistema das ideias nacionais, anteriormente elaboradas de um modo colectivo, actualmente expressas de um modo individual”. E é neste terceiro nível concreto que as explicações do passado perdem o seu cariz anónimo: “*tudo agora é pessoal; e na tragédia histórica, preludiada por coros numerosos, ouvem-se já as vozes das personagens.*”²⁰⁷

A escrita biográfica será importante aliada na tarefa de traçar o perfil, os traços desse indivíduo caracterizado pela excepcionalidade. Para além, com as biografias é possível uma reatualização da *historia magistra vitae*: “Verdadeiramente, só no patamar biográfico a história é, à maneira de Michelet, uma ‘ressurreição’ dos mortos; só neste plano deixa de ser uma gesta anónima e se povoa de rostos; só aí a sua escrita [...] desempenha plenamente a sua função social, tornando-se *magistra vitae*.”²⁰⁸

A breve notícia biográfica de Francisco Lisboa, por sua vez, tal como em Oliveira Martins, possibilita a Henriques Leal a narração de um episódio emblemático envolvendo seu biografado. Trata-se, pois, da acusação que recai sobre o político maranhense acerca da sua participação no movimento conhecido como Balaiada. Após esse fato, Francisco Lisboa

²⁰⁵ MARTINS apud CATROGA. O magistério da história e exemplaridade do “grande homem”: a biografia em Oliveira Martins. In: PÉRES JIMÉNEZ, Aurélio; FERREIRA, José Ribeiro; FIALHO, Maria do Céu (Coord.). **O retrato literário e a biografia como estratégia de teorização política**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Universidade de Málaga, 2004, p. 283. Itálico do autor.

²⁰⁶ Ibidem, p. 282.

²⁰⁷ Ibidem, p. 283.

²⁰⁸ Ibidem, p. 280-281.

retira-se da política, dedicando-se a outras atividades. É dentro desse contexto que o biógrafo procurará aliar à descrição do período regencial, com suas lutas e revezes, o indivíduo em sua singularidade.

Para se referir à Balaiada, movimento que o biógrafo não condena, o escritor busca, por assim dizer, ambientar o seu leitor em um contexto por demais corrompido para a manutenção de uma almejada estabilidade pós abdicação de Dom Pedro I. Certo tom metafórico e a comparação utilizados buscam dar ao seu público a noção mais próxima possível da (sua) realidade:

Se hoje em dia, quando os barcos de vapor cortam alguns dos nossos rios, e estendem-se léguas de carris de ferro por ínvias paragens, cometem-se ainda tantos crimes, descansados e seguros de si os facínoras pelas matas e campinas que os afastam e ocultam do braço da justiça, considerai como se respeitariam a vida, a segurança individual e a propriedade nos tempos do primeiro monarca e nos das regências, tão profunda e continuamente alterados por comoções que, perturbando a tranquilidade deste vasto e muito mal povoado império, pervertiam toda a noção de moral em ânimos obscurecidos pela ignorância a mais completa!²⁰⁹

O cenário acima descrito se agrava mediante a ausência de experiência do país ao lidar com instituições políticas adotadas de “povos muito adiantados em civilização”. Ao lado disso tem-se a completa ineficiência na tentativa de estabelecer uma autoridade que pudesse abarcar todas as regiões do Brasil. É como se o biógrafo buscasse, por meio da palavra, justificar, a partir da situação apresentada, os desdobramentos que virão. Trata-se de oferecer um acesso privilegiado ao passado, sob a busca de controlar esse mesmo passado. O biografado aparece, por conseguinte, não somente como um modelo de conduta cívica, importante para a glória da nação, mas como o eixo norteador da narrativa. Sua vida e a história seguem o mesmo curso. João Francisco Lisboa aparece para manter certa unidade à trama. Como político na tribuna da província e, principalmente, por intermédio de seu jornal *Crônica Maranhense*, ele, tal como um artista, através da sua pena, consegue pintar com “vigor de colorido” a tensa situação que se apresentava.

Henriques Leal continua a descrever a Balaiada. Concentra-se nas disputas políticas entre os dois partidos existentes, criticando os conservadores. É nesse momento que se percebe o maior interesse do escritor, a saber, isentar seu biografado e amigo, de qualquer

²⁰⁹ LEAL, Antônio Henriques. “Notícia acerca da vida e obras de João Francisco Lisboa”. op. cit., p. xxxv.

participação do movimento. Para que isso ocorresse era necessário um detalhamento histórico acerca dos reais motivos da revolta de 1838. De acordo com ele:

O que está averiguado pelos fatos, submetidos à crítica imparcial e desapaixonada, é que essa rebelião não nasceu de princípios políticos, nem nunca os proclamou, e menos ainda deu a conhecer fins consentâneos aos do partido no qual o espírito malevolente de política a queria perfiar. Em toda essa facção depredadora, e durante os três anos que perdurou, apontam-se sós três caudilhos ou diretores supremos – Manuel Francisco dos Anjos Ferreira Balaio, Raimundo Gomes, ambos de cor, de condição ínfima e servil, miseráveis e completamente ignorantes, e Cosme, preto liberto. [...] eis o movimento revolucionário, que atribuíam aos liberais ou *bemtevis*; eis os homens, inculcados por má fé como membros de um partido e por ele incitados a conflagrarem o torrão natal!²¹⁰

A busca por eximir Francisco Lisboa de participação na Balaiada é motivada por um acontecimento ocorrido poucos anos antes da edição de 1864. No ano de 1857, em uma sessão legislativa, durante uma acalorada discussão a respeito das eleições no Maranhão, a acusação sobre o envolvimento de Lisboa no levante de 1838 aparece novamente. É a partir desse fato no presente que, referindo-se ao passado, Henriques Leal tenta, utilizando a palavra escrita, reconstituir os acontecimentos e isentar seu biografado.

É fácil perceber, na forma como o autor caracteriza os líderes do movimento, a busca por dissociá-lo do partido ao qual tinha mais afinidade. Partido esse a que Lisboa nutria forte entusiasmo. Acompanhando a vida de Lisboa e oferecendo ao seu público leitor maior inteligibilidade sobre o passado, Antônio Henriques Leal ensina história e presta certo dever de memória para o seu biografado. Relatar o que ocorreu juntamente à busca por dissipar dúvidas e embaraços sobre pontos polêmicos da biografia de Francisco Lisboa estão presentes durante todo o percurso que vai do início de sua carreira jornalística até o seu amargo abandono. Esse é o eixo que une vida e história, relato e memória. O caráter biográfico do texto permanece.

Um dos líderes do Partido Liberal era Raimundo Teixeira Mendes. Descrito como honesto e popular, acaba sendo assassinado durante a reação conservadora. Henriques Leal se detém nesse momento, contando detalhadamente as circunstâncias em que a morte ocorreu. Estimulando a visualização no seu leitor, a morte de Teixeira Mendes encontra a pena de Francisco Lisboa:

²¹⁰ Ibidem, p. xlv.

Chegada tão infausta notícia a esta cidade, e recebendo-a o governo sem mostras de empenho na perseguição dos criminosos, aliás tão publicamente sabidos e denunciados, não vacilou Lisboa um momento [...] e no dia 2 de janeiro de 1838 apareceu com o 1º número da *Chronica Maranhense*.²¹¹

Antes mesmo da Balaiada, já havia um clima de instabilidade e conflitos entre os líderes políticos da região. Como jornalista e entusiasta do Partido Liberal, Francisco Lisboa está, direta ou indiretamente, presente neles. A centralidade, contudo, na figura do biografado não diminui a importância dada à História.

Movimento e vida de uma existência a ser narrada. História e trajetória singular a ser relatada. Amizade e certo dever de memória, conduzindo a um pacto entre biógrafo e biografado. Na introdução do historiador Antônio Henriques Leal à edição de *Obras de João Francisco Lisboa*, todos esses elementos estão presentes. Escrever sobre a vida de alguém é, em certo sentido, dotar de significado essa própria vida. Por outro lado, o historiador escreve sobre os tempos pretéritos objetivando a sua inteligibilidade e, por consequência, a da própria vida. Nesse sentido, biografia e história se entrelaçam encontrando-se. Ao mesmo tempo, conforme é possível observar em muitas passagens de sua nota biográfica, Henriques Leal busca colocar a figura de Lisboa no lugar, julgado por ele, devidamente merecido. A posteridade poderia conferir uma homenagem tardia ao escritor brasileiro e a pena do escritor contribui para isso ao reatualizar o passado, dirimindo possíveis dúvidas que maculariam a biografia de seu retratado.

A aposta no gênero biográfico também foi feita por Pereira da Silva. Possuidor de uma obra extensa, as suas análises das trajetórias de vida de seus biografados não escondiam sua predileção pelos ilustres retratados.²¹² Por mais que em determinados momentos o tom possa ser de crítica por algumas escolhas consideradas equivocadas, Pereira da Silva se identificava com seu “panteão” e queria que os brasileiros, no presente, tivessem o mesmo sentimento. As narrativas biográficas do autor, como observado em alguns periódicos na imprensa, são marcadas por um estilo que, por vezes, o aproxima do romance. É como se o historiador-biógrafo, quem sabe, objetivasse se aproximar do estilo artístico empregado pelos seus biografados, característica muito valorizada pelo autor. As escritas de vidas que construiu estão relacionadas aos eventos históricos que elegeu para descrever. A história da incipiente

²¹¹ Ibidem, p. xxxvii.

²¹² As obras de Pereira da Silva abrangem um campo variado de estilos desde o romance, a crônica, as antologias, até seus trabalhos propriamente de história, os quais cabem ressaltar: História da fundação do Império, 7 vol., escrito entre 1864-1868; Segundo período do Reinado de D. Pedro I no Brasil, de 1871 e História do Brasil de 1831 a 1840, de 1879.

nação avança lado a lado com as contribuições do “pequeno x”.²¹³ Suas descrições para os acontecimentos históricos, permeadas pela imaginação, são dotadas de um poder imagético, contribuindo para a constituição de uma empatia entre autor, leitor e biografado.

2.3 Biografia, *historia magistra vitae* e tempo histórico

Conforme já afirmado no decorrer desse trabalho, as biografias, no século XIX, foram importantes na construção da ideia de nação. Seja imortalizando heróis e monarcas, auxiliando na consolidação do patrimônio composto de símbolos erguidos no passado e que deveriam ser transmitido às gerações vindouras, as escrita biográfica e histórica compartilhavam o mesmo *telos*. Essa valorização do herói, contudo, amplia a tensão existente entre o individual e o geral. Até que ponto o indivíduo era a encarnação própria de suas qualidades específicas ou fruto apenas de uma dimensão mais geral, na qual a reconstituição biográfica é digna de ser feita menos pelo que tem singular e mais por sintetizar outras vidas e por, a partir dela, ter mais clara a compreensão de uma época? A saída desse tensionamento está presente nas ideias do historiador britânico Thomas Carlyle:

Paradoxalmente, Carlyle exalta o herói como instrumento para escapar à contingência histórica e a uma forma de determinismo historicista segundo à qual o homem é produto de sua época. [...] A um tipo de história historicizante, centrada unicamente nos fatos, Carlyle opõe o herói como possível retomada de sentido, que permite acesso ao geral, ao universal. [...] A biografia se torna, para ele, a estrada real da história e não mais o parasita que a estorva, a ponto de declarar: “A História do mundo nada mais é que a biografia dos grandes homens”.²¹⁴

Mesmo que figura do “herói”, tal qual proposta no início da modernidade, sofra uma crise ao longo dos séculos XVIII e XIX, a partir da crítica iluminista que passará a contestar os valores guerreiros encarnados por ele, chegando à sugestão de Voltaire para a substituição do termo pelo de “grande homem”, não diminui a importância da dimensão individual para a história, embora apresente-se, muitas vezes, ela como “uma subdisciplina auxiliar da história, um dos seus múltiplos materiais de construção”.²¹⁵ Em síntese, o grande homem será aquele

²¹³ LORIGA, Sabina. **O pequeno x**: da biografia à história. op. cit.

²¹⁴ DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. op. cit., p. 163.

²¹⁵ Ibidem, p. 170.

capaz de fazer coincidir a sua existência particular com a vontade coletiva de seus contemporâneos.

Tanto para a história quanto para a biografia uma só palavra significará, simultaneamente, a operação e o artefato textual dela resultante. De fato, “a configuração do campo semântico da noção de biografia, usual a partir de meados do século XVIII, fez-se mediante a oposição entre um sentido próprio (o bios dos gregos ou relato de uma vida) e um sentido metonímico (denotando os acontecimentos de uma vida)”, o que, por seu lado, “remete à dualidade de significado similar a do conceito moderno de história como narração e conjunto de fatos que se produzem no tempo”.²¹⁶ Essa dualidade semântica é importante de se destacar, pois acreditamos que ela reforça nossa argumentação sobre perceptíveis mudanças na escrita biográfica. Permanecendo disponível como elemento eficaz para a elaboração da experiência do tempo, a biografia acompanhará, ao menos em parte, o mesmo dilema epistemológico que perpassou a operação historiográfica na modernidade. A fim de nos determos mais nas especificidades relativas à relação entre biografia e história, a partir das mudanças ocorridas quando do advento de uma nova experiência histórica, necessária se faz a retomada do *topos ciceroniano* com a atenção para a problemática do tempo histórico.

Talvez tão difícil quanto definir o que venha a ser o tempo, seja encontrar uma definição para o tempo histórico.²¹⁷ Não se trata meramente de estabelecer uma cronologia capaz de auxiliar os historiadores na tarefa de tornar o passado legível e inteligível, tampouco, por outro lado, podemos prescindir do tempo no conhecimento histórico.²¹⁸ A partir da temporalização da disciplina histórica e do afastamento da Clio com antigas categorias do tempo que asseguravam a sequência dos eventos históricos – o movimento das estrelas e a sequência natural dos governantes e dinastias –, torna-se mais complexa a busca por um significado adequado para o termo tempo histórico.²¹⁹ A dificuldade maior está quando dissociamos as duas palavras para pensá-las separadamente antes de relacioná-las. Isto é, será

²¹⁶ GLÓRIA, Maria da Glória de. “Biografia e historia magistra vitae; sobre a exemplaridade das vidas ilustres no Brasil oitocentista”. op. cit., p. 284-285.

²¹⁷ “Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem poderá apreendê-lo, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se quiser explicá-lo a quem me fizer a pergunta, já não sei”. AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011, p. 274.

²¹⁸ BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: J. Zahar, c2002.

²¹⁹ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. op. cit., 2006, p.54.

que existe uma determinada forma de pensar o tempo relacionada a uma maneira específica de encarar a história e, por conseguinte, a biografia?

“*Historia vero testis temporum, lux veritatis, vita memoriae, magistra vitae, nuntia vetustatis, qua voce alia nisi oratoris immortalitati comendatur*”.²²⁰ Cícero, em *De oratore*, baseando-se nos modelos helenísticos gregos, cunhou a famosa expressão da história como mestra da vida, conforme visto no capítulo anterior. É possível, a partir da inserção da citação em um contexto mais ampliado, compreender a tarefa que o historiador romano delegava à história. Além da busca por evitar o esquecimento, cabia à historiografia garantir a transmissibilidade. Tanto em Heródoto quanto em Tucídides encontram-se ecos daquilo que será proposto por Cícero. Para o autor de *Histórias*, era necessário narrar os acontecimentos envolvendo gregos e bárbaros a fim de que não caíssem no esquecimento. Tucídides por sua vez, com suas preocupações com o método, em *História da Guerra do Peloponeso*, ao registrar o conflito envolvendo as *polis* gregas, tinha consciência de que aquele evento seria uma aquisição para sempre e serviria como um modelo para a compreensão dos fatos semelhantes ou análogos no futuro. Fernando Catroga assinala que:

No fundo, o escritor romano sublinhava os liames estreitos que enlaçavam estes três níveis, dando expressão aos ensinamentos de Heródoto e ao que já Tucídides escrevera acerca da utilidade da *sua História da Guerra do Peloponeso*: partindo do pressuposto de que a natureza humana é o grande motor da história, o registo daquele evento seria uma aquisição para sempre, pois a “ideia-tipo” (Raymond Aron) que estruturava a obra continuaria a valer, porque, independentemente dos indivíduos concretos (vivos ou vindouros), a natureza humana permaneceria sempre a mesma.²²¹

A noção da imutabilidade da natureza humana está presente em Aristóteles. Mediante o ciclo repetitivo da vida, o homem estava incluído em uma natureza sempre presente, pois, enquanto gênero, por mais que sua vida individual fosse marcada pela transitoriedade e perenidade, sua *bios* emergia da vida biológica.²²²

A concepção e experiência gregas da natureza compreendiam o entendimento de que as coisas existiam por si mesmas, sem interferência dos deuses e dos homens, sendo, pois,

²²⁰ Apud KOSELLEC. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. op. cit., p. 43. Itálico do autor.

²²¹ CATROGA, Fernando. O magistério da história e exemplaridade do “grande homem”: a biografia em Oliveira Martins. In: PÉRES JIMÉNEZ, Aurélio; FERREIRA, José Ribeiro; FIALHO, Maria do Céu (Coord.). **O retrato literário e a biografia como estratégia de teorização política**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Universidade de Málaga, 2004. p. 250.

²²² ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. 348 p

imortais. O ser-para-sempre aristotélico assegurava para todas as criaturas vivas a marca da imortalidade. O homem era mortal, “as únicas coisas mortais que existem, pois os animais existem tão-somente enquanto membros de espécies e não como indivíduos”.²²³ A vida do homem, uma *bios* identificável do nascimento até a sua morte, distinguia-se de qualquer outra coisa pelo seu movimento, o curso de sua existência.

Por outro lado, a máxima de Cícero aproxima a história da oratória. Por ser portadora de *exempla*, a Clio fornecia aos oradores, mediante a exemplaridade do passado, modelos utilizados como forma de argumentação e persuasão em seus discursos. O convencimento do leitor tinha de ter por base juízos argumentativos, mesmo quando os acontecimentos narrados se caracterizassem pela excepcionalidade. Ou seja, os exemplos oferecidos pela história deveriam estar dentro de uma cadeia cognitiva em que a argumentação tinha papel fundamental. A progressiva descrença da credibilidade do mito e o aumento da crença na razão inquiridora marcam a especificidade do novo discurso historiográfico: “em Tucídides, a *acribia* (a conformidade com os factos) excluía os dizeres não comprovados; em Heródoto, tentava-se prender a atenção do receptor, contando o que se viu, em ordem de gerar-se prazer através da sugestão da *mimesis*”.²²⁴

O que se quer afirmar aqui é que a noção antiga da história como mestra da vida estava alicerçada em uma específica visão do tempo histórico. O rompimento, mesmo não sendo completo, com o mito, as relações entre a metafísica grega e a historiografia devem se levados em conta para entender o preceito greco-romano sintetizado por Cícero. Nesse contexto, o caráter magisterial da história tinha por função produzir resultados de natureza ética e cívica.

A função pragmática e pedagógica atribuída à história aumentava em importância na medida em que, ao menos no início da História Ocidental, tudo aquilo que devesse sua existência aos homens era como que contaminado com a mortalidade de seus autores, “contudo, se os mortais conseguissem dotar suas obras, feitos e palavras de alguma permanência, e impedir sua perecibilidade, então essas coisas ao menos em certa medida entrariam no mundo da eternidade”.²²⁵ A biografia, de certa forma, corresponde a esse desejo de exemplaridade e transmissibilidade objetivado pelo conhecimento histórico.

²²³ Ibidem, p. 71.

²²⁴ CATROGA, Fernando. O magistério da história e exemplaridade do “grande homem”: a biografia em Oliveira Martins. op. cit., p 246.

²²⁵ ARENDT, Hannah. . **Entre o passado e o futuro** . op. cit., p. 72.

Na modernidade observa-se a procura pela teorização de uma nova visão do tempo histórico. Pensadores, tais como Voltaire, Lessing, Turgot, Kant, Schelling e Hegel, apesar de suas diferenças, possuem um conjunto de ideias comuns acerca da estrutura do sentido da evolução humana:

A suposição de que aquele só seria conhecido quando a humanidade fosse perspectivada como uma totalidade em devir; a crença na existência de uma *ordem ideal* subjacente à história empírica (Vico), ou melhor, na racionalidade do real e na faculdade de a razão a esclarecer, iluminando o aperfeiçoamento humano; o princípio à luz do qual a diacronia das sociedades é fruto de antíteses, intrínsecas ao “sujeito-motor” imanente da história, que se desenrolam de um modo objetivo, universal e necessário; a fé na vocação perfectível e progressiva da humanidade.²²⁶

Esse conjunto de ideias comuns, alicerçado em uma concepção nova do tempo histórico, na qual progresso e processo passam a caminhar juntos, em que a história passa a ser vista como uma flecha que aponta para o porvir, acaba por, ao menos em um primeiro momento, contrastar com o preceito ciceroniano da *historia magistra vitae*, já que este estava alicerçado em uma visão cíclica do tempo e na crença do caráter ahistórico da natureza humana. A partir da temporalização da história com uma visão de tempo irreversível, em que nada se repete, qual seria a utilidade da função pedagógica do passado? Não obstante, Catroga observa que:

A resposta, na prática, não foi negativa. É que as filosofias da história, em particular as de pendor mais metafísico, acabavam por conceber o devir como a atualização de uma potência – o seu “sujeito” ou o “motor” – que, apesar de mudar, manter-se-ia sempre idêntico a si mesmo. [...] Daí, a versão moderna e historicista da asserção ciceroniana, muitas vezes, camuflada sob as vestes da previsão, pois as teorias da história dos filósofos, tais como as dos historiadores, continuarão a defender a importância de se explicar o passado, a fim de melhor compreender o presente e se transformar o futuro.²²⁷

A história emerge na época moderna como algo não inteiramente novo. Entendida enquanto processo realizado pelo indivíduo, a verdade histórica, se seguirmos as

²²⁶ CATROGA, Fernando. O magistério da história e exemplaridade do “grande homem”: a biografia em Oliveira Martins. op. cit., p 251.

²²⁷ Ibidem, p. 255.

considerações de Vico, poderia ser conhecida pelos homens, que eram, de fato, os autores da história.²²⁸

A ideia posta de que era possível alcançar a verdade histórica, já que a história era feita pela raça humana, ao contrário da natureza, somente conhecida por Deus, parece ir de encontro ao pressuposto colocado pelas grandes filosofias do século XVIII e XIX que, com sua visão necessitarista, solapava, ao menos aparentemente, o papel dos indivíduos no curso inexorável dos acontecimentos. Aqui, contudo, surge a figura do “grande homem”, o ser que, à frente de seu tempo, é o responsável por estabelecer grandes rupturas, além de encarnar o espírito de uma época. A escrita biográfica será importante aliada na tarefa de traçar o perfil, os traços desse indivíduo caracterizado pela excepcionalidade. A *historia magistra vitae* é reatualizada a partir da escrita biográfica, pois, por intermédio dela, o passado se personifica e se povoa de rostos e vozes.

Tendo como um dos objetivos centrais desta tese, a partir do estudo de alguns trabalhos biográficos escritos no Brasil oitocentista, analisar a permanência do *topos* da *historia magistra vitae*, pode-se afirmar que, acompanhando a busca da história pela sua autonomia disciplinar e as reconfigurações do tempo histórico, as biografias tornam-se importantes como chaves de acesso e compreensão do passado. Mesmo que, conforme demonstrado, observa-se o surgimento de um alcance mais ampliado na escrita biográfica, a história ainda ensina, porém em outros termos. Em síntese, de acordo com o que temos assinalado, não se trata de uma recusa do *topos ciceroniano* em nome dos preceitos modernos de cientificidade, mas de atentar para possibilidades renovadas tanto do uso da *historia magistra vitae* quanto da ampliação do alcance do gênero biográfico.

O terceiro capítulo deste trabalho objetiva, analisando principalmente a escrita biográfica de Joaquim Nabuco, demonstrar uma mudança de ênfase, que, apenas timidamente, pode ser observada nos trabalhos de Pereira da Silva e Henriques Leal. Em *Um estadista do Império*, por exemplo, não se procura enaltecer a figura do senador Nabuco de Araújo. O principal intento do autor de *O Abolicionismo* é, a partir da escrita de uma vida, expor o quadro de uma época, contrastando-o com o regime republicano. Aqui a aproximação entre a história e a biografia caracteriza toda a obra. Joaquim Nabuco realiza um movimento constante entre ser historiador e ser biógrafo. Torna-se possível o acesso ao passado por meio

²²⁸ Cf. ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. op. cit., p. 88.

dos relatos individuais para, acima de tudo, melhorar a inteligibilidade do que outrora havia ocorrido.

CAPÍTULO 3 - A BIOGRAFIA PARA ALÉM DO INDIVÍDUO: DO PARTICULAR AO GERAL

No início do século XX, o espaço destinado à escrita biográfica continua relegado, de forma geral, a uma posição secundária. Os historiadores se deparam com as críticas advindas das ciências sociais, sobretudo da sociologia durkheimiana, e seus apelos pelos rigores da cientificidade. Com isso, as fronteiras que separam história e biografia aumentam progressivamente. As palavras do sociólogo durkheimiano François Simiand, na *Revue de Synthèse Historique*, em 1903, ilustram bem o impacto das novas ciências sociais na relação entre escrita biográfica e histórica. Instando os historiadores contemporâneos a quebrar seus três ídolos, a cronologia, a política e a biografia, ele afirma que:

O ídolo individual ou o hábito inveterado de conceber a história como história dos indivíduos, não como estudo de fatos, hábito que induz quase sempre a ordenar as pesquisas e os trabalhos em torno de um homem, não de uma instituição, de um fenômeno social ou de uma relação a estabelecer. [...] Enfim, por que não eliminar por completo, ao menos da história científica, esse esforço consagrado a biografias puras e simples do primo distante de um grande homem e não relegar ao anedotário ou ao romance histórico os casos do “Colar da Rainha” e todas as “Famílias de Napoleão” – quando somos totalmente ignorantes da vida econômica da França sob a Revolução e o Império? O pessoal não é tão numeroso, o tempo não é suficiente para fazer uma coisa ou outra. Uma delas tem de ser sacrificada.²²⁹

É claro que se podem questionar as críticas de Simiand, pois elas parecem remeter a uma determinada forma de produção de biografias e desconsidera as mudanças em curso dentro das escritas de vidas. No entanto, o fato é que, como aponta Sabina Loriga, ao longo do século XX, as biografias serão associadas a um tipo de história considerada tradicional, presa à cronologia dos acontecimentos e mais preocupada com a narrativa dos grandes homens do que com as massas. Junto a esse aspecto, observa-se, sobretudo no contexto francês, onde a biografia foi mais vituperada, o crescimento do antagonismo entre a história política e a história social, entre a impessoalidade da segunda e o caráter monolítico e convencional da primeira.²³⁰

Esse aprofundamento da distância entre a escrita biográfica e a histórica também pode ser analisado a partir da mudança de um regime de historicidade para outro. Em uma história

²²⁹ Apud DOSSE. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. op. cit., p. 196-197.

²³⁰ CF. LORIGA. **O pequeno x**: da biografia à história. op. cit., p. 45.

pensada enquanto singular coletivo, em que o passado e o futuro passam a ser vistos por meio de uma relação de descontinuidade, parece haver menos espaço para o indivíduo marcado pela exemplaridade. Seja como for, as biografias continuaram, não sem embates e críticas, a ser produzidas.

No Brasil, apesar de em um primeiro momento ter se restringido a uma minoria de adeptos, Armelle Enders aponta a importância do positivismo na primeira metade do século XX. A partir de uma concepção de história e do lugar destinado aos grandes homens na sociedade, a doutrina fundada por Auguste Comte busca uma nova interpretação do passado do país e a renovação do panteão nacional.²³¹ A relação entre o geral e o particular, a dimensão coletiva e o indivíduo, se dá por meio do surgimento de “condições sociológicas” que possibilitam a ação dos grandes homens. Em *A fábrica de benfeitores: os positivistas e a história do Brasil*, Enders analisa os escritos de Pierre Laffite e mostra a aproximação do conceito positivista de grande homem com àquele do Século das Luzes e o distanciamento do herói romântico e o quanto isso será importante para o estabelecimento de um novo panteão nacional. Em síntese, as biografias cumprirão importante papel nessa nova reflexão sobre a história e o passado do país. Figuras como Tiradentes e José Bonifácio serão reabilitadas.²³²

Não obstante, um tema que parece recorrente na produção histórica e biográfica das primeiras décadas do século XX diz respeito às reinterpretações relativas à questão nacional. Os trabalhos dos historiadores Fábio Muruci dos Santos e Márcia de Almeida Gonçalves apontam para esse aspecto.

Dos Santos, em seu artigo intitulado *História, biografia e nação na Argentina no início do século XX: Sarmiento lido por Ricardo Rojas*, faz algumas considerações sobre a relação entre a escrita biográfica e a questão nacional em um período de transformações ocorridas nas narrativas de vida.²³³ De acordo com o historiador, entre os séculos XIX e XX há, dentro da historiografia argentina, dificuldades que dizem respeito às tentativas de elaboração de uma história nacional. Examinando os procedimentos utilizados por Rojas para compor sua biografia sobre Sarmiento, Muruci afirma que “historiadores nacionalistas do século XX, como Ricardo Rojas, assumiram esse projeto, produzindo biografias de “grandes

²³¹ ENDERS, Armelle. **Os vultos da nação: fábrica de heróis e formação dos brasileiros.** op. cit., p. 237.

²³² Ibidem, p. 235-274.

²³³ SANTOS, Fábio Muruci dos. “História, biografia e nação na Argentina no início do século XX: Sarmiento lido por Ricardo Rojas”. **História da Historiografia, Dossiê “Historiografia na América Espanhola”**, v. 4 n. 7, 2011, p. 116-133.

homens” da história argentina que tivessem sintetizado e harmonizado em si mesmos os elementos em conflito da história nacional”.²³⁴

O grande problema para os historiadores argentinos do Oitocentos era a impossibilidade, a partir da formação histórica local, de uma edificação da tão almejada unidade nacional. Escritores como Domingo Sarmiento, Estéban Echeverría e Juan Baustista Alberdi se viam entre as tentativas de, a partir de uma abordagem historicista, buscar desvelar a singularidade da história nacional e, utilizando uma perspectiva universalista, inserir a história local em uma experiência maior do progresso. Nas primeiras décadas do século XX, por outro lado, uma nova abordagem surgirá sobre o conhecimento histórico. Segundo Fabio Muruci dos Santos:

Historiadores com origens e perspectivas diferentes apontaram um novo quadro da vida do país, onde os temas clássicos da fragmentação e do vazio começam a ser revistos. [...] Os novos temas que emergem no debate sobre a unidade nacional incluem a revalorização do papel do interior na formação do caráter argentino, o problema das massas de imigrantes urbanos que estariam ameaçando a língua e as tradições locais e a crítica ao centralismo de Buenos Aires. Uma nova preocupação com a genealogia da nação atrai historiadores do período como Ricardo Rojas e Leopoldo Lugones, ambos de origem interiorana. O papel dos caudilhos, indígenas e gaúchos passa a ser revalorizado como parte da crítica contra a visão centralista das elites portenhas.²³⁵

Com o objetivo de reescrever a história da nação dentro da temática da conciliação nacional, a produção de biografias se torna importante, pois, a partir da figura individual, era possível fornecer modelos exemplares de união mesmo que a concretização de tal intento somente se tornasse possível com uma releitura e reescrita constantes da historiografia argentina:

Diante do papel limitado dos personagens coletivos nas narrativas históricas da nação, pelas razões já comentadas, a biografia aparecia como um meio de forjar a figura de homens “exemplares”, que pudessem fornecer modelos de unidade e conduta que o “povo” não oferecia. Ao selecionar certos personagens e contextos, estas narrativas incluem aqueles potencialmente mais aptos para participar de um pacto fundador que instaure a comunidade política ordenada, raiz do futuro Estado, ao mesmo tempo em que exclui elementos considerados como intrinsecamente instáveis, irracionais e desordenados.²³⁶

²³⁴ Idem, p. 116.

²³⁵ Idem, p. 118.

²³⁶ Idem, p. 120.

Em uma primeira leitura, seguindo as considerações de Muruci, parece que estamos observando a valorização das narrativas de vida vinculada a uma concepção *magistra vitae* de história. Essa leitura é reforçada pela afirmação de que para Rojas “caberia ao ensino da história o papel de conectar os argentinos com seu passado, valores cívicos e personagens notáveis”, a história era responsável por oferecer educação moral.²³⁷ No entanto, não é o que se sucede. Embora próxima do *topos ciceroniano*, o objetivo de Ricardo Rojas é outro:

Rojas criticava o abandono da história dos “heróis” pelo Enciclopedismo do século XVIII em favor da “tragédia de innumerables protagonistas”. [...] Sua perspectiva não era a da valorização sobre-humana de grandes líderes militares ou políticos capazes de fazer a historiografia com as próprias mãos. Estava mais próximo da historiografia dos “grandes homens”, a qual considerava o herói como personagem de síntese de uma época ou nação, representativo dos diversos elementos do momento em que viveu.²³⁸

De fato, em *El profeta de la pampa*, de 1945, Rojas, ao traçar a biografia de Domingo Sarmiento, objetivava a conciliação coletiva sintetizada na existência de uma figura individual com grande papel nos rumos da nação. Para isso, a narrativa da vida de Sarmiento, sobretudo a importância de *Facundo* para a literatura nacional argentina, deveriam ser revistos. O “grande homem”, em síntese, é capaz de representar toda uma época, porém a partir da escrita de quem, no presente, deseja o que outrora não fora conseguido pelos historiadores do século XIX. No lugar da fragmentação, unidade; no lugar das disputas locais, conciliação eis o que mira a pena de Rojas.

Durante esse mesmo período, no Brasil, Octávio Tarquínio de Sousa realizava suas produções letradas, dedicando-se ao estudo da história política brasileira do Primeiro Reinado e do Período Regencial. Márcia de Almeida Gonçalves analisa a maneira como o escritor brasileiro relaciona a narrativa biográfica com a escrita histórica. Em *Narrativa biográfica e escrita da história: Octávio Tarquínio de Sousa e seu tempo*, a historiadora afirma que, dentro da obra de Tarquínio de Sousa, é possível observar um cruzamento entre um aprofundamento dos usos da biografia como narrativa que explicitasse a relação indivíduo-sociedade e a proposta de contribuir com a elaboração de interpretações históricas que se pretendiam inovadoras para uma atualização das análises sobre a realidade nacional.²³⁹

²³⁷ Idem, p.119.

²³⁸ Idem, p. 123.

²³⁹ GONÇALVES, Márcia de Almeida. “Narrativa biográfica e escrita da história: Octávio Tarquínio de Sousa e seu tempo”. *Revista de História, Dossiê "São Paulo – 450 Anos"*, v.1 n. 150, 2004, p. 129-155.

Para a historiadora, Octávio Tarquínio de Sousa via no fazer biográfico uma possibilidade de oferecimento, a partir de uma narrativa humanizadora de seus protagonistas, de uma pedagogia de vida que fosse capaz de “instruir leitores no catecismo dos saberes sobre a nação brasileira”.²⁴⁰ Menos como modelos de conduta cívica, o biografado passa a ser visto, nos dizeres de Tarquínio de Sousa, como aquele capaz de encarnar o *espírito de sua época*. De acordo com Gonçalves:

Esse autor, ao desenhar a fisionomia de seus biografados, em retratos de papel e letras, perseguiu, em igual proporcionalidade, a compreensão do período histórico que seus protagonistas viveram. A biografia, como a narrativa da vida de um eleito, tornava-se, então, um instrumento mediador, a via de acesso a uma outra época sob a perspectiva de reconstruir o passado pelos olhos de quem o encenou. [...] Na composição de ambos, fisionomia e caráter, exterioridade e interioridade, forma e conteúdo, as concepções e as ideias por meio das quais cada um, à sua maneira, apreendeu a estar no mundo, com uma assinatura e um rosto. Construindo biografias, Octávio Tarquínio de Sousa pretendeu escrever história em uma literalidade absoluta, por vezes ingênua, quanto à premissa de atribuir aos anos, aos homens, uma fisionomia.²⁴¹

Em *Diogo Antônio Feijó*, Octávio Tarquínio de Sousa expõe, no prefácio da obra, concepções sobre o fazer biográfico. Juntamente com a “sondagem da alma do biografado” era necessário o “corte em profundidade da época em que tal vida transcorreu”.²⁴² O escritor brasileiro, em um momento no qual se buscava uma reinterpretação e redescoberta do país, foi aquele que mais investiu na relação entre história e biografia, em que a história nacional poderia ser reinventada por intermédio da renovação do gênero biográfico. Diferentemente de Ricardo Rojas, o seu objetivo não consistia em tentar aglutinar os diversos elementos díspares em uma narrativa de conciliação, mas sim de, a partir da exemplaridade da conduta de seus personagens, “interpretar as ações dos que construíram o Estado nacional no momento de sua emergência histórica e, também, atualizar historicamente o valor do liberalismo político, em tempos em que esse, sofria tantas críticas e revisões”.²⁴³ As vivências do autor como biógrafo, completa Gonçalves, “alimentaram, e essas, por sua vez, consolidaram maneiras de conceber o valor propriamente historiográfico de suas narrativas biográficas”.²⁴⁴

²⁴⁰ Ibidem, p. 145.

²⁴¹ Ibidem, p. 146.

²⁴² Ibidem, p. 147.

²⁴³ Ibidem, p. 149.

²⁴⁴ GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, p. 31.

Tanto no artigo citado quanto na tese de doutorado intitulada *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa*, Márcia de Almeida Gonçalves afirma que o projeto do autor de *Diogo Antônio Feijó* seguiu aquilo que já havia sido feito por Oliveira Lima e Joaquim Nabuco.²⁴⁵ De fato, em *D. João VI no Brasil* e *Um estadista do Império*, os dois historiadores utilizam a biografia na escrita da história nacional. Uma análise sobre *Minha formação* e *Um estadista do império* nos possibilita compreender, de forma mais pormenorizada, a relação entre escrita histórica e narrativas de vida no fazer biográfico de Nabuco.

3.1 Em nome do pai. Em nome do Império: Nabuco de Araújo visto por Joaquim Nabuco

“Está aí muito da minha vida...” *Minha formação* é um livro autobiográfico publicado por Joaquim Nabuco no ano de 1900.²⁴⁶ Nesta obra, inspirada nos diários do autor, o escritor aborda fatos de sua vida intelectual, diplomática e política. Também estão presentes acontecimentos sobre sua formação básica, as leituras que influenciaram seu pensamento político, o seu encontro com o filósofo francês Ernst Renan, a sua participação no movimento abolicionista. Conforme argumenta Gilberto Freyre, na introdução da obra, o lançamento do livro foi um tanto escandaloso. A complacência com que escreve sobre si, o descuido com o rigor crítico a favor de uma visão mais positiva sobre sua história, passagens que se aproximam de um narcisismo exacerbado deixaram alguns leitores perplexos.²⁴⁷

De certa forma esperando por isso, Nabuco se questiona sobre qual impressão o livro deixaria: “Será uma impressão de volubilidade, de flutuação, de diletantismo, seguida de desalento, que elas comunicarão? Ou antes de consagração, por um voto perpétuo, a uma tarefa capaz de saciar a sede de trabalho, de esforço [...]”. Para ele, no entanto, “No todo, a impressão, eu receio, será misturada; as deficiências da natureza aparecerão, cobertas pela clemência da sorte; ver-se-á o efêmero e o fundamental...”.²⁴⁸ Fato é que, em *Minha Formação*, observa-se a síntese entre autobiografia e história nacional, haja vista a

²⁴⁵ Ibidem, loc. cit.

²⁴⁶ NABUCO, Joaquim. **Minha formação**. Brasília: Senado Federal, 1998.

²⁴⁷ CF. FREYRE. In: NABUCO, Joaquim. **Minha formação**. op. cit., p. 9.

²⁴⁸ NABUCO, Joaquim. **Minha formação**. op. cit., p. 27-28.

importância do autor na história do país. No capítulo XVIII, essa relação é explicitada a partir da figura de seu pai, José Tomás Nabuco de Araújo Filho. Intitulado *Meu pai*, a filiação e o carinho que Nabuco filho sentia pelo político e magistrado brasileiro estão ao lado de descrições, montagens de quadros, ainda que breves, sobre importantes aspectos da política do Segundo Reinado:

Por onde quer, entretanto, que eu andasse e quaisquer que fossem as influências de país, sociedade, arte, autores, exercidas sobre mim, eu fui sempre interiormente trabalhado por outra ação mais poderosa, que apesar, em certo sentido, de estranha, parecia operar sobre mim de dentro, do fundo hereditário, e por meio dos melhores impulsos do coração. Essa influência, sempre presente por mais longe que eu me achasse dela, domina e modifica todas as outras, que invariavelmente lhe ficam subordinadas. É aqui o momento de falar dela, porque não foi uma influência propriamente da infância nem do primeiro verdor da mocidade, mas do crescimento e amadurecimento do espírito, e destinada a aumentar cada vez mais com o tempo e a não atingir todo o seu desenvolvimento senão quando póstuma. Essa influência foi a que exerceu meu pai...²⁴⁹

Deputado geral, presidente de província, ministro, senador, jurisconsulto, as ocupações de Nabuco de Araújo no Segundo Reinado foram muitas. A influência de que Nabuco, o filho, fala recai mais na individualidade de um dos estadistas do Império. Não se trata, em *Minha Formação*, de descrever pormenorizadamente a vida de seu pai. O quadro proposto será feito a partir de algumas características: “Não tento agora um resumo de sua obra, que extensamente recompus em *Um Estadista do Império*. Escolho alguns traços somente para definir a sua individualidade e a sua influência”.²⁵⁰ Um dos traços escolhidos, não por acaso, será o papel de Nabuco de Araújo nas discussões envolvendo o tráfico de escravos. Autor de *O abolicionismo*, Joaquim Nabuco reflete em si as esperanças do pai:

Eu não tenho, graças a Deus, dúvida que esta seria a sua atitude, e posso dizer que em 1879 não fiz como deputado senão continuar do ponto em que ele ficara, substituir-me a ele, com a diferença natural entre minha mocidade e a sua velhice, desenvolvendo em favor dos escravos existentes o pensamento que ele assinalara como um dever nacional, tanto no preparo como na discussão da lei que libertou as gerações futuras.²⁵¹

²⁴⁹ Ibidem, p. 161.

²⁵⁰ Ibidem, p. 163.

²⁵¹ Ibidem, p. 167.

A identificação com a Monarquia está presente em ambos, conduzindo o interesse de Joaquim Nabuco para a figura política do seu pai, pois, ao conhecê-la, terá diante de si o desenho característico dos grandes estadistas de sua época. Para conhecê-la amplamente eram necessários tempo e distanciamento: “Foi muito anos depois da sua morte, estudando-lhe a vida, meditando sobre o que ele deixou do seu pensamento, compulsando o vasto arquivo por ele acumulado [...], que abrangia a personalidade política de meu pai”.²⁵²

O tom mais intimista de Joaquim Nabuco é possível devido ao caráter do seu trabalho. Permeada de recordações, impressões, interpretações e opiniões, *Minha formação* é uma obra que reúne anotações e reflexões de Nabuco sobre sua trajetória. Não é obra de um historiador analisando detalhadamente a política de seu tempo. A forma como a obra é vista aqui se distancia um pouco daquela proposta pelo crítico literário Alfredo Bosi. Em *As fronteiras da literatura*, ele afirma que o trabalho de Nabuco “é um livro de história política que tinge às vezes o plano de um memorialismo universalizante. Não é um memorialismo que se funda sobretudo na intimidade”.²⁵³ De fato, em vários momentos de sua obra, Joaquim Nabuco se refere às suas ideias políticas e reflete sobre elas. No entanto, o que se observa é mais um homem que contempla o seu passado, em uma espécie de balanço final. A imparcialidade aqui não é um requisito a ser reivindicado. O próprio texto de Bosi, datado de 1997, está inserido em uma discussão sobre as fronteiras entre a ficção e a não-ficção. Ressaltando as diferenças entre ambas, o autor situa *Minha formação* dentro de uma concepção de trabalho que primava pela não-ficção, estabelecendo, por assim dizer, um veto ao ficcional. Nesta parte do livro, contudo, vemos um filho que escreve sobre o pai, mas de uma maneira diferente daquela feita em 1898. Um filho que quer manter viva, dentro de si e para terceiros, a figura de seu pai, tentando refazer um passado que, devido ao seu caráter fugidio e decorrido, não pode ser refeito. O caráter intimista do relato se sobressai:

É para mim hoje uma causa de arrependimento e compunção o não ter tido como principal aspiração saciar-me, saturar-me dele, fazer do meu espírito uma cópia, um borrão mesmo, do que havia impresso e gravado no seu quando mais não fosse, das notações que um instante retive, mas deixei apagar... Há lacunas que não me seria possível reparar... Estou-me lembrando agora dos grandes volumes encadernados que faziam companhia no degredo do escritório à duplicata dos velhos praxistas... Era a coleção dos periódicos em que colaborara ou que redigira no Recife... Estavam ali vinte anos de sua vida... Toda essa série dispersou-se, desapareceu... Por que não

²⁵² Ibidem, p. 168.

²⁵³ BOSI, Alfredo. “As fronteiras da literatura”. In: BOSI, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Editora 34, 2015, p. 228.

coincidiu o interesse profundo, incomparável, que tudo isso depois me inspirou com o tempo em que vivi ao lado dele?²⁵⁴

O encontro com a figura de seu pai se dera principalmente entre os anos de 1889 a 1899. Seis desses dez anos foram dedicados a sua grande obra *Um estadista do Império*, conforme relata no capítulo XXVI de seu livro autobiográfico:

A queda do Império pusera fim à minha carreira... A causa monárquica devia ser o meu último contato com a política... De 1889 a 1890 estou todo sob a impressão do 15 de Novembro seguindo-se ao 13 de Maio; escrevo então os meus solilóquios em uma Tebaida onde podia andar centenas de milhas sem deparar com o refúgio de outro praticante... Em 1891 minha maior impressão é a morte do Imperador. De 1892 a 1893 há um intervalo: a religião afasta tudo mais, é o período da volta misteriosa, indefinível da fé, para mim verdadeira pomba do dilúvio universal, trazendo a ramo da vida renascente... De 1893 a 1895 sofro o abalo da Revolta, da morte de Saldanha, de que saem meus dois livros Balmaceda e Intervenção... Desde 1893, porém, o assunto que devia ser a grande devoção literária da minha vida, a vida de meu pai, tinha-se já apossado de mim e devia seguidamente durante seis anos ocupar-me até absorver-me...²⁵⁵

Isso fica evidente em várias partes de seu *Diário*, em que ele diz que ora está catalogando o arquivo de seu pai, ora o está classificando.²⁵⁶ Deparando-se com cerca de 30.000 documentos, afora livros, discursos, anais, o tempo disponível parecia não ser suficiente. O escritor opera, por assim dizer, em dois tempos. Relata o passado, mas sob o peso da situação política dos primeiros anos da República. Entre o trabalho silencioso de historiador e os barulhentos estampidos das artilharias na capital carioca, encontra-se Joaquim Nabuco saudando o passado e criticando o presente:

Classificando hoje o arquivo de meu Pai; hoje estive classificando a correspondência política dele e com ele. [...]

Diversos casos na cidade. [...] Cada dia novos feridos, alguns mortos. Esta é a beleza da República.²⁵⁷

A crítica é mais de um expectador do que de um autor. Distante da política, a ela se volta constantemente em sua grande obra. Admira os, assim chamados, verdadeiros fundadores por não caírem na falsa dicotomia entre monarquia e pátria. Prefere, no entanto,

²⁵⁴ NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. op. cit., p. 169.

²⁵⁵ *Ibidem*, p. 239.

²⁵⁶ NABUCO, Joaquim. *Diários*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2006.

²⁵⁷ *Idem*, p. 339-341.

ficar à margem. Isso é o que ele dirá em entrevista ao jornal *Estado de São Paulo*, em 1898. Após uma citação de Chateaubriand, na qual ele diz encontrar-se em dois séculos, assim como na confluência de dois rios, Joaquim Nabuco complementa desejando sorte às novas gerações nessa espécie de nova margem, a República, mas preferindo permanece na sua, a Monarquia. A biografia do seu pai pode ser considerada a materialização desse desejo.

Machado de Assis, em texto de 1895, no jornal *A Semana*, escreve sobre *Um estadista do Império*.²⁵⁸ Em pouco mais de uma página, sobressai-se na crítica machadiana um importante aspecto, que corresponde ao efeito de presença e de inteligibilidade que Joaquim Nabuco consegue expressar por meio da palavra. Para o autor, Nabuco consegue fazer reviver personagens e acontecimentos passados que ainda encontram interesse nas gerações seguintes. Menos como tentativa de imitação, e mais como possibilidade de ampliação do conhecimento do que outrora ocorreu. Essa aproximação entre leitor e personagem aparece na seguinte parte do texto de Machado de Assis: “Ainda agora vejo Nabuco, já senador, no fim da bancada da direita, ao pé da janela, no lugar correspondente ao em que ficava, do outro lado, o marquês de Itanhaém, um molho de ossos e peles, trôpego, sem dentes nem valor político”.²⁵⁹

Em outro breve artigo, Machado de Assis comenta acerca da isenção de Joaquim Nabuco quando escreve sobre a política do passado. A isenção está presente na obra, afirma Machado. Prova disso seria o aparecimento de duas visões, totalmente antagônicas, sobre o então presidente da província de Pernambuco Manuel Vieira Tosta. Da mesma forma, as conclusões relativas à Revolução Praieira provinham de um espírito de equilíbrio de alguém que conseguiu ir além das lutas partidárias. O mais importante, contudo, é a qualidade quase artística da escrita do líder abolicionista. Para o célebre escritor, o filho Nabuco “conta a vida de seu ilustre pai, não à maneira seca das biografias de almanaque, mas pelo estilo dos ensaios inglês”. Ao proceder dessa forma, ele consegue fazer “reviver aqueles e outros tempos, contribuindo para a história do século XIX, quando algum sábio de 1950 vier contar as nossas evoluções políticas”.²⁶⁰

Essa aproximação da história com a arte está presente em texto do historiador Raymundo Faoro.²⁶¹ Nesse interessante trabalho, devido às questões que suscita, Faoro

²⁵⁸ ASSIS, Machado de. “Machado de Assis comenta *Um estadista do Império*”. In: NABUCO, Joaquim. **Um estadista do Império**. Rio de Janeiro:Topbooks, 1997. 2 v, pp. 1285-1286.

²⁵⁹ Ibidem, p. 1285.

²⁶⁰ Ibidem, p. 1286.

²⁶¹ FAORO, Raymundo. “História e Arte”. In: NABUCO, Joaquim. **Um estadista do Império**. op. cit., 2 v, p. 21-31.

justifica o espaço destinado a Nabuco de Araújo ao longo de toda a obra não como uma espécie de fidelidade e piedade filial, mas da história feita a partir da reconstituição biográfica. Distante da noção exposta por Thomas Carlyle, a história, em *Um estadista do Império*, não é a quintessência de inúmeras biografias. Os atores, os indivíduos, para Joaquim Nabuco, não possuem tanto poder.

Talvez a qualidade artística do autor esteja no fato de não ser ele um historiador acadêmico e profissional. Essa lacuna, por assim dizer, o distanciou dos padrões dogmáticos do seu tempo. Fiel a leitura dos documentos, aos arquivos e aos depoimentos pessoais, a eles associou uma maneira subjetiva de entender e conectar os fatos com a vivência das pessoas que retirou do esquecimento. Para além de uma história biográfica ou de uma biografia histórica, *Um estadista do Império* aproxima história e arte:

Seu estilo é o de autêntico historiador, pesquisando escrupulosamente as fontes então acessíveis. Mas a preocupação com a verdade dos fatos não o desviou da particularidade de sua maneira de escrever a história, a história criadora, encharcada de arte e banhada de nostalgia, nunca esquecida que rege a mais volúvel das nove musas.²⁶²

Mas até que ponto a figura pessoal, se não determinante, ultrapassa o puro retrato estético e decorativo? Em melhores termos, se o grande homem não é nem o herói que faz e desfaz as situações ao sabor da sua vontade, seguindo o curso inexorável e irrevogável dos acontecimentos, que encontram na sua presença materialidade e significado, nem tampouco aquele, cuja vida e ação servem como um retrovisor contemplativo de condutas consideradas dignas e indignas, corretas e incorretas, passíveis ou não de imitar, qual a sua importância na cadeia cognitiva e narrativa dos fatos? É ele, na verdade, o próprio paradigma. Vemos os acontecimentos utilizando uma espécie de lente mediada pela figura do biografado. Joaquim Nabuco escreve a vida de seu pai, mas temos, a partir dela, uma visão lateral de sua época. Ao ler todas as peças, documentos, artigos de jornais, cartas, manuscritos, notas, o arquivo completo de seu pai, o filho Nabuco observa o nascimento do próprio Império.

Há momentos, entretanto, que o historiador fiel aos documentos e aos fatos abre espaço para o filho que busca justificar as ações do ex-ministro. Aqui, a Revolução Praieira aparece. Ao contrário do que afirma Machado de Assis, Raymundo Faoro se impressiona com a veemência com que o filho assume a defesa do pai. É como se ele assumisse o papel de

²⁶² Ibidem, p. 22-23.

defensor, independente das circunstâncias, do possível acusado. No entanto, se fosse-nos pedido uma catalogação da obra em questão, onde a colocaríamos?

História política, responderia José Veríssimo. Em seu artigo intitulado *Um historiador político*, o escritor elogia Joaquim Nabuco por ele ter conseguido reconstituir a quase totalidade da época do Segundo Reinado.²⁶³ A metáfora do artista novamente aparece. Pintando as figuras de outros tempos, a partir do material deixado por seu pai, Joaquim Nabuco utiliza um importante recurso cognitivo para a apreensão do passado, a imaginação histórica. Artista e não fotógrafo, entretanto. Ressoa, no texto de José Veríssimo, uma crítica a respeito da forma como o autor pinta seus personagens. Se logo nas suas primeiras linhas o jornalista elogia a obra pelo uso de documentos privados (correspondências, memórias, diários), não serão justamente eles que lhe turvaram a visão? Para Veríssimo, em determinados momentos, a intensa simpatia nutrida por Nabuco filho para com as personalidades e o regime político da época de seu pai, faz seu pincel atenuar defeitos e elevar as qualidades. O mais importante, porém, é que por mais que o tema do livro fosse a vida de Nabuco de Araújo e apenas subsidiariamente a história de um regime tantas vezes defendido pelo autor, a obra torna-se referência pelo quadro que constrói:

O livro do Sr. Joaquim Nabuco é assim, mais que a vida de seu pai, a exposição da sua época, quase uma história do segundo reinado. Essa história, porém, não é inteira nem completa, mas parcial; mais um quadro em que, pelas próprias limitações da perspectiva, não víssemos senão um aspecto dos acontecimentos, que um panorama onde todos eles se desenvolvessem circularmente à nossa vista. O reparo não pode ser uma censura, porque o autor não quis fazer outra coisa e lisamente o declara. Nada obstante, o quadro é, porventura, o melhor e quando concluído talvez o mais completo dessa época²⁶⁴

Um parágrafo acima, o autor de *História da Literatura Brasileira* havia escrito:

Os primórdios de Nabuco são contados com simplicidade e parcimônia, realçada, a narrativa com o pitoresco e a psicologia social que o assunto comportava. A existência das famílias de funcionários, as viagens inter-provinciais, no norte, a fisionomia e a vida das capitais provincianas, como Belém do Pará, e da Corte, os costumes, os hábitos, as crenças do Brasil no começo do século, se não são quadros acabados, são esboços interessantes e bem feitos. Depois destes a vida acadêmica de Nabuco, como o foi sua infância, é motivo também para novos estudos, rapidamente traçados, do meio escolar das academias do tempo, das idéias e ambições que o

²⁶³ VERÍSSIMO, José. “Um historiador político. O Sr. Joaquim Nabuco”. In: NABUCO, Joaquim. **Um estadista do Império**. op. cit., 2 v, p. 1293-1308.

²⁶⁴ *Ibidem*, p. 1296.

agitavam e da influência que tiveram sobre o protagonista. Os seus primeiros empregos, como a sua primitiva atividade política no jornalismo acadêmico, e depois a sua estréia parlamentar, acontecimentos de família, e toda a sua vida pública de 1843 até a demissão, ou melhor dissolução do ministério Paraná em 1857, tudo é recontado, de par com os sucessos políticos, com a narrativa dos acontecimentos, o estudo dos fatos, a apreciação dos homens.²⁶⁵

Nesse longo excerto, pode-se observar, a partir das argumentações de Veríssimo, que há uma extrapolação dos limites a que a biografia se destinava no início do século XIX. Para além de contribuir para a formação de um sentimento de pertencimento nacional, a escrita biográfica permite um acesso privilegiado às épocas passadas. Juntamente com a escrita de uma vida, vislumbra-se o descortinar de uma época. Por meio dessa vista lateral, vemos os costumes, hábitos e crenças, as relações e disputas políticas do período, uma época que, em plena confusão dos momentos iniciais da Primeira República, necessitava ser contada. A relação entre passado e presente, por conseguinte, passará por reconfigurações. Os fatos pretéritos longe de se tornarem estanques frutos de análises imparciais, movimentam-se mediante demandas suscitadas no presente. Uma biografia que se destina, primeira e objetivamente, a contar a vida do último senador Nabuco de Araújo, torna-se, na verdade, uma contribuição para a história do Segundo Reinado. Contudo, o procedimento utilizado, a leitura e compilação do material, a maneira como narra o passado buscam, muitas vezes, mais realçar e enaltecer a figura de Nabuco pai, além de dirimir possíveis questionamentos acerca de sua conduta, como se verá a seguir na Revolução Praieira.

A vida de um indivíduo pode esclarecer o passado? Qual o valor heurístico da escrita biográfica? Qual a importância das biografias como forma de elaboração de experiências pretéritas? Quais relações a escrita biográfica guarda com a histórica?

Essas perguntas passaram por ressignificações entre o início e o fim do século XIX. Extrapolando, embora não de todo, um sentido moralizante e memorialístico, juntamente com a retórica da nacionalidade, a produção biográfica do período final do Oitocentos encontra um objetivo, advindo daí seu valor heurístico, focado na inteligibilidade e visualização do outrora ocorrido. Essa mudança, longe de ser progressiva e linear, representa um acesso privilegiado, mas direcionado, sobre o passado.

Em *Um estadista do Império* podem-se observar os diferentes “estratos de tempo” ali encontrados. O tempo de Nabuco de Araújo e a ascensão e consolidação do Império; o tempo

²⁶⁵ Ibidem, loc. cit.

de Joaquim Nabuco e a derrocada da Monarquia e o início do período republicano. O filho que escreve sobre a vida do pai, mas busca, a partir dessa *bios*, adquirir maior precisão e discernimento para retratar, pintar o quadro de uma época, ainda que lateralmente. As historicidades ali presentes advêm do contato, a partir da escrita, com as diversas experiências reunidas na obra. Em nome do pai e em nome do Império.

3.2 Entre guerras e revoluções: sobre os usos políticos da biografia

A chamada Revolução Praieira, ocorrida entre 1848-1850, representou um importante momento para a carreira de Nabuco de Araújo. Inserida em um contexto mais amplo, os acontecimentos de Pernambuco ressoavam àquilo que a Europa assistia no século XIX, uma série de movimentos revolucionários com destaque para a Revolução de 1848 na França. O objetivo dos revoltosos brasileiros era adotar na província medidas de caráter liberal, tais como liberdade de imprensa, voto livre e universal, fim do poder moderador etc. Por outro lado, os conflitos refletiam a disputa entre liberais e conservadores pelo poder na região. De acordo com a historiadora Izabel Andrade Marson:

A ascensão do gabinete Olinda, a 29 de setembro de 1848, testemunhando a finalização de um período no qual os liberais haviam atuado com destaque na Corte; a suspensão dos trabalhos da Câmara dos Deputados a 5 de outubro, encerrando as atividades parlamentares daquele ano e indicando uma próxima dissolução; e a designação do político conservador Herculano Ferreira Pena para presidir Pernambuco, foram eventos que sinalizaram uma inversão política no Império em geral e na Província em particular e a eclosão da guerra civil na qual se hostilizaram conservadores (*guabirus*) e liberais (*praieiros*). Assentados nos cargos de poder em 1845 e organizados, desde maio de 1848 pela Sociedade Imperial, os praieiros haviam se preparado militarmente nas vilas mais importantes para enfrentar uma revanche conservadora e suas indeclináveis demissões.²⁶⁶

O declínio liberal no Império, a partir de 1848, levou os praieiros a se prepararem e a se mobilizarem para resistir às demissões que viriam. Concentrando-se nas propriedades dos membros importantes do partido, arregimentando forças policiais e coronéis da Guarda

²⁶⁶ MARSON, Izabel Andrade. **Política, história e método em Joaquim Nabuco: tessituras da revolução e da escravidão**. Uberlândia, MG: Edufu, 2008, p. 137.

Nacional e estocando armas e munições, os praieiros colocaram um desafio à nova situação política de predomínio conservador.

Deflagrada a guerra, o seu desfecho chamou a atenção dos contemporâneos por sua rapidez e, ao menos em um primeiro momento, rigor, desencadeando, posteriormente, um conflito de textos e interpretações, em que se insere também *Um estadista do Império*:

A concessão da anistia ou do exílio a alguns comandantes foi um artifício para apressar a desmobilização do exército liberal, a finalização da guerra e do processo em curso contra os chefes aprisionados, de forma a possibilitar o julgamento que, a 177 de agosto de 1849, os condenaria à pena exemplar – prisão perpétua com trabalhos orçados no presídio de Fernando de Noronha – pelo crime de “rebelião”. Tal desfecho, uma surpresa para os contemporâneos por sua rapidez e rigor pois a Província ainda estava conflagrada e não fora possível uma avaliação mais precisa dos acontecimentos, seria o ponto de partida para um outro confronto de termos, acusações e textos. Esta outra guerra contrapôs, num primeiro momento, personagens envolvidos diretamente no conflito e, posteriormente, historiadores que os rememoraram, todos disputando a primazia de conceituar com objetividade o conjunto de ocorrências que haviam conformado a guerra civil pernambucana. Tratava-se de uma “sedição”, um “movimento, uma insurreição”, uma “revolta”, uma “rebelião”, ou uma “revolução”?²⁶⁷

No terceiro capítulo de seu livro, Joaquim Nabuco descreve e analisa os acontecimentos de 1848. Enquanto juiz do cível no Recife e principal redator do *Lidador*, Nabuco de Araújo foi um dos principais críticos da administração de Antônio Chichorro, líder liberal. Críticas essas que lhe valeram remoções e perseguições. Fato é que a intensa política do período e as disputas entre praieiros e gabirus, se acirravam os ânimos entre os adversários, pelo menos até o início das lutas travadas, não rompiam a ordem democrática, o que faz o autor de *Um estadista do Império* afirmar: “[...] entre a democracia e a monarquia no Brasil houve por vezes desinteligências e rupturas, mas nunca verdadeiro antagonismo”.

O estopim para a deflagração do movimento de 1848 foi a deposição do governo de Antônio Chichorro. Aliado a isso estava o fato de o presidente do Conselho, de 29 de setembro de 1848, ser visconde de Olinda, justamente o principal chefe dos gabirus. Conforme destaca Joaquim Nabuco:

Ao ressentimento que os praieiros experimentavam vendo à testa da administração o homem que com o seu prestígio pessoal, durante cinco anos da situação liberal, os estorvou e às vezes paralisou no governo e que impediu seus chefes de entrarem

²⁶⁷ Ibidem, p. 140.

para o ministério e de se acalantarem no Senado, juntava-se para movê-los à ação a confiança do partido Liberal no Império de que Pernambuco não toleraria o domínio saquarema [...] Sob tal influência não havia para a Praia freio que a pudesse conter; a revolução era inevitável.²⁶⁸

Para Nabuco, contudo, a revolução só rebentou por conta da ausência de um homem forte. A escolha de Herculano Ferreira Pena não condizia com as necessidades e os desafios surgidos pela situação quase revolucionária em que se encontrava a província até então. O partido da Praia, de acordo com o autor de *O Abolicionismo*, não aceitaria que seus adversários impusessem uma ordem contra a qual discordavam. Aqui se faz presente a importância do “pequeno x”. Era necessário um líder capaz de controlar os ânimos dos liberais. Não era o caso, pois, de Pena: “A nomeação de Pena foi inspirada na idéia de moderação. [...] Pena não era o homem para a situação de Pernambuco”.²⁶⁹ Assume em seu lugar Tosta. É desta forma que Joaquim Nabuco o descreve:

Tosta era um conservador, dos raros, que tinha a religião, a monarquia, a ordem pública, a lei, como dogmas indiscutíveis. Intolerante, quando se tratava deles; exclusivista, no sentido de julgar impróprio para as funções do estado quem os não professava, ele confessadamente o era. Mas com esse afêro ao sistema político, fora do qual tudo para ele era anarquia e talvez até sacrilégio, possuía um espírito justiceiro. A mão do político era pesada de ferro, mas a consciência do magistrado era delicada e escrupulosa. Como presidente que dominou a revolução, ele desenvolveu grande energia, mas não houve de sua parte nenhuma perseguição nem abuso de autoridade; não concedeu uma gota de sangue ao espírito do partido.²⁷⁰

Considerada a última revolução liberal do período, após o seu desfecho a Monarquia entraria em uma nova fase, caracterizada pelo crescimento e auge econômico e social antecedidos pela estabilidade política. Antes, contudo, era necessário julgar os revoltosos. Nesse momento do livro, indivíduo e história parecem se fazer presentes. Joaquim Nabuco quer, por um lado, demonstrar o senso de justiça que guiou seu pai na condução dos trabalhos e, por outro, possibilitar uma visão ampliada para os seus contemporâneos sobre os fatos pretéritos.

Nabuco parece também querer justificar o fato de seu pai não se considerar impedido para presidir o júri encarregado de julgar os rebeldes de Recife. A questão recai para o senso de justiça dele e a dificuldade de se estabelecer uma incompatibilidade entre judicatura e

²⁶⁸ NABUCO, Joaquim. *Um estadista do Império*. op. cit., p. 107.

²⁶⁹ *Ibidem*, p. 108.

²⁷⁰ *Ibidem*, p. 109.

política: “Como conseguir, porém, de um magistrado que deixe de sentir vivamente como os outros cidadãos sobre a causa pública?”.²⁷¹ Era, sem dúvida, um processo difícil, pois a opinião pública achava-se dividida em dois partidos. O que ajudava Nabuco de Araújo a afirmar a sua imparcialidade era a revisão que podia ser feita pelo imperador, utilizando-se o poder moderador. Além do mais, na posição de presidente do júri ele se sentia mais confortável do que na de um possível juiz. O julgamento, por conseguinte, transcorreu até o fim, com a punição aplicada aos revoltosos. Embora admita que no plano individual talvez tivesse sido melhor que o antigo magistrado do Império não tivesse tomado parte nesse processo, ele agiu, argumenta o filho, segundo as ideias de seu tempo, o sentimento de sua época.²⁷²

As considerações de Joaquim Nabuco acerca da chamada agitação praieira acabam o conduzindo para uma reflexão maior sobre a democracia. Uma democracia composta por fidalgos. Essa característica específica do povo pernambucano o levaria a querer, por meio do turbilhão popular, elevar-se para além da sua situação atual, condição não comportada pelas próprias condições da província, sendo essa uma região com uma tendência revolucionária permanente.

Aliada a isso, estava a concentração do ódio da população. Eram os portugueses, acusados de monopolizar o comércio nas cidades, e os senhores de engenho, que, por sua vez, monopolizavam as terras no interior, o foco central de descontentamentos da população. Mais do que um conflito político, era a questão social, com consequências econômicas, que mais pesava. O amplo alcance do movimento está no fato, argumenta Nabuco, dele ter se organizado em partido. Aqui, por outro lado, aparece uma forte crítica sobre a falta de liderança de chefes que se deixam levar pelas vontades populares, exatamente o oposto daquilo necessário a um verdadeiro estadista:

O partido Praieiro foi um partido sem direção e sem disciplina, porque propriamente não foi senão um movimento de expansão popular. Os chefes deixavam levar-se pelo instinto das multidões e formavam o seu séquito, em vez de guiá-las e de procurar o modo prático de satisfazer, na medida do possível, o mal-estar que elas sentiam sem o saber exprimir.²⁷³

²⁷¹ *Ibidem*, p. 118.

²⁷² *Ibidem*, p. 120.

²⁷³ *Ibidem*, p. 114.

As conclusões finais de Joaquim Nabuco recaem na dimensão individual das principais personagens dos fatos ocorridos entre 1848-1850. A partir dessas análises pode-se perceber a importância da participação do “pequeno x” nos acontecimentos históricos. À inexperiência do partido da Praia juntava-se a incapacidade política de seus líderes. Ao deixarem-se guiar pelas causas populares, sem a liderarem de fato, viram-se reféns de um presente e futuro que não poderiam mais controlar.

Nunes Machado merece atenção especial do autor Nabuco. Nascido no dia 16 de agosto de 1809, em Goiana, Pernambuco, logo cedo ingressa na carreira jurídica. Influenciado pelo socialismo utópico, o deputado foi um dos chefes do movimento, tendo falecido justamente à sua frente, quando tentava entrar na capital pernambucana. É desta forma, no entanto, que Joaquim Nabuco o descreve:

Nunes Machado ficou sendo até hoje o ídolo popular pernambucano, a memória querida por excelência [...] É que o povo perdoa aos que se parecem com ele e Nunes Machado é a expressão das qualidades e dos defeitos pernambucanos. A sua política se lhe tivessem deixado livre o campo, nunca teria melhorado, porém, só piorado a condição do povo.²⁷⁴

Nunes Machado é o contrário de figuras como Muniz Tavares ou Venâncio de Rezende, elogiados por conseguirem ir além das lutas partidárias a fim de preservarem “seus sentimentos”. O que importa, ressalta Nabuco, é que mesmo a elite da sociedade pernambucana que apoiou a independência e a Revolução de 1817 não partilhava dos princípios nem das maneiras da “seção extrema da Praia”. Como consequência do movimento conduzidos pelos praieiros tem-se o predomínio do partido conservador até 1864.

De caráter conciliatório, a interpretação proposta por Joaquim Nabuco acerca dos acontecimentos de 1848-1850 acabou por se tornar a mais recorrente dentro da historiografia. Abrangendo as leituras anteriores de Figueira de Melo e Justiniano José da Rocha, sua versão para o ocorrido gera o chamado “fato *Revolução Praieira*”:

A versão “conciliadora” de Nabuco – que criou uma interpretação na qual todos os termos referentes à guerra civil foram contemplados, embora revistos em seus sentidos originais –, fundou o fato “*Revolução Praieira*” e imperou soberanamente sobre sua memória, impondo, a historiadores de tendências divergentes, senão opostas, a interpretação mais severa, desencantada e compacta sobre os

²⁷⁴ Ibidem, p. 115.

acontecimentos. Tal realização sugere algumas indagações. Como foi possível confundir/conciliar com credibilidade e eficácia, os termos *movimento/revolta/rebelião/revolução* de cunho “republicano jacobino e socialista” à revelia das orientações praieiras firmadas antes, durante e após a guerra? Por que transpor para o programa da Praia as proposições “socialistas” de uma publicação ligada ao partido conservador – e, também, a Nabuco de Araújo –, no caso a revista *O Progresso*? Por que relegar ao esquecimento os vínculos do juiz com esse periódico? Como foi possível aproximar estreitamente a Praia de seu inimigo histórico, o jornalista Borges da Fonseca, e juntar muitas propostas numa única “revolução”?²⁷⁵

Escrever sobre a Revolução Praieira em um momento no qual o país vivia imerso em disputas políticas e tensões sociais permite um contraste entre o saudoso regime defendido por Joaquim Nabuco e até então incipiente República, entre “as nossas antigas lutas pacíficas e o duelo de artilharia do mar e da terra nesta baía”. A crise do período regencial e a posterior estabilidade do Império são vistas e narradas a partir dos acontecimentos que Nabuco de Araújo experienciou e deixou registrado em seus pecúlios. Já a crise das primeiras décadas da República é vivenciada pelo autor de *Um estadista do Império*. Entre a experiência de seu pai e a sua, entre um regime político distinto e o seu, Joaquim Nabuco aproxima a história da biografia e a biografia da história.

Na tentativa de oferecer um panorama geral sobre o Segundo Reinado, Nabuco filho dedica parte considerável de sua obra à Guerra do Paraguai. As suas descrições e análises sobre os conflitos ocorridos entre 1864-1870 acontecem paralelamente à evolução política do Império e à participação de Nabuco de Araújo.

Às causas da Guerra do Paraguai, afirma Joaquim Nabuco, já não eram mais passíveis de haver dúvidas. Após analisar a chamada questão uruguaia, a partir da missão Saraiva, e o deflagrar do conflito, o autor oferece ao leitor os antecedentes necessários para facilitar sua compreensão sobre a complexidade envolvendo a região platina. Quanto àquele que viria a ser conhecido como o maior conflito internacional da América do Sul, escreve Nabuco:

²⁷⁵ MARSON, Izabel Andrade. **Política, história e método em Joaquim Nabuco**: tessituras da revolução e da escravidão. op. cit., p. 151.

Estão felizmente fora de dúvida as origens da guerra do Paraguai. Lopes, solicitado pelo governo *blanco*, logo que chegou a Montevideú a missão Saraiva, oferece em junho a sua mediação ao governo imperial; protesta, e agosto e setembro, contra a ameaça de represália e contra o auxílio prestado por Tamandaré à invasão de Flores; e, declinada a mediação, desprezado o protesto, apodera-se em novembro do vapor *Marquês de Olinda*, invade Mato Grosso, que levava para Mato Grosso o novo presidente Carneiro de Campos, encarregado de organizar a defesa daquela província do oeste do Brasil contra algum golpe súbito do Paraguai. Um mês depois do atentado contra o *Marquês de Olinda*, invade Mato Grosso, levando suas tropas as mesmas ordens de saque e destruição, a mesma antecipação de rapina e lascívia com que mais tarde hão de atravessar o rio Uruguai. **Não era uma guerra civilizada que nos tomava de surpresa, era como que uma invasão de bárbaros, o trolpe de uma horda de hunos de repente lançados sobre nossas populações indefesas.**²⁷⁶

As palavras duras utilizadas por Joaquim Nabuco também recairão sobre Francisco López. Antes, porém, é importante colocar a guerra do Paraguai dentro de uma cadeia cognitiva em que a figura do Segundo Reinado aparecesse. Afinal, trate-se de oferecer uma vista lateral sobre uma época:

A guerra com o Paraguai teve importância tão decisiva sobre o nosso destino nacional, teve-a também sobre todo o Rio da Prata, que se pode ver nela como que o divisor das águas da história contemporânea. Ela marca o apogeu do Império, mas também procedem dela as causas principais da decadência e da queda da dinastia: o aspecto e o desenvolvimento do Prata com a fascinação que ele exerce, o ascendente militar [...]; o americanismo; a própria emancipação dos escravos que por diversos modos se prende à guerra [...]; a propaganda republicana [...].²⁷⁷

Não obstante, adverte o autor, a sua busca não consiste em apresentar uma nova versão da guerra, mesmo que tentasse conciliar as três versões correntes, a brasileira, a paraguaia e a uruguaia. Até porque, “A história dessa guerra, a militar tanto como a diplomática e política, ainda está por escrever”.²⁷⁸ Para cada um desses aspectos, Nabuco apresenta suas ressalvas:

A verdade militar torna-se difícil de apurar pela parcialidade, em favor dos seus respectivos países, dos historiadores que a guerra até hoje tem tido; a verdade internacional não só se ressent do mesmo preconceito, como do segredo das chancelarias e da reserva do mesmo preconceito, como do segredo das chancelarias e da reserva dos personagens que ditaram a conduta de cada um dos países empenhados na luta; a verdade política, isto é, a atitude, os motivos, a responsabilidade dos partidos, dos homens em cada um dos países em relação à

²⁷⁶ NABUCO, Joaquim. *Um estadista do Império*. op. cit., p. 509. Grifo meu.

²⁷⁷ *Ibidem*, p. 511.

²⁷⁸ *Ibidem*, loc. cit.

guerra, encontra obstáculo na inclinação, mesmo involuntária do escritor para o lado ou para o vulto que tem as suas simpatias.²⁷⁹

O ponto de encontro com a biografia de seu pai se dá por uma hesitação. Após a queda do ministério Furtado, e algumas dificuldades para a composição de um novo gabinete, o imperador recorre então a Nabuco de Araújo. Ele, porém, recusa. A justificativa para tal atitude se relaciona mais à falta de desejo do imperador, já que outros nomes haviam sido cogitados a despeito de Nabuco pai, do que a qualquer fator secundário. Também, por outro lado, a referida neutralidade do senador brasileiro seria prejudicial para a formação de um ministério que teria de, necessariamente, pender para algum lado. Conforme assinala Joaquim Nabuco: “era impossível em questões todas de pessoas [...] manter a precisão da balança, e ao primeiro esquecimento o ministério, qualquer que fosse, veria consumir-se a cisão, que só talvez Nabuco receava”.²⁸⁰ Com a recusa de Nabuco de Araújo, o marquês de Olinda acaba sendo chamado:

Com essa recusa, o Imperador chamou o marquês de Olinda, e tanto Nabuco como Saraiva prestaram-se a servir sob as ordens do Marquês, prova de que os não movia a ambição do primeiro lugar. [...] A entrada de Nabuco para o ministério era esperada desde 1862 e entre os seus antigos companheiros de Câmara, Senado e gabinete foi recebida como um anúncio de tolerância e moderação no governo, e ao mesmo tempo como um novo prazo de vida para a situação debilitada da Liga. No próprio campo conservador ela foi bem aceita; com todos os chefes Nabuco mantinha excelentes relações pessoais e eles estimavam ter no ministério um homem a quem se pudesse dirigir.²⁸¹

Um ponto interessante narrado e analisado por Joaquim Nabuco são as considerações acerca do destino de Solano López após a guerra. Era preocupação de D. Pedro II o não restabelecimento do que o imperador considerava como um regime ditatorial e o inevitável retorno à guerra. É como se o autor estivesse, no presente, procurando justificar as atitudes, em um momento-chave para a história do país, tomadas pelo estadista do Império e que tiveram consequências futuras. Para Joaquim Nabuco, D. Pedro II era o único líder que se preocupava com o presidente paraguaio após o desfecho do conflito. A saída viável deveria ser a deposição e o afastamento definitivo de López. O historiador, porém, deixa claro que não se tratava de animosidades, mas sim de generosidade para com o povo paraguaio. Além

²⁷⁹ Idem, p. 512.

²⁸⁰ Ibidem, p. 547.

²⁸¹ Ibidem, p. 547.

do mais, a vida dos chefes, homens excepcionais, mesmo os tiranos, está intrinsecamente vinculada ao poder. No entanto, o desfecho se deu de outra maneira com a morte do líder paraguaio. A forma como o historiador narra esses últimos acontecimentos parece procurar justificar o seu fim:

Em 1º de março de 1870 acabava a guerra do Paraguai, com a morte de López em Cerro Corá. Temos acompanhado as diversas fases dessa penosa luta de cinco anos. [...] O amor-próprio, a reputação do general, estava em não deixar fugir o inimigo; mas uma vez alcançado, à distância de tiro, ninguém respondia pela vida de López [...] Na guerra da Tríplice Aliança, a *epopéia*, o mito nacional, é paraguaio. A causa aliada é a causa da justiça, da liberdade, da civilização; López encarna e representa o seqüestro, a mortal estrutura de um povo sob a cola convulsa de um tirano ferido e desapontado [...] A guerra do Paraguai foi um dos grandes crimes da América do Sul; não foi, porém, o crime do vencedor; foi o crime de López, que exigiu do seu povo até o suicídio. Esse suicídio, na sua trágica inconsciência, é um dos mais nobres holocaustos que o sentimento moderno de pátria tem deixado na história; é duvidoso mesmo que tenha igual, e cerca com um resplendor legendário de mártir o nome do Paraguai.²⁸²

As narrativas sobre os importantes fatos políticos da época imperial não estavam desassociados, como já assinalado algumas vezes, da crise com a qual o regime republicano se deparava. Com isso, embora buscando manter a imparcialidade e se ater aos documentos, é inegável e indiscutível observar certo tom, por assim dizer, mais ameno em relação a momentos polêmicos da política do Segundo Reinado. Junto a isso estava o cuidado com as figuras individuais do período. O que era para ser, e o seu título constata isso, o relato da vida de alguém, torna-se uma obra que associa política, história e biografia. A escrita, que se pretende neutra, insere-se em uma miríade de questões que extrapolam o mero relato.

“Os biógrafos são vidros de graus diferentes. Graus representados pela maneira de sentir e compreender de cada qual, e que se reflete em qualquer trabalho histórico, pois ninguém pode fugir a essa contingência”.²⁸³ Essas palavras, pertencentes ao biógrafo Luís Viana Filho, fazem parte de seu ensaio, publicado em 1945, pela Editora Civilização Brasileira. O referido trabalho tinha por objetivo servir de resposta contra as críticas feitas à biografia de sua autoria, denominada *A vida de Rui Barbosa*, por Homero Pires. Dividido em duas partes, na primeira, intitulada “A verdade na biografia”, o autor discorre, de forma bastante erudita e com muitos exemplos, sobre o labor biográfico. Conforme aponta Márcia

²⁸² Ibidem, p. 794-795.

²⁸³ FILHO, Luís Viana. “Os biógrafos e a biografia”. In: BRITO, Luis Navarro. **Luiz Viana Filho**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978, p. 47.

de Almeida Gonçalves, “o livro de Luís Viana Filho pode ser entendido como uma interessante radiografia, de natureza ensaísta, acerca do ‘estado atual’ das questões sobre o gênero biográfico, naqueles tempos idos das décadas de 1930 e 1940”.²⁸⁴ No entanto, as reflexões propostas acerca da parcialidade do trabalho biográfico e a própria menção à obra de Joaquim Nabuco tornam possível relacionar os pensamentos de Viana Filho ao *Um estadista do Império*.

Em muitas passagens de seu trabalho Luís Viana Filho afirma ser dever de todo biógrafo aproximar-se o mais forte possível da verdade, contudo, ele sabia das dificuldades de se alcançar uma descrição completa do biografado e de seu contexto. Para Viana Filho, as múltiplas narrativas possíveis em torno de uma vida, relacionam-se às contradições inerentes a todos nós:

Na biografia, como na história, muitos fatores concorrem para a precariedade e falibilidade dos julgamentos e das observações na pesquisa da verdade em torno de uma vida. Se os indivíduos mudam e são contraditórios, os biógrafos, diferentes entre si como são todos os homens – jamais conseguirão ver e julgar de maneira igual determinado fato. [...] Poderemos prender para este ou aquele lado, julgar melhor esta ou aquela interpretação, preferir esta ou aquela biografia. Mas, ser-nos-á dado afirmar, com segurança, que a verdade está aqui e não ali?²⁸⁵

O tempo também é um fator importante no relato biográfico:

Aliás, nesse estudo da variação dos nossos julgamentos sobre a mesma individualidade, é necessário observar-se a influência exercida pelo tempo. Não só pelos novos elementos, que, por vezes, nos proporciona, senão também pela ação que exerce em nossa maneira de considerar a vida de qualquer homem.²⁸⁶

No decorrer do seu trabalho, Viana Filho, escrevendo em 1945, reconhecia que o gênero biográfico havia sofrido, entre finais do século XIX e início do século XX, um declínio. Os escritores, segundo ele, ao considerar a produção de biografias um trabalho menor, passaram a deixá-la a cargo de parentes e amigos do biografado. O exemplo para tal descaso surge a partir da opinião de José Veríssimo quando do último lançamento de *Um estadista do Império*. Veríssimo afirmara o seguinte: “Nabuco transformara o que em mãos

²⁸⁴ GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em terreno movediço**: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa. op. cit., p. 187.

²⁸⁵ FILHO, Luís Viana. “Os biógrafos e a biografia”. op. cit., p. 45.

²⁸⁶ Ibidem, p. 49.

ineptas seria apenas motivo para uma biografia, na história de um longo, e principal período de nossa curta vida nacional”.²⁸⁷

Como demonstra a historiadora Márcia de Almeida Gonçalves, Luís Viana Filho, embora não precisasse claramente quando, reconhecia uma reabilitação das biografias, a partir da significação alargada que a palavra terá. A fim de dar conta dessa diversificação, o autor propôs uma tipologia para os textos biográficos, a saber, “(1) trabalhos que eram a simples relação cronológica de fatos relativos a alguém; (2) trabalhos em que, a partir de uma vida, estudava-se determinada época; (3) trabalhos em que a descrição de uma vida se conjugava à análise crítica da obra literária do biografado”, e, por fim, “(4) trabalhos exclusivamente centrados na narração da vida de um eleito”.²⁸⁸ Após elencar esses quatro grandes grupos, Viana Filho parte para, na sua opinião, o debate mais polêmico da época. O cerne da discussão referente à prática biográfica estava nas diferenças e complementaridades entre biografias históricas e as biografias modernas. A biografia histórica, ao contrário da moderna que procuraria ao máximo expor as características de uma personalidade, “teria seus objetivos limitados ao traçado do perfil histórico de uma individualidade”.²⁸⁹ Gonçalves, referindo a Tarquínio de Sousa e o fato de o escritor ter nomeado seus trabalhos de “biografias históricas”, afirma o seguinte:

Tarquínio de Sousa centrou-se na vida pública de seus biografados, valorizando, em maior escala, as ideias e práticas daqueles dirigentes estatais, em especial no momento ímpar da organização do Estado imperial, buscando, em ênfases declaradas, compreender as circunstâncias históricas do que designou de “terreno movediço das Regências”.²⁹⁰

Da mesma forma, pode-se entender *Um estadista do Império*. Estabelecendo um paralelo entre ambos, tanto Tarquínio de Sousa quanto Joaquim Nabuco escreveram sobre homens públicos realçando justamente essa dimensão de suas vidas. Da mesma maneira, para eles:

A análise do que seria a vida pública consistiria no campo maior de verificação das imbricadas relações entre indivíduo e sociedade, em que as circunstâncias históricas,

²⁸⁷ Apud GONÇALVES. **Em terreno movediço**: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa. p. 188.

²⁸⁸ Ibidem, loc. cit.

²⁸⁹ Ibidem, p. 189.

²⁹⁰ Ibidem, loc. cit.

ditadas pelas relações com outros sujeitos, permitiriam interpretar as fisionomias de seus biografados e as fisionomias das épocas em que suas vidas vieram a ter sentido. O público, nessa acepção, seria o espaço das relações sociais, no universo de grupos e comunidades.²⁹¹

O Estado e a comunidade nacional são os espaços públicos que os autores priorizam. A escrita de uma vida torna-se narrativa histórica, mas sem perder as especificidades inerentes à produção de uma *bios*. Isto é, o relato individual é o eixo organizador da narrativa. É a partir do “pequeno x” que os acontecimentos se sucedem. Menos como uma figura caracterizada pela exemplaridade e mais como possibilidade de inteligibilidade de épocas pretéritas, o estadista, com sua vida publicizada, nos leva, pelas mãos do biógrafo, a conhecer seu meio e sua época. Resta saber, então, quais as características principais atribuídas a esses homens públicos.

3.3 Da cor local ao caráter local: o Estadista

Nos últimos capítulos de sua obra, Joaquim Nabuco se dedica a traçar um perfil de seu pai. Intitulado *O Homem – O Estadista*, nas páginas que se seguem pode-se vislumbrar não apenas as características de Nabuco de Araújo, mas os atributos necessários para se tornar um estadista, alguém capaz de ser protagonista nos grandes acontecimentos políticos do Segundo Reinado. É o que o autor de *O abolicionismo* procura fazer, relacionar as qualidades do pai com momentos emblemáticos da política imperial.

Em *Traços moraes*, Joaquim Nabuco começa afirmando que “A fisionomia, o caráter de Nabuco foi esboçado diversas vezes por diferentes escritores com a mais perfeita semelhança de traço”. Para ele, isso era prova da natureza, em essência, imutável de Nabuco de Araújo, marcada por ser “simples, verdadeira, franca, sem afetação, nem dissimulação, que a complicassem ou tornassem duvidosa para o artista que a copiava”.²⁹² No entanto, o eixo central dessa imutabilidade era seu pensamento. Devendo ser um homem de ideias, ao estadista é imprescindível a busca pelo aperfeiçoamento do intelecto, tendo de deixar de lado tudo aquilo que é “pequeno, fútil, pessoal”. Aliada ao pensamento está a capacidade imagética

²⁹¹ Ibidem, p. 203.

²⁹² NABUCO, Joaquim. *Um estadista do Império*. op. cit., p. 1107.

como importante recurso cognitivo para a apreensão do presente e vislumbramento do futuro, já que para o estadista “nada penetra nele por outra porta que não seja a da inteligência; ele nada apanha, nada recolhe, senão por um sentido: - a imaginação”.²⁹³

A sociabilidade também é uma qualidade a ser realçada em Nabuco pai. Conseguindo isolar a política da vida privada, a fim de evitar que os antagonismos da primeira não atingissem a convivência na segunda, através do relato de Joaquim Nabuco, percebe-se, por outro lado, a proximidade de ambas, mesmo que indiretamente:

A sociedade que convida para sua casa não é política; homens de ambos os partidos frequentam-no com a mesma franqueza e assiduidade; na sua correspondência avultam tanto os pedidos de Conservadores proeminentes, quando ele é ministro em 1866, como de Liberais; ele recomenda quase tantas eleições ou pretensões de adversários políticos como de partidários seus, não compreendendo assembleias unânimes, nem a ausência, no Parlamento, dos homens notáveis do país, da capacidades provadas e reconhecidas.²⁹⁴

Joaquim Nabuco busca, ao traçar o perfil de seu pai, captar para seu público um retrato fiel de Nabuco de Araújo para que os contemporâneos identifiquem, além das características físicas individuais, traços morais de uma personalidade que era representativa da conduta de uma forma de agir. Tal qual um pintor, Nabuco filho aproxima passado e presente, leitor e protagonista, biografia e história.

Da mesma forma que eram necessárias determinadas características relativas à personalidade daqueles responsáveis por conduzir os assuntos políticos do Segundo Reinado, o domínio da arte da palavra também era imprescindível devido às posições de relevo ocupadas. O orador deve ser alguém capaz de impressionar profundamente seus adversários e passar segurança aos aliados. Deve ser um líder cuja autoridade da palavra esteja relacionada a sua posição de protagonista no tabuleiro político. Seu discurso deve ser marcado pela seriedade e gravidade, qualquer matéria a ser tratada deve ser digna de atenção. Não deve perder tempo com “feminilidade literária, nem ceticismo crítico”, ele deve falar sobre “assuntos de que estivesse possuído, em que sentisse vivamente”. Dessa forma, o autor de *Um estadista do Império* caracteriza a capacidade oratória de seu pai e, de certa forma, daquelas grandes personalidades do Império brasileiro. O ponto principal, contudo, é a capacidade do

²⁹³ Ibidem, p. 1110.

²⁹⁴ Ibidem, p. 1111.

orador, superior ao auditório que domina, a partir de seu discurso, mas indo além dele, resolver a equação dos acontecimentos:

O que constitui, porém, a sua superioridade indiscutível perante o auditório, é que ele resolve a equação dos acontecimentos; cria e domina a situação nova dos partidos; e a plausibilidade invencível de tudo que ele pretende, o dom da inerrância que parece aderir a tudo que afirma, a sabedoria de cada transação que propõe; é o congraçamento dos espíritos, a boa vontade mútua que se estabelece em redor dele, como se seus discursos fossem *missões parlamentares*, em que os inimigos políticos entregassem as armas e se perdoassem reciprocamente. Isto quer dizer que o triunfo não é dado ao orador pela arte mesma da palavra, que seria importante para tanto, e sim pelo caráter moral do homem, servido pela imaginação e madureza do pensador.²⁹⁵

Se o triunfo do estadista está mais no caráter moral de sua personalidade do que no uso da palavra, o elemento ético não pode ser desprezível na sua conduta. Acostumado ao ambiente político, em que muitas vezes as paixões suspendem um juízo crítico mais criterioso, o estadista precisa ocupar uma posição acima do jogo de interesses e ambições. Se a ele cabe o papel de influir e, de certa forma, determinar o fluxo dos acontecimentos, ele precisa ser “um organizador, um arquiteto político de primeira ordem”:

Antes de tudo, ele pertence ao grupo dos espíritos criadores: pensa por si, tira de si mesmo, tem luz intelectual própria. É um lançador de idéias novas; um criador de situações políticas. [...] Depois, é um organizador, um arquiteto político de primeira ordem. Possui todos os mistérios do direito, todas as ciências do legislador. É um trabalhador incansável, de uma fecundidade múltipla, que dá razão às consultas, às dúvidas, de todas as repartições do estado, como de todos os advogados do foro e de todos os juízes do Império. É um espírito essencialmente governamental; aprecia as medidas e soluções propostas pelo seu lado principal, pela sua conveniência ou perigo para o conjunto dos interesses sociais. Não perde de vista o estado pelo indivíduo, o geral pelo particular.²⁹⁶

Os adjetivos empregados por Joaquim Nabuco ocupam um lugar estratégico na economia de seu texto. O último capítulo de sua obra revela muito mais a admiração do filho pelo pai. Contudo, a fim de preservar a imparcialidade requerida ao historiador, o filho tenta distanciar-se do pai. Isto é, a personalidade traçada de Nabuco de Araújo é sempre ratificada pelos seus contemporâneos, que dão testemunho das qualidades do estadista. Quem fala são eles, não Nabuco. Sendo o objetivo da obra apresentar “a vista lateral de uma época”, através da escrita de uma vida, certo distanciamento era necessário ao autor. Mas como aliar a

²⁹⁵ Ibidem, p. 1114.

²⁹⁶ Ibidem, p.1115.

objetividade imprescindível ao relato que ser quer crível com a admiração e o carinho nutrido pelo ser biografado? A escrita revela a difícil relação entre os limites impostos pela imparcialidade e a subjetividade presente.

Dentro de uma *bios*, encontram-se diferentes maneiras de se relacionar com o passado, o presente e o futuro advindas do contato com diversas experiências alheias ou próprias. Como Koselleck afirmou “Direta ou indiretamente, toda história trata de experiências próprias ou alheias”.²⁹⁷ A narrativa histórica surge primeiramente das experiências das pessoas envolvidas e atingidas. Aqui se pode falar de dois movimentos, a narração de uma experiência e, em igual medida, a experiência do narrador ao narrá-la. A partir da experiência histórica, encontra-se uma experiência de tempo. Isto é, “este tempo, por sua vez, no qual tem lugar a ação de um sujeito, não é simplesmente a temporalidade da natureza, mas sim o tempo próprio da história”:

Esta postura implica em reconhecer a experiência menos como fenômeno do que como conceito que funciona no âmbito da escrita da história, isto é, como parte integrante e constitutiva de um processo de intelecção sobre o real que se dá na maneira expositiva de um texto, não simplesmente como um contato sensorial com a realidade.²⁹⁸

Nesse sentido, a experiência histórica é encarada como conceito privilegiado para o estabelecimento da relação do homem com o tempo. A aproximação dessas duas categorias analíticas permite compreender a pluralidade das histórias narradas. Por mais que a experiência possua um caráter presentista e imediatista, própria do indivíduo que a vivencia, ela sempre estabelece relações com o que sucedeu, seu passado, e o que virá a suceder, seu futuro. Em síntese, a narrativa da experiência realizada no presente se relaciona com o passado e o futuro, nunca estanques, sempre imprevisíveis: “A experiência imediata do presente se alarga em relações com aquilo que a precede e também com aquilo que se espera suceder, não de uma forma estável, mas pela disparidade de modos através dos quais o passado e o futuro se projetam no presente”.²⁹⁹

²⁹⁷ KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre a história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014, p. 33.

²⁹⁸ NICOLAZZI, Fernando Felizardo. **O conceito de experiência histórica e a narrativa historiográfica**. Porto Alegre RS, 2004, p.11. (Dissertação de Mestrado).

²⁹⁹ *Ibidem*, p. 112.

Entre a experiência vivida e relatada por Nabuco de Araújo em seus escritos, documentos e discursos e o contato, mesmo que indireto, de Joaquim Nabuco com essa experiência aliada à sua busca por narrá-la e a própria experiência do autor ao narrá-la, emerge uma narrativa, na qual passado, presente e futuro se entrelaçam. Menos como um espaço de experiência contínuo em que as três ordens de temporalidade – passado, presente e futuro – confundem-se através da exemplaridade, repetição e imitação e mais como um campo inteiramente aberto, mediado, no presente, pelo historiador. Para além da relação entre biógrafo e biografado, também emerge o leitor que, na sua dimensão e vivência individual, pode, a partir da recepção leitora, sempre desfazer certezas, propor novos questionamentos, desconstruir uma aparente solidez e harmonia que o autor poderia achar ter alcançado em sua narrativa.

Por outro lado, a importância do estadista não se resume à época em que ele viveu. Influindo no decurso dos acontecimentos, de certa forma, a história acontece por meio dele ou, pelo menos, as transformações são aceleradas mediante sua participação nos fatos. Torna-se impossível dissociar a história política do Império de sua biografia. Não obstante, a maneira como sua personalidade será vista pode passar por sucessivas reconfigurações em um processo de (re)atualização constante. Acerca disso, indaga-se Joaquim Nabuco: “Qual será sobre essa posteridade a influência de Nabuco, e que lugar lhe reconhecerá ela na constelação do Reinado? Tenderá sua luz a apagar-se ou aumentará de brilho através dos tempos?”.³⁰⁰ A resposta parece estar no método de história a ser adotado:

De certo, se a história política continuar a ser escrita como até agora, se não sair da rotina, se a restauração e as reduções do passado se fizerem sempre pelos mesmos métodos, o nome de Nabuco em poucas gerações terá sido relegado para confins quase invisíveis. A reação, porém, virá no dia em que falarem e escreverem sobre nosso passado espíritos que primeiro se tenham familiarizado, com os originais e documentos que ele nos deixou e possam reconhecer cada individualidade maior por um traço que seja do seu estilo, do seu caráter, do seu modo e fazer a conta da tarefa, do jornal de cada um em sua época.³⁰¹

A esperança de Joaquim Nabuco recai no método histórico. A partir de sua correta utilização, a figura de Nabuco de Araújo poderia avançar cada vez mais entre os grandes estadistas da era imperial. O que chama atenção é que “esse método de estudar a nossa história política do século XIX” em muito se assemelha à maneira como o autor concebeu sua

³⁰⁰ NABUCO, Joaquim. **Um estadista do Império**. op. cit., p. 1118.

³⁰¹ *Ibidem* p. 1125.

obra. Como afirmara no prefácio de *Um estadista do Império*, Joaquim Nabuco debruçou-se sobre uma quantidade enorme de documentos dos mais variados a fim de traçar a personalidade de seu pai paralelamente à história do Brasil imperial.

A relação entre narrativa histórica e diferentes experiências adquiridas possibilitam inserir as narrativas realizadas em um contexto mais amplo. Ou seja, a ênfase em uma análise que parte das próprias obras não desprivilegia o reconhecimento dos diferentes momentos em que os trabalhos foram produzidos. Aqui cabe ressaltar que Pereira da Silva e Joaquim Nabuco, estando em regimes políticos distintos, vivenciaram experiências diferentes quando escreviam as suas obras. O advento do regime republicano, no caso de Nabuco, trouxe um conjunto novo de experiências. Este novo espaço de experiência, diferente do anterior, relaciona-se a um novo horizonte de expectativas do que está por vir. O autor de *Um estadista do Império* escreve em um momento histórico marcado por, sobretudo em seu início, crises e conflitos. E a partir disso, busca contrastá-lo com a “Grande Era Brasileira”. O estadista aparece aqui como a individualidade por meio do qual esse período ganha visibilidade e inteligibilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever uma vida parece uma tarefa quase sempre marcada por um caminho inacessível. Por mais que, ao narrar, alimentemos o desejo de compreender cada vez mais, há, ainda que intimamente apenas, uma sensação de incompletude, a consciência de aqui a vida do outro nos escapa à medida que nos aproximamos dela. Mesmo assim, continuamos narrando, continuamos querendo compreender e saber.

De caráter híbrido, o gênero biográfico passou por sucessivas transformações, caracterizado por uma historicidade em que não faltam questionamentos, embates e ceticismo sobre sua capacidade de cumprir o que se propõe, a saber, narrar a vida de alguém. Em um primeiro momento, tal intento parece simples, quem sabe não basta somente reunir algumas fontes documentais, realizar pesquisas em acervos, se possível conversar com familiares do biografado, uma boa bibliografia complementar etc. A verdade é que, ao nos deslocarmos rumo à existência particular de alguém, notamos e sentimos as dificuldades dessa empresa, o desafio biográfico.³⁰²

A emergência da subjetividade na modernidade aliada à multiplicação de relatos autobiográficos, de perfis de grandes personagens, de diários publicados é sinal indicativo de uma constante renovação e interesse pelo biográfico. Contudo, é necessário admitir que desejamos, em boa parte das vezes, saber do outro, mas para tentar nos compreender um pouco melhor. Ao olhar para o outro, nos construímos e nos definimos por meio de um exercício de alteridade, seja por diferenciação ou assimilação, de uma vida que não nos pertence. E isso vale tanto para o leitor quanto para o biógrafo, sobre o qual podemos nos questionar a respeito de suas escolhas, o porquê de seu empreendimento, sua metodologia de trabalho, a forma como usa as fontes, por exemplo.

Ambicionando um discurso verdadeiro, ao mesmo tempo em que não esconde sua vocação romanesca, a escrita biográfica ocupa uma posição, por vezes incômoda, entre a verdade e a imaginação. A dimensão *ficcional* da biografia ganha força à medida que o biógrafo se depara, por exemplo, com as lacunas documentais que o impossibilitam de encontrar respostas para as suas perguntas. Não obstante, questão cara também à pesquisa histórica, o historiador e o biógrafo, admitindo o pólo imaginativo de seus trabalhos, compartilham o fato de que a intenção de seus discursos é a verdade e pressupõe a sua busca.

³⁰² DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. op. cit.

Seja como vocação romanesca, seja como tentativa de oferecer exemplos do passado aos seus leitores, seja como puro deleite, a escrita biográfica possui uma historicidade própria povoada, como já afirmado anteriormente, por tensionamentos. Um dos seus exemplos mais sintomáticos refere-se à tão debatida e conhecida crítica feita pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu:

“Falar de história de vida é pelo menos supor – e isso não é pouco – que a vida é uma história e que [...] uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história”.³⁰³

A crítica feita por Bourdieu acerca de uma aparente “ilusão biográfica” nas escritas de vidas representou uma das maiores controvérsias sobre os estudos biográficos.³⁰⁴ A crítica se dirige à “história de vida” considerada como “história de uma vida”, caracterizada como o relato de uma trajetória que se desenvolve de forma lógica, coerente e cronológica, dotada de sentido, já dada *a priori*, em uma criação artificial que busca a conexão dos acontecimentos entre si, algo nem sempre factível ou mesmo existente. Ao contrário, ele propõe compreender as trajetórias individuais como uma “série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações.”³⁰⁵

O curto texto de Bourdieu, aprofundado posteriormente³⁰⁶, aponta para algo interessante e que talvez não tenha sido muito bem compreendido na época de sua divulgação: a construção de uma espécie de ficção de si. Em outras palavras, a atribuição de sentidos e de coerência aos acontecimentos considerados pelo narrador, sejam eles referentes a si ou a outros, como os mais significativos de sua história, apoia-se em uma totalização e unificação do sujeito objeto da narrativa. Ao invés disso, devia-se mostrar o “making” do indivíduo, em que o significado da sua existência se dá em seu próprio devir. O sociólogo francês antes de ser um pensador refratário e resistente à utilização do método (auto)biográfico, ao divergir

³⁰³ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

³⁰⁴ O historiador Benito Bisso Schmidt, em *Biografia e regimes de historicidade*, aborda as principais controvérsias que cercaram os estudos biográficos, além de propor alternativas para superá-las. SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. **Métis – História & Cultura**, v.2, n.3, p. 57-72, jan./jun. 2003.

³⁰⁵ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. op. cit., p. 189.

³⁰⁶ BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

sobre algumas de suas premissas, possibilita a renovação de sua prática. Quer dizer, a heterogeneidade de opiniões acerca do método, ao serem incorporadas, acaba por apontar para novas direções. É esse aspecto da crítica bourdieuana que importa aqui. Longe de afastar historiadores e biógrafos das escritas de vida, o texto de Bordieu os desafiou e levou-os a pensar o biográfico em outros termos, por outros caminhos, reatualizando e ressignificando a sua prática.

Contar algo sobre a vida de um outro não se refere a um processo de escrita neutro que terminará por enaltecer ou depreciar alguém mediante sua própria trajetória existencial. Escrever vidas implica revelar as contradições inerentes ao ser humano. O biógrafo, assim como o historiador, alia sentimento com erudição, crítica com método, o prazer do texto com certo dever de memória. A centralidade no sujeito conduz a pensar o biográfico a partir da relação entre escrita e vida, escrita e indivíduo.

Tanto no passado quanto no presente, portanto, observa-se a importância conferida à escrita biográfica. Longe de ocupar uma posição secundária, ela estará permeada pelos debates advindos do seu contexto de produção. No Brasil oitocentista, por exemplo, a escrita de vidas, no caso a dos brasileiros considerados ilustres, é submetida a procedimentos e regras de uma operação historiográfica que tinha no projeto de nação a sua teleologia. À medida que o conhecimento histórico vai se institucionalizando, passando por constantes processos de construção e validação, as biografias compartilham com a história os mesmos desafios.

No primeiro capítulo deste trabalho buscou-se demonstrar a importância da prática biográfica na tarefa de construir a história da nação. O tempo, por assim dizer, da nação aparece como fio condutor para uma narrativa que almeja, mediante um olhar para o passado, a constituição e o engrandecimento da pátria. Vinculada à retórica da nacionalidade, a produção de biografias associa-se a uma concepção de história que não recusa seu papel de *magistra vitae*, oferecendo modelos de conduta cívica. Com isso, a importância da escrita biográfica, juntamente com a valorização do estudo e da pesquisa histórica, reside no fato de ser por meio dela que o sentimento patriótico poderia se manifestar. Os heróis da pátria deveriam ter suas vidas reconstituídas para a preservação de suas memórias, contribuindo, ao terem suas vidas narradas, para fomentar um apreço pela nação. Daí também a importância das breves notícias biográficas presentes nas primeiras tentativas de compilações e divulgações das obras poéticas do passado do país.

Por outro lado, como se observou, a permanência de uma concepção de história enquanto mestra da vida, e as biografias estavam vinculadas a essa concepção, em uma experiência histórica diferente daquela da qual provém o *topos ciceroniano* e em um período no qual se verifica a emergência de uma ideia de história menos como portadora de exemplos e sim enquanto coletivo singular, nos convida a indagar de que modo essas mudanças foram percebidas e processadas pelos letrados oitocentistas. O que ocorreu foi a manutenção e a expansão de certos fragmentos da expressão do *topos* que foram fundamentais para a constituição dos estados nacionais no século XIX. A permanência da expressão *historia magistra vitae* na modernidade relaciona-se a demandas específicas que os letrados luso-brasileiros tiveram de se deparar, a saber, a necessidade de atingir um contingente muito maior de pessoas em um contexto de relativização de valores. Como afirmara Porto-Alegre “a pedagogia do exemplo destinava-se ao conjunto da sociedade, não podendo confinar-se ao círculo interno”.³⁰⁷ Contudo, é necessário atentar, de acordo com Temístocles Cezar, para o fato de que a noção de *historia magistra vitae* é marcada mais pelo signo da (in)definição, tanto política quanto epistemológica do que pela dicotomia permanência *x* dissolução.³⁰⁸

Na medida em que avançamos em nossa análise da produção biográfica no Brasil oitocentista, percebe-se uma tímida modulação do gênero. Ao lado dos objetivos já vislumbrados na escrita biografia, vinculados à temática nacional, observa-se um alcance mais ampliado almejado nas narrativas de vida. Em outras palavras, junto a uma produção voltada para um sentido moralizante, encomiástico e memorialístico, há a ambição, na prática biográfica, do fornecimento de chaves heurísticas para a apreensão e representação do passado. A partir dos autores estudados no segundo capítulo desta tese, pode-se afirmar que, sem a recusa da *historia magistra vitae* e o papel das biografias no oferecimento de condutas cívicas a imitar, existe a crença na possibilidade de apreensão e conhecimento do passado a partir das escritas de vida. Com isso, o individual e o coletivo, a singularidade de uma existência e sua relação com o seu contexto são de extrema importância para os historiadores-biógrafos citados, sobretudo João Manuel Pereira da Silva e Antônio Henriques Leal.

Da mesma maneira como demonstrado no primeiro capítulo deste trabalho, não há a recusa da possibilidade de se aprender com a história, estando as biografias relacionadas a essa noção conforme já afirmamos. No entanto, existe, na ausência de melhores termos, uma

³⁰⁷ Ver nota 128.

³⁰⁸ CF. CEZAR, Temístocles. “*Historia magistra vitae*. Ensaio sobre a (in)definição do topos nos projetos de escrita da história”. op. cit., p. 28.

reatualização da *historia magistra vitae*, na qual, a partir da escrita biográfica, o passado se personifica e, de certa forma, se individualiza e se povoa de rostos e vozes.³⁰⁹ Mesmo em um momento, seguindo as ideias propostas por Koselleck, no qual se verifica o surgimento de uma nova experiência histórica, oriunda da modernidade, e, junto a ela, uma concepção diferente do tempo histórico em que progresso e processo caminham juntos, e a história passa a ser vista como uma flecha apontando para o porvir, dando-se ênfase a noções coletivas e com a crescente importância dada as grandes filosofias da história, a dimensão individual permanece resguardada. A porta de acesso ao passado está presente no “pequeno x”. É ele o princípio orientador da narrativa auxiliando na sua não fragmentação.

Na tentativa de desvendar os múltiplos fios que relacionam o indivíduo ao seu contexto, Joaquim Nabuco debruçou-se sobre a história de seu pai, conforme observado no terceiro capítulo desta tese. Em *Um estadista do Império*, a mudança de ênfase na escrita biográfica, que apenas timidamente observou-se nos trabalhos de Pereira da Silva e Henriques Leal, atinge um nível maior. Sendo Nabuco de Araújo um grande estadista do Segundo Reinado, sua vida torna-se importante quando inserida em um contexto mais ampliado. O elogio de José Veríssimo direcionado a Joaquim Nabuco ressalta justamente esse ponto. “Qualquer que seja a eminência de um homem, de um homem de estado principalmente, ele não vale, e sobretudo não interessa, senão nas suas relações com o seu meio e época ou com a sociedade em geral, conforme a intensidade de sua ação, e o modo por que lhe sofreu as reações ou agiu nela”.³¹⁰ Para Joaquim Nabuco, o seu principal intento era expor o quadro de uma época, mesmo que sua “vista lateral”. Contrastando-a com o regime republicano, Nabuco realiza um movimento constante entre ser historiador e ser biógrafo. A inteligibilidade do passado é alcançada por meio da possibilidade de acesso a épocas pretéritas.

Em síntese, a partir das diferentes modulações subjacentes à escrita biográfica encontradas no período aqui estudado foi possível observar que as aproximações entre biografia e história não se estabeleceram por uma única diretriz. Os debates, as controvérsias e as críticas dirigidas às relações existentes entre a escrita biográfica e a histórica no Brasil oitocentista demonstram os intrincados caminhos pelos quais ambos os gêneros passaram a partir de novos engendramentos entre o passado, o presente e o futuro.

³⁰⁹ Ver nota 205.

³¹⁰ VERÍSSIMO, José. “Um historiador político. O Sr. Joaquim Nabuco”. op. cit., p. 1309.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes primárias:

ARARIPE, Tristão de Alencar. “Indicações sobre a história nacional”. **RIHGB**, 1894 (2a parte), p. 259-290.

ASSIS, Machado de. “Machado de Assis comenta *Um estadista do Império*”. In: NABUCO, Joaquim. **Um estadista do Império**. Rio de Janeiro:Topbooks, 1997. 2 v, p. 1276-1286

BARBOSA, Januário da Cunha. “Discurso”. In: **Revista do IHGB**, 1839, p. 9-18.

_____. Parnaso Brasileiro. In: ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. **O berço do cânone**: textos fundadores da história da literatura brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, p. 75-85.

FAORO, Raymundo. “História e Arte”. In: NABUCO, Joaquim. **Um estadista do Império**. Rio de Janeiro:Topbooks, 1997. 2 v, p. 21-31.

LEAL, Antônio Henriques & CASTRO, Luís Carlos Pereira de. In: **Obras de João Francisco Lisboa**. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1864.

LEAL, Antônio Henriques. “Notícia acerca da vida e obras de João Francisco Lisboa”. In: **Obras de João Francisco Lisboa**. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1864, p. vi-ccm.

MACEDO, Joaquim Manoel de. **RIHGB**, t.XV, 1852, p. 483-519.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. Ensaio sobre a história da literatura do Brasil. **Nitheroy: revista brasiliense, sciencias, letras e artes**, t. 1, n. 01, 1836, p. 132-159.

MATTOS, Raymundo José da Cunha. BARBOZA Januário da Cunha. “Breve noticia sobre a criação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro”. **RIHGB**, 1839, p. 5-9.

MELLO, Evaldo Cabral de. Um livro elitista? In: NABUCO, Joaquim. **Um estadista do Império**. Rio de Janeiro:Topbooks, 1997. 2 v, p. 1321-1327.

NABUCO, Joaquim. **Um estadista do Império**. Rio de Janeiro:Topbooks, 1997. 2 v.

_____. **Diários**. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2006.

_____. **Minha formação**. Brasília: Senado Federal, 1998.

PINHEIRO, José Fernandes Feliciano. “Discurso”. In: **RIHGB**, 1842, p. 2-4 (suplemento).

PINHEIRO, José Feliciano Fernandes. “Discurso de abertura recitado pelo presidente”. **RIHGB**, 1839, p. 209-212.

PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, 1864, parte II, p. 393-402.

PORTO ALEGRE, Manuel Araújo. Iconographia Brazileira. **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro, tomo 19, n. 23, p. 349-378, 1856.

SANTOS, Prezalindo Lery. **Pantheon Fluminense. Esboços biographicos**. Rio de Janeiro: Tip. G. Leuzinger & Filhos, 1880.

SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da língua portuguesa composto pelo padre Rafael Buteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva**. Disponível em: www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00299210.

SILVA, Innocencio Francisco da. **Diccionario bibliographico portuguez**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1927.

SILVA, João Manuel Pereira da. “Estudos sobre a literatura”. In: **Nitheroy: revista brasiliense, sciencias, letras e artes**, t. 1, n. 02, 1836, p. 214-243.

_____. **História da fundação do Império brasileiro**. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1864-1868. 7 v.

_____. **Memórias de meu tempo**. Brasília: Senado Federal, 2003.

_____. “Parnaso Brasileiro”. In: ZILBERMANN, Regina; MOREIRA, M. Eunice. **O berço do cânone: textos fundadores da história da literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, p. 143-181.

_____. **Plutarco Brasileiro**. Rio de Janeiro: Em Casa dos Editores Eduardo e Henrique Laemmert, 1847. 2 v

_____. **Os varões illustres do Brazil durante os tempos colôniaes**. Pariz : Livraria de A. Franck..., : Livraria de Guillaumin..., 1858. 2 v.

PARECERES DE COMISSÃO OU COMISSARIOS ESPECIAES. **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro, tomo 29, 1866, p. 373-430.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Florilégio da poesia brasileira”. In: ZILBERMANN, Regina; MOREIRA, M. Eunice. **O berço do cânone**: textos fundadores da história da literatura brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, p. 209-267.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). Rio de Janeiro: José Olympio Editôra, 1954.

_____. “Um historiador político. O Sr. Joaquim Nabuco”. In: NABUCO, Joaquim. **Um estadista do Império**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997. 2 v, p.1293-1315.

FILHO, Luís Viana. “Os biógrafos e a biografia”. In: BRITO, Luis Navarro. **Luiz Viana Filho**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978, p. 45-58.

Bibliografia geral:

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

ALONSO, Ângela. Apropriação de Idéias no Segundo Reinado. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo. **O Brasil Imperial. Vol. III – 1870-1889**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____. **Idéias em Movimento**: a geração 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. 348 p

ARISTÓTELES. **De anima: livros I, II e III**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2012.

ARAUJO, Valdei Lopes de. **A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação brasileira (1813-1845)**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

_____. “Sobre a permanência da expressão *historia magistra vitae* no século XIX brasileiro”. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAUJO, Valdei Lopes de. (orgs.). **Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011

ARENDDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BANN, Stephen. **As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.

_____. **The clothing of clio: a study of the representation of history in nineteenth-century Britain and France**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

BEVERNAGE, Berber; LORENZ, Chris. Breaking up time: negotiating the borders between present, past and future - an introduction. In: BEVERNAGE, Berber; LORENZ, Chris (Orgs.). **Breaking up time: negotiating the borders between present, past and future**. Göttingen: Vandenhoeck and Ruprecht, 2013.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: J. Zahar, c2002

BOEIRA, Luciana Fernandes. Dois mundos em revista: visões e influências da historiografia francesa para a escrita da história do Brasil oitocentista, **Revista de Teoria da História**, 11, maio/2014, p. 11-38.

BONNET, Jean-Claude. **Naissance Du Panthéon: essai sur Le culte dès grands hommes**. Paris: Fayard, 1998.

BOSI, Alfredo. “As fronteiras da literatura”. In: BOSI, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Editora 34, 2015, p. 221-234.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Meditações pascalianas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem**: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CATROGA, Fernando. O magistério da história e exemplaridade do “grande homem”: a biografia em Oliveira Martins. In: PÉRES JIMÉNEZ, Aurélio; FERREIRA, José Ribeiro; FIALHO, Maria do Céu (Coord.). **O retrato literário e a biografia como estratégia de teorização política**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Universidade de Málaga, 2004, p. 243-288.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

CEZAR, Temístocles. A retórica da nacionalidade de Varnhagen e o mundo antigo: o caso da origem dos tupis. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (Org.). **Estudos sobre a escrita da história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p. 29-41.

_____. "Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual", PESAVENTO, S. J. (org.) **História cultural. Experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. da Universidade (UFRGS), 2003, p. 173-208.

_____. "*Historia magistra vitae*. Ensaio sobre a (in)definição do topos nos projetos de escrita da história". In: PROTÁSIO, Daniel Estudante (Org.). **Historiografia, Cultura e Política na Época do Visconde de Santarém (1791-1856)**. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2019, p. 21-44

_____. **L'écriture de l'histoire au Brésil au XIX siècle**: Essai sur une rhétorique de la nationalité. Le cas Varnhagen. 2002. Tese (Doutorado) – EHESS, Paris.

_____. "Lição sobre a escrita da história. Historiografia e Nação no Brasil do século XIX", **Diálogos**. Revista do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá/PR, v.8, n.1, 2004, pp. 11-29.

_____. Lições sobre a escrita da história: as primeiras escolhas do IHGB. A historiografia brasileira entre os antigos e os modernos. In: DAS NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira; GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal; GONÇALVES, Marcia de Almeida;

GONTIJO, Rebeca (Orgs.). **Estudos de historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: FGV, 2011. p

_____. "Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX". **Métis. História & Cultura**, v.2, n.3, jan./jun., 2003, pp. 73-94.

_____. "O poeta e o historiador. Southey e Varnhagen e a experiência historiográfica no Brasil do século XIX. **História Unisinos (São Leopoldo)** v. 11, n. 3, p. 306-312, Setembro/Dezembro de 2007.

_____. **Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

DALL AGNOL, Rafael Terra. **BIOGRAFAR, IMAGINAR, ESCREVER: Escrita Biográfica e Imaginação Histórica em João Manuel Pereira da Silva (1817-1898)**. 2017. Monografia (Dissertação de Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

DEL PRIORE, Mary. "Biografia, biografados Uma janela para a história". In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018, pp. 73-90.

DE SOUZA, Adriana Barreto; LOPES, Fábio Henrique. **Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema**. 2012. p. 26-37. Disponível em: <<http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/473>>. Acesso em: 8 jan. 2019.

DOSSE, François. História e historiadores no século XIX. In: MALERBA, Jurandir. **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 15-32.

_____. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: EDUSP, 2009.

ENDERS, Armelle. "João Pereira da Silva, Francisco Adolfo Varnhagen et lês malheurs de l'histoire moderne du Brésil". **Revista de História (RH)**, edição especial – 1º de semestre de 2010 – antigos, modernos e selvagens, p. 115-129.

_____. **Os vultos da nação: fábrica de heróis e formação dos brasileiros**: Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

_____. “O Plutarco Brasileiro”. A produção dos Vultos Nacionais no Segundo Reinado”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 25, 2000, p. 41-61.

GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (org.). **O Brasil Imperial**. Vol. II e III. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

GUIMARÃES, M. L. S. “Entre as Luzes e o Romantismo: as tensões da escrita da história no Brasil oitocentista”. In: **Estudos sobre a escrita da história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p. 68-85.

_____. **Historiografia e nação no Brasil: 1838-1857**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

_____. **Livro de fontes de historiografia brasileira**. RJ: EdUERJ, 2010.

_____. “Nação e civilização nos trópicos: o IHGB e o projeto de uma História Nacional”, **Estudos Históricos**, RJ, 1, 1998, p. 5-97.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa**. RJ: EdUERJ, 2009.

_____. “Narrativa biográfica e escrita da história: Octávio Tarquínio de Sousa e seu tempo”. **Revista de História, Dossiê "São Paulo – 450 Anos"**, v.1 n. 150, 2004, p. 129-155.

HARTOG, François. **Crer em história** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. **Evidência da história: o que os historiadores vêem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

_____. **Regimes de historicidade: presentismo e experiência do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. Plutarque entre les anciens ET les modernes. In: **PLUTARQUE. Vies parallèles**. Paris: Gallimard, 2001, pp. 9-49.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre a história.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

KOSELLECK, Reinhart... [et al.]. **O conceito de história.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. **Futuro passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

_____. **The practice of conceptual history:** timing history, spacing concepts. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 2002.

LORIGA, Sabina. Des possibilites d'une historie biographique. **Comunicação apresentada na conferência proferida em 25 de setembro de 2006 no IFCH/UFRGS.**

LORIGA, Sabina. **O pequeno x:** da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MALERBA, Jurandir (org). **Lições de historia.** Rio de Janeiro/Porto Alegre: FGV/PUCRS, 2010.

MARTINS, Estevão de Rezende. **A história pensada:** teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2010.

MARSON, Izabel Andrade. **Política, história e método em Joaquim Nabuco:** tessituras da revolução e da escravidão. Uberlândia: EDUFU, 2008.

MOMIGLIANO, Arnaldo. "Time in Ancient Historiography." **History and Theory** , 1966, p.1-23.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O tempo saquarema.** SP: Editora Hiucitec/INL, 1987.

MOTA, Carlos Guilherme (org.). **Viagem Incompleta. A experiência Brasileira. Formações: histórias.** São Paulo: Editora Senac, 1999.

_____. **Viagem Incompleta. A experiência Brasileira. A grande transação.** São Paulo: Editora Senac, 2000.

NICOLAZZI, Fernando Felizardo. **O conceito de experiência histórica e a narrativa historiográfica**. Porto Alegre RS, 2004. (Dissertação de Mestrado).

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre História**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005.

OLIVEIRA, Maria da Glória. “Biografia e historia magistra vitae; sobre a exemplaridade das vidas ilustres no Brasil oitocentista”. **Anos 90 (Online)** (Porto Alegre), v. 22, p. 273-294, 2015

_____. **Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

_____. Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1850). **HISTÓRIA**, SÃO PAULO, v. 26, n. 1, p. 154-178, 2007.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

RODRIGUES, José Honório. “O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”. In: RODRIGUES, José Honório. **A pesquisa histórica no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional/MEC, 1978, pp. 37-40.

SANTOS, Fábio Muruci dos. “História, biografia e nação na Argentina no início do século XX: Sarmiento lido por Ricardo Rojas”. **História da Historiografia, Dossiê “Historiografia na América Espanhola”**, v. 4 n. 7, 2011, p. 116-133.

SANTOS, Evandro dos. **Tempos da pesquisa, tempos da escrita: a biografia em Francisco Adolfo Varnhagen (1840-1873)**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. (Dissertação de Mestrado).

SCHMIDT, Benito Bisso. “A biografia histórica: o ‘retorno’ do gênero e a noção de ‘contexto’”. In: GUAZELLI, César Augusto Barcelos et al. (org.). **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

_____. “Biografias históricas: o que há de novo?”. In: Peres, Ariel José; GANDRA, Edgar Ávila; COSTA, Flamarion Labada e SEBIAN, Raphael Nunes Nicoletti (orgs.). **História, linguagens, temas: escrita e ensino da História**. Guarapuava: Unicentro, 2016, p. 59-70.

_____. “Biografia e Regimes de Historicidade”. **Métis. História & Cultura**, v.2, n.3, jan./jun., 2003, pp. 57-72.

_____. Contar vidas em uma época presentista: A polêmica sobre a autorização prévia. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018, pp. 17-32.

_____. “O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação”. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 6, dezembro, 1996, p. 165-192.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira “A biografia antiga: o caso de Plutarco”. **Métis. História & Cultura**, v.2, n.3, jan./jun., 2003, pp. 23-34.

SOUZA, Adriana Barreto; LOPES, Fábio Henrique. “Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema”. **História da Historiografia, Dossiê “História e biografia: aproximações, desafios e implicações teóricas no campo historiográfico”**, n. 9, 2012, pp. 26-37.

VEYNE, Paul. **Acreditaram os gregos nos seus mitos?** Lisboa: Edições 70, 1987.

ZILBERMANN, Regina; MOREIRA, M. Eunice. **O berço do cânone: textos fundadores da história da literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

ANEXOS

PLUTARCO BRASILEIRO

POR

J. M. PEREIRA DA SILVA

I



RIO DE JANEIRO

EM CASA DOS EDITORES

EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT

RUA DA QUITANDA, N.º 77

1847

Capa da primeira edição de
Plutarco Brasileiro (1847)
Fonte: Biblioteca Brasiliana da USP

A S. M. I.

O SENHOR DOM PEDRO SEGUNDO

Ø. Ð. e Ç.

O AUCTOR

Esta Obra , como signal de alta consideração , respeito profundo,
e sincero amor, que LHE tributa na qualidade de

Subdito humilissimo

Rio de Janeiro, 1.º de Outubro de 1846.

JOÃO MANUEL FERREIRA DA SILVA.

Página inicial da primeira edição de
Plutarco Brasileiro (1847)
Fonte: Biblioteca Brasileira da USP

PLUTARCO BRASILEIRO

POR

J. M. PEREIRA DA SILVA

II



RIO DE JANEIRO

EM CASA DOS EDITORES.

EDUARDO e HENRIQUE LAEMMERT

RUA DA QUITANDA, N.º 77

Capa da primeira edição do segundo volume de
Plutarco Brasileiro (1847)

Fonte: Biblioteca Brasileira da USP

OS
VARÕES ILLUSTRES
DO BRAZIL
DURANTE OS TEMPOS COLONIÁES.
I.

Digitized by Google

Capa da primeira edição de
Os varões illustres do Brasil durante os tempos coloniães (1858)
Fonte: Biblioteca Central da UFRGS

L'histoire n'a point de partie plus agréable et plus instructive que la vie particulière des grands et vertueux personnages qui ont fait figure distinguée sur le théâtre du monde.

VICTOR COUSIN

PARIZ. — NA IMPRENSA DE HENRIQUE PLOX, IMPRESSOR DO IMPERADOR,
rua Garancières, 8.

Página inicial da primeira edição de
Os varões illustres do Brasil durante os tempos coloniães (1858)
Fonte: Biblioteca Central da UFRGS

VARÕES ILLUSTRES

DO BRAZIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIÁES

POR

J. M. PEREIRA DA SILVA.

TOMO PRIMEIRO.

PARIZ

LIVRARIA DE A. FRANCK,
RUA DE RICHELIEU, Nº 67.

LIVRARIA DE GUILLAUMIN ET C^o,
RUA DE RICHELIEU, Nº 14.

1858

H:

Digitized by Google

Os varões illustres do Brasil durante os tempos coloniães (1858)

Fonte: Biblioteca Central da UFRGS

Sacramento Blake

DICCIONARIO
BIBLIOGRAPHICO BRAZILEIRO

3^o Vol.
Reimpressão de Off.set

Diccionario bibliogràphico brasileiro (1895)
Fonte: Biblioteca Brasileira da USP

BIBLIOGRAPHICO BRAZILEIRO

PELO DOUTOR

Augusto Victorino Alves Sacramento Silveira

NATURAL DA BAHIA

—

TERCEIRO VOLUME



RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL

1895

1057 - 94

Diccionario bibliographico brasileiro (1895)

Fonte: Biblioteca Brasiliana da USP

DICCIONARIO
BIBLIOGRAPHICO PORTUGUEZ

ESTUDOS

DE

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA

APPLICAVES

A PORTUGAL E AO BRASIL

—

Indecti discant, et amant meminisse pariti.

E os que depois de nós virem, vejam
Quanto se trabalhou por seu proveito,
Porque elles para os outros así sejam.

FRANCA, Ger. 3.^a de liv. 1.^o

TOMO TERCEIRO

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL

M DCCC LIX

Diccionario bibliographico portuguez (1858-1927)
Fonte: Biblioteca Brasileira da USP

UM ESTADISTA DO IMPERIO
NABUCO DE ARAUJO

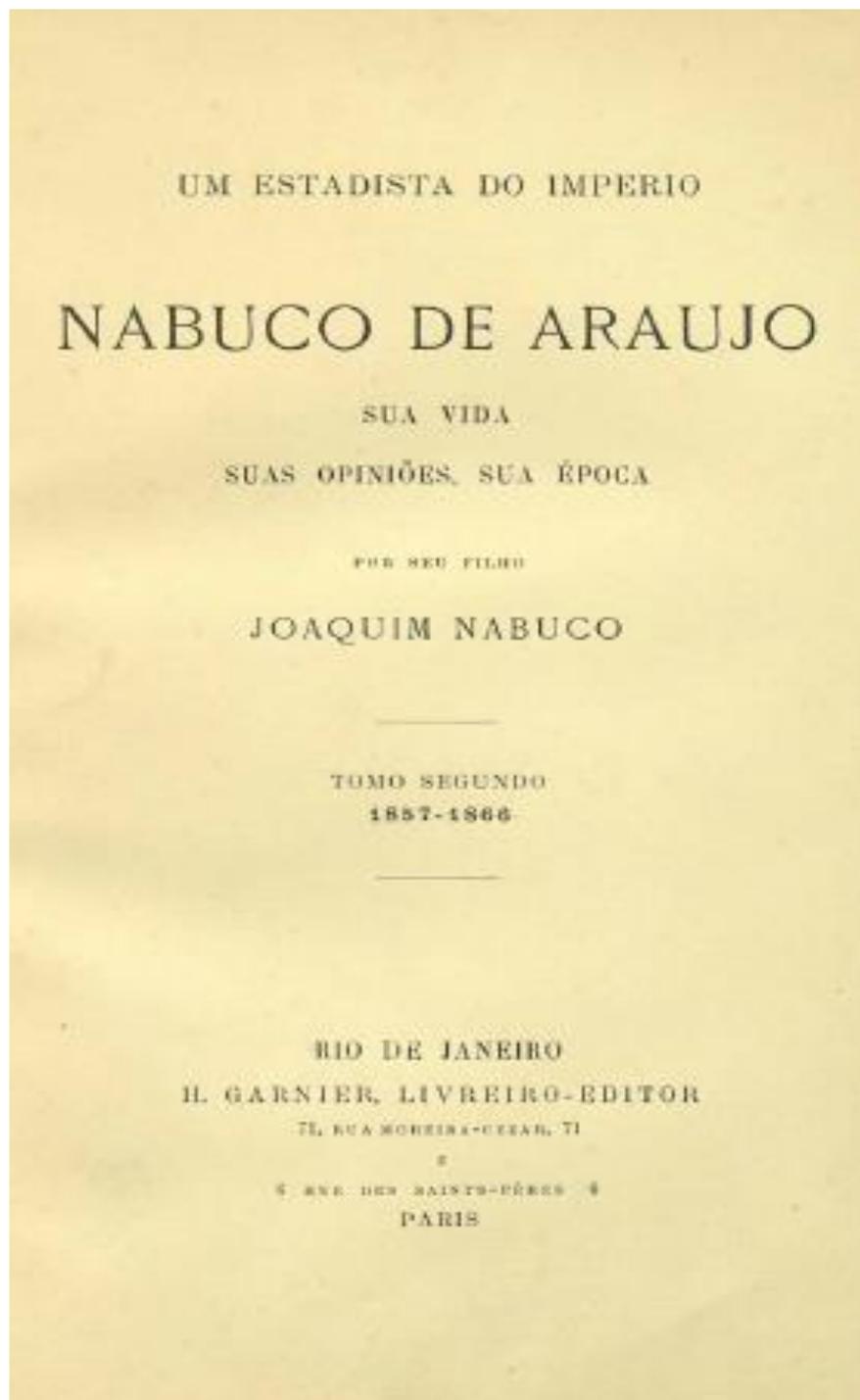
SUA VIDA
SUAS OPINIÕES, SUA ÉPOCA

POR SEU FILHO
JOAQUIM NABUCO

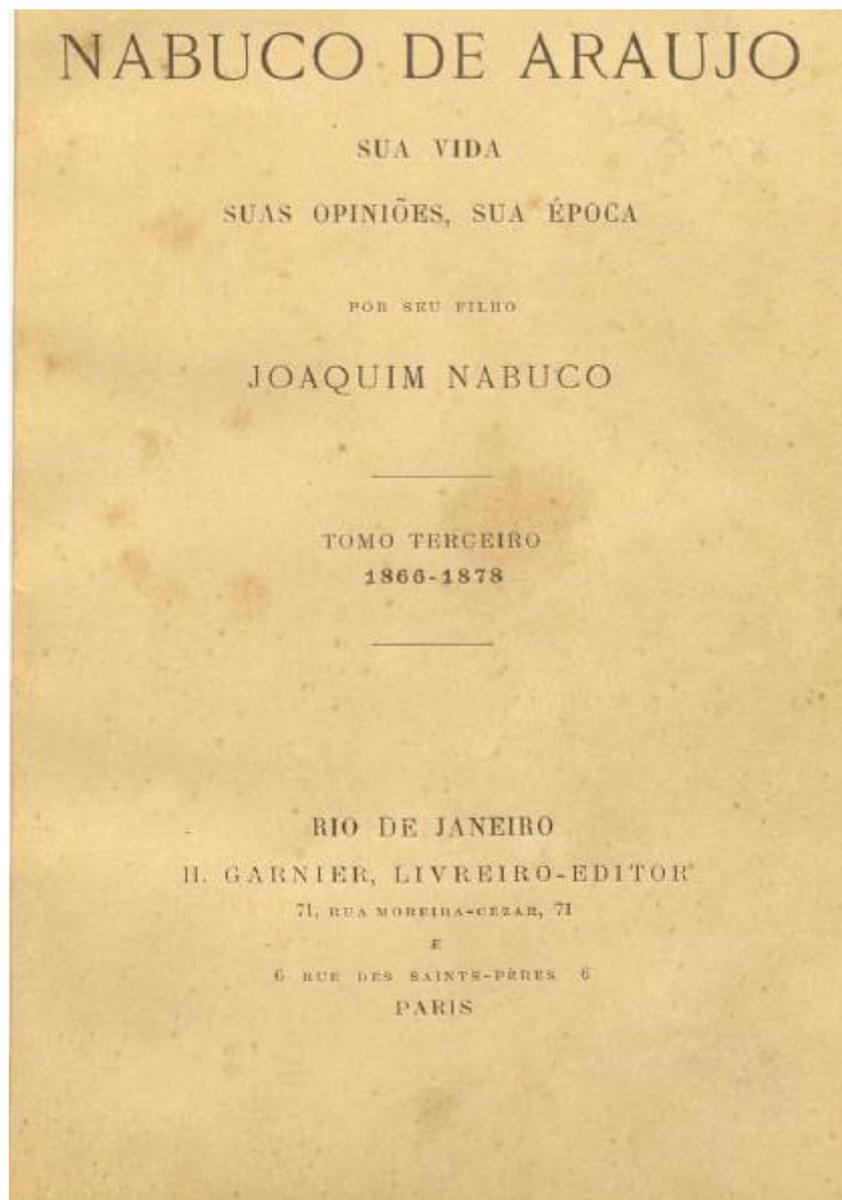
TOMO PRIMEIRO
1813-1857

RIO DE JANEIRO
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR
71, RUA MOREIRA-CEZAR, 71
E
6 RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

Capa da primeira edição de
Um estadista do Império (1897)
Fonte: Biblioteca Brasileira da USP



Capa da primeira edição de
Um estadista do Império (1897) – Segundo Tomo
Fonte: Biblioteca Brasileira da USP



Capa da primeira edição de
Um estadista do Império (1897) – Terceiro Tomo
Fonte: Biblioteca Brasileira da USP